O viajante, a vila na curva e outras viagens

ÍKAROS
SELO LITERÁRIO
EDITORA MILFONTES

Copyright © 2021, Ricardo Coelho dos Santos.
Copyright © 2021, Editora Milfontes.
Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.
Compra direta e fale conosco: https://editoramilfontes.com.br
Distribuição nacional em: www.amazon.com.br
editor@editoramilfontes.com.br
Brasil

Editor Chefe
Bruno César Nascimento

Conselho Editorial
Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)
Profª. Drª. Helena Miranda Mollo (UFOP)
Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
Profª. Drª. Karina Anhezini (UNESP - França)
Profª. Drª. Maria Beatriz Nader (UFES)
Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
Profª. Drª. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)
Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
Profª. Drª Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

Ricardo Coelho dos Santos

O viajante, a vila na curva e outras viagens

ÍKAROS
SELO LITERÁRIO
EDITORA MILFONTES

Editora Milfontes
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão
De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa
Imagem da capa:
Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*
Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração
Anderson Patrick Ferreira Alves

Impressão e Acabamento
Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237v SANTOS, Ricardo Coelho dos.
O viajante, a vila na curva e outras viagens/ Ricardo Coelho dos Santos
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
212 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-97-2

1. Literatura 2. Viagem 3. Contos I. Santos, Ricardo Coelho dos
II. Título.

CDD B869.3

É impossível observar um fenômeno sem o interferir.

Sumário

Prefácio..... 9

A vila na curva..... 11

Olhares 95

Contemplando o eterno 139

Final de jornada 207

PREFÁCIO

Talvez a mais rica de todas as viagens não seja a que realizamos por paisagens paradisíacas, nem a mais difícil seja a que nos leva através dos mais áridos desertos ou aos altos cumes das montanhas.

O caminho mais rico, mas ao mesmo tempo mais árduo é o que nos leva ao interior da alma humana.

Para esta jornada precisamos, além do olhar atento, correr o risco de nos expor, permitindo que pelo curto período do encontro, tenhamos a oportunidade de percorrer os caminhos com as sandálias de nosso interlocutor e olhar a paisagem com seus olhos. Sem julgamentos. Sem interferências.

São estas preciosas e raras jornadas que encontramos nas páginas deste livro. Seja na Vila da Curva, nos Andes ou nas *calles* de Montevidéu, nos deparamos com histórias de seres humanos únicos, mas extremamente reais, que nos deixam sempre em dúvida se são realmente fictícios ou se foram apenas transportados para a ficção para o deleite do leitor.

Ao invés de encontrar um livro de viagens que nos transporta por planícies tranquilas, praias alegres, abismos agressivos ou pântanos assustadores, nos deparamos com o relevo repleto de altos e baixos, de encantos e desencantos, de venturas e desventuras, do belo e do feio dos vários personagens que passam por nós como paisagens em uma viagem de férias.

Algumas histórias, pela sua riqueza e pela sensibilidade do protagonista – não será ele próprio um *alter ego* do autor? – são contadas mais de uma vez, cada vez sob o ponto de vista de um novo olhar, exatamente como quando contemplamos um lago, ora sereno numa tarde plácida de sol, ora agitado e assustador, quando uma tempestade se aproxima.

Quando um livro cativa, todo leitor oferece ao autor a permissão para entrar dentro de si. Ricardo Coelho aceita este convite, gentilmente mergulha dentro de nós, e nos trazendo a tona a percepção rica de que também somos seres de muitas histórias, que podem ser contadas e escutadas muitas vezes, cada vez de forma diferente, dependendo de quem conta e dependendo de quem escuta.

É uma história de várias histórias. Que você possa percorrê-las com o deleite de um viajante.

Dr. Altamiro Vilhena

A VILA NA CURVA

Existem dois tipos de viagem.

O primeiro é quando o viajante é chamado de *passageiro*. Ele sabe aonde quer ir e deseja ou precisa atingir seu destino. Entra num ônibus ou trem, embarca num avião ou num navio e se deixa levar. O condutor, piloto, guia ou quem quer que seja é que se ocupa em chegar ao final da viagem. O passageiro, sem nenhuma função a desempenhar, se deixa relaxar; embarca bem acordado e geralmente só volta a ligar a si no destino. Pode ser que pare no caminho, quando a condução é um ônibus, mas, na maior parte do tempo, está limitado na poltrona que ocupa ou, quem sabe, numa cabine, com maior grau de liberdade.

Para os ônibus em particular, como foi a estrada, que paisagens e obstáculos tinham pela frente, se os carros que atrapalhavam o ritmo da viagem poderiam ser ou não ultrapassados nos lugares e momentos mais corretos, tudo isso somente o motorista sabe. Os passageiros, no máximo, vislumbram descansadamente um trecho da paisagem.

Para automóveis, um tipo especial de passageiro é o carona. Ele participa da viagem um pouco mais. Nada além disso.

Eu faço o segundo tipo de viagem. Preferi ser o dono do meu destino. Quero sentir as curvas que encontro, pisar no acelerador para ultrapassagens, algumas perigosas, mas consciente do risco que tomo e arcar sozinho com as consequências de minhas loucuras:

viagens mais caras com pagamento de combustível, risco, inclusive, de não encontrar gasolina nenhuma para meu carro, paradas para ir ao banheiro e até descansar.

Uma viagem longa significa ver paisagens diferentes, mas quer dizer também maior cansaço.

Quando viajamos em parcerias, dois companheiros dividindo o volante, a viagem fica menos cansativa. É a melhor forma de se viajar. Isso é, se seu colega estiver a fim de ir ao encontro do mesmo destino que você.

Não tenho muitos amigos e o único que concorda viajar comigo é meu velho, mas muito bem conservado, Fusca 1966. Uma excelente safra de automóveis. Porém, falar em ultrapassagem com um carro desse é até uma piada, mas eu consigo ainda ir à frente de alguns caminhões.

Mas, mesmo esse bom companheiro costuma me deixar na mão, de vez em quando...

Dirigia eu por uma estrada entre duas cidades que mal constavam no mapa. Usava um celular ligado ao GPS, alimentado pelo bocal de isqueiro do carro, e onde estava, nem o programa sabia. Estava fora do ar.

Era a segunda cidade que eu passara sem saber com certeza o nome dela. Podia deduzir, pois não é costume de se dar à padaria e à farmácia o mesmo nome de um santo. Assim, imaginei que o santo era quem dava nome aos vilarejos que cruzara. Mas a estrada continuava e eu ia dividindo a valentia com meu carrinho e escutando umas músicas da minha juventude numa daquelas caixas de som que a gente acopla um *pen-drive* e passa a ter horas de música ininterrupta e sem repetição para meu deleite.

Deparo com uma curva totalmente inesperada, com um quebra-molas. Era uma curva fechada, sem avisos, depois de uma reta cansativa. Havia algumas casas no local e, temendo escapulir da estrada e pegar uma criança daquelas que estavam paradas no acostamento, freei encima do quebra-molas e... adeus suspensão.

Senti como se o motor do carro tivesse arriado até o chão. Com um barulho que dava a impressão de que as molas estavam sendo comidas, fui forçado a parar no acostamento.

Imediatamente, três moleques, descalços e sem camisa, me cercaram. Um deles, o menorzinho de todos, carregando uma chupeta na boca, embora já não tivesse idade para isso, era o mais barrigudinho. Com o nariz escorrendo até os lábios, que o fazia deliciar-se em chupar aquele líquido asqueroso, foi quem chegou mais perto, me encarando mais como a vítima de uma fatalidade inevitável e corriqueira do que simplesmente um forasteiro que poderia usar de maldade contra ele. O mais velho, um mulato com cabelos lisos e castanhos claros, falou para o pequenino:

— Toninho, não chega perto!

Ele não obedeceu. O mais velho foi a ele e lhe deu um puxão tão forte que o outro reagiu, reclamando com um grito breve de quem estava indignado.

Fingi não ter dado importância a isso. Pelo contrário, olhei para todos os lados procurando uma possível solução para o meu problema. Estava a muitos quilômetros de lugar nenhum e, literalmente perdido, não tinha a menor ideia de como resolver tal situação.

— O senhor quer que eu chame o Gervásio? Ele pode consertar seu carro — falou o do meio, um rapaz de olhar vivo e divertido, que mostrava que estava gostando do meu embaraço. Aliás, parecia que ele se divertiria com qualquer coisa diferente que encontrasse pela frente.

Não havia melhor solução que essa e concordei com o rapazinho. Ele foi todo serelepe e contornou um botequim, desaparecendo depois atrás de uma igreja da Assembleia de Deus.

Não durou dez minutos e o menino veio acompanhado por um mulato forte, mais baixo que eu uns quinze centímetros e com a pouca altura compensada pela imensa barriga desnuda, mostrando um dos umbigos mais soturnamente profundos que já tinha visto.

Vinha vestindo uma bermuda e um par de chinelos de couro, seguindo uma moda antiga.

Era carrancudo, mas, mesmo assim, me simpatizei com ele. Mostrava-se honesto e sincero.

— É esse o moço, Gervásio! — anunciou o menino.

— Boa tarde, patrão! O que temos aí?

— É meu carro. Bati no quebra-molas com força e alguma coisa nele, quebrou.

O menino arriscou:

— Acho que foi a suspensão dianteira! Os amortecedores eram velhos e um deles quebrou na pancada!

O garoto levou um catiripapo de leve na cabeça e uma bronca do mecânico:

— E você lá entende de alguma coisa, moleque? Cala a boca! Quer abrir uma oficina, vai abrir, mas longe daqui!

O homem examinou meu fusca, abriu o capô dianteiro e destramente retirou a base do que se chama de porta-malas — o do fusca é o mais ridículo do mundo!

Em seguida, se abaixou e examinou bem as rodas, mexeu nelas, uma a uma, várias vezes, ficando inundado de suor. Se deitou no acostamento quente sem se incomodar com a sujeira do corpo e, por fim, tirando um trapo do bolso traseiro, limpou as mãos, mostrando-se mais preocupado com elas do que com o resto do corpo coberto de areia e pequenas pedras, que nem um pé-de-moleque. E me deu seu parecer de especialista no assunto:

— Doutor, o caso é o seguinte: seus amortecedores estão pra lá de velhos, já passados da validade há muito tempo. Um deles quebrou a haste. É bom trocar todos!

— E o senhor faz isso?

— Olha, fazer eu faço, mas não tenho as peças aqui. Daqui a pouco, vou para Mendes e arranjo um par novinho pro senhor,

se o senhor me adiantar o dinheiro. Chego hoje à noite mesmo e, começando amanhã cedinho, em três dias seu carro está bom! Se quiser, posso ainda trocar as velas, o filtro de ar e regular o motor!

— Está bem! Faça o serviço completo! — concordei.

O homem se mostrou feliz. Tinha acabado de consertar uma camionete que lhe tinha dado muito trabalho e pouco dinheiro. Agora, trocar os amortecedores de um Fusca era um cardápio irrecusável.

— Bom, vamos ver um guincho para levar o carro até à oficina!

O moleque do meio opinou:

— Gervásio, por que não pega o carrinho? É só levantar o carro e puxar, que *nós ajuda*, empurrando!

O moleque levou outro tapa!

— Não se meta, não! O carrinho está ocupado!

— Pendura o motor que está nele na corrente. O homem não tá querendo comprar ele, então, deixa pendurado lá mesmo!

Outro catiripapo, só que, dessa vez, ele errou:

— Para de falar besteira, Caru! Vou lá dar um jeito nisso!

— Eu ajudo! — falou o esperto Caru.

Não durou dez minutos, voltaram os dois com um carrinho todo de ferro. As rodas, de aço, faziam um barulho irritante, rolando sobre o chão irregular. Enfiou o corpo do carro por baixo da dianteira do meu automóvel e, torcendo uma válvula, passou em seguida a bombear óleo, fazendo a plataforma do mecanismo levantar e erguer o Fusca. Gervásio falou:

— Vocês, empurrem! — e começou a puxar o carro, fazendo-o dar meia volta e ir reto até à oficina. Os dois meninos mais velhos, com as mãos imundas, conseguiram sujar mais ainda a traseira do Fusca, que já não estava tão limpa, e conseguiram levar tudo até a um barracão miserável, cheio de ferramentas, com um cilindro de solda, uma corrente presa ao teto, onde estava pendurado um

motor que julgo ser de um trator velho, e o chão composto de uma mistura de terra com óleo. Num tambor cheio de querosene, havia algumas peças irreconhecíveis sendo conservados nessa espécie de salmoura dos mecânicos.

— Tem algum lugar aqui em que posso ficar? — arrisquei, perguntando ao mecânico.

Ele, que já estava deitado no chão, respondeu:

— Olha, aqui não tem, não! Se não estivesse levando a família toda para Mendes, eu arranjava um espaço pro senhor. Mas não vai dar! Essa vila é tão esquecida de Deus que nem nome tem!

— É a Comunidade do Sagrado Coração! — respondeu Caru, longe de Gervásio. O Moacir da Venda pode arranjar um quarto pro senhor. Ele cobra barato!

Estava gostando desse menino esperto. Ele me mostrou a venda do Moacir da Venda, era assim que eles diziam, e fui pra lá. Antes, puxei uns trocados e dei pros dois mais velhos que me mostraram os maiores sorrisos do mundo. Caru tinha um dente da frente quebrado. Correram para um pequeno bazar situado atrás da oficina, perto da igreja.

Entrei na venda. Era, na realidade, um botequim que fedia a cachaça. Havia um balcão, uma pequena mesa, uma TV portátil preto-e-branco e uma propaganda de cerveja na parede. Sobre o balcão, havia uma pilha de salgadinhos empacotados, presos por um espeto. Atrás, um homem moreno claro, queimado de sol, vestido com uma camisa de manga xadrez, tinha um bigode pequeno e denso e, na boca, um palito de dente.

— Boa tarde! — me saudou com simpatia.

— Boa tarde. O senhor é o Moacir?

— Sou o Moacir da Venda! No que posso lhe servir?

— Meu carro quebrou e estou preso nessa cidade. Tem um lugar aqui para ficar?

Ele baixou a cabeça pensativo e explicou:

— Tenho um quarto aqui atrás, mas nada com dignidade!

Senti que o homem possuía alguma cultura. Ele continuou:

— Alugo pras quengas! Elas passam aqui, pegam a chave e levam o freguês para lá. Depois, voltam e pagam. Sem falta!

— Preciso de uma moça dessas para passar a noite?

— Não, nada disso. Sou um comerciante. Cobro delas dez reais para passar uma noite ou cinco reais para uma hora. Parece que perco dinheiro alugando por noite inteira, mas nada disso! Raramente tem mais de um cliente usando o quartinho lá do fundo. Se quiser, mando dar uma arrumada lá e coloco lençóis limpos, um cobertor e uma toalha de banho e lhe alugo por vinte reais. De acordo?

— Sim! Vou pegar as minhas coisas!

— Eu mando pegar! Mas, se o senhor quiser passar uma noite com uma moça, é só falar, que um sujeito bem educado como o senhor não ficará na mão. Elas cobram mais caro, mas a diversão é garantida!

Fiquei vermelho, mas me contive. Agradeci.

— Senta aqui e tome uma cervejinha! — disse, me indicando a única mesa do recinto.

Tirou, de um *freezer* escondido atrás de uma cortina que só agora reparara, uma garrafa de cerveja daquelas que eu realmente desconhecia. Não era nenhuma das marcas que costumo encontrar em cidade grande; tinha um rótulo verde com nome de remédio. Ele pegou um copo americano, abriu a garrafa e me serviu.

— Se, de noite, o senhor quiser jantar, só me encomendar. Mas tem que encomendar agora! Faço um jantar caprichado pro senhor por vinte reais, com arroz, feijão, farofa, macarrão, salada, ovo frito, linguiça e uma carne. A carne o senhor escolhe: porco, boi ou frango!

— Vou querer a de porco! — estava começando a ter fome.

— Então, passa aqui às sete!

Saiu do balcão e gritou bem alto, fora do botequim:

— Nestor, sai do armazém e traz as coisas do homem aqui!

Era o mais velho dos três moleques que me atenderam, que apareceu se deliciando com uma maria-mole. Não tinha cara de muito esperto, mas se mostrou forte, determinado e, para a sua idade, incrivelmente organizado. Trouxera, quinze minutos depois, meu trem de viagem, inclusive o rádio do meu carro, de forma profissional. Não puxara a mala com rodinhas no chão poeirento, arranjara uma sacola para trazer meu casaco e meu boné e, em outra sacola menor, trouxera o rádio, meu celular com a ligação ao isqueiro e meus óculos de sol, já dentro da capa, com as outras coisas do porta-luvas.

— O senhor não devia deixar essas coisas no carro quando ele vai pra oficina, não! — me ensinou, e não pude deixar de rir da seriedade do menino. E não deixei de reparar que ele já estava de banho tomado, cabelo penteado, vestindo uma calça comprida, camisa social e calçando um par de chinelos igual ao do Gervásio. Perguntei:

— Aonde você vai nessa elegância toda?

— Pra Mendes, no carro do Gervásio. Vai a família toda, menos minha irmã, que tem de ganhar a vida!

Tirei outra nota de cinco reais e dei pra ele, que voltou a mostrar o maior sorriso do mundo. Indo para a cidade grande paramentado com aquela fortuna era o cúmulo da felicidade para aquele menino tão simples. Perguntei:

— Seu Nestor, qual é a sua idade?

— Doze anos, senhor!

— Muito bem! Trabalhando assim, você acaba sendo um grande homem!

— E vou ser! Vou ser pastor da Assembleia de Deus!

Sim! Que Deus o ouça! Ele não me respondeu o que pretendia ser, nem disse "se Deus quiser". Nem passou por perto dele em dizer que gostaria de ser um pastor. Ele respondeu "vou ser"! Era, para ele, naquele momento, a expressão máxima da verdade. Um juramento!

Pobre criança. Já sonha! Que rica criança. Ainda sonha!

Se ele tivesse mais educação ou se ele vivesse em um ambiente social mais privilegiado, ele diria que seu sonho seria ser um policial, um bombeiro ou, mais ambiciosamente ainda, seria um advogado ou um engenheiro como eu. Mas o máximo que ele via nas pessoas tinha se tornado a sua ambição: ser um pastor.

E lá foi ele, todo satisfeito, se encontrar com o Gervásio, e tive, de uma só vez, duas pequenas surpresas.

A primeira, foi o carro do mecânico. Se me imagino, dirigindo um Fusca como o herói capaz de conduzir um carro velho, mais que ultrapassado, porém heroico por enfrentar garbosamente todos os tipos de estrada, calei-me diante do que vi: um Volkswagen TL. Há mais de trinta anos que não via um, e já estava velho naquela época!

A segunda surpresa foi o Gervásio em si! Estava limpo, arrumado e penteado com brilhantina até no bigode! Usava uma calça de linho, calçados de couro, camisa social aberta no peito, cinto de fivela larga e um belo relógio de pulso cuja marca não pude identificar naquela distância. Sua família entrou no carro também. Nestor e Caru usando roupas parecidas, a esposa de Gervásio, uma mulher gorda que não acabava mais, e um adolescente que vim a saber que era o irmão do mecânico. Todos calçavam o mesmo estilo de chinelos, com exceção do Gervásio que usava seus sapatos muito bem engraxados. Entraram e se instalaram no banco de trás, num espaço mínimo que só quem conhece o TL sabe como é. Na frente, sentaram ainda a sogra, mais gorda que a filha, mais o caçula que se instalou no colo da avó. Logo que entraram, partiram num ronco de cano de descarga quebrado. Ali, a nota da união familiar era dez, mas a segurança, zero! A traseira do carro, devido ao peso, bateu várias vezes no chão até chegar ao asfalto. Daí, o carro deu um arranque barulhento e sumiu de vista, na curva.

Parecia que acabara de assistir à partida de todos os parentes de minha vida num mesmo ônibus. Me senti só, desamparado, sem ter o que fazer. Na verdade, já estava sem nada o que fazer mesmo, mas esse foi o meu sentimento.

Fui até à minha nova morada provisória. Era um quarto pequeno e jeitoso, depois de arrumado. Havia um pôster de uma atriz famosa vestida com a mesma roupa como viera ao mundo. Pensei que ela era loura, pois era assim que a via nas novelas de televisão, mas seus pelos pubianos a traíram. Reparando bem, ela não era tão bonita como se fazia passar, mas a foto tinha um ar fortemente erótico. Muito adequado para o destino para o qual o quarto fora construído. Num canto do pôster, havia uma assinatura. Seria um autógrafo? Pensei em perguntar ao Moacir.

A cama era de ferro, bem reforçada. Senti a presença de Gervásio, ali. Se fosse de madeira, daquelas que gemem quando a gente deita, não estaria mais inteira. A cama estava bem feita e tinha até uma toalha dobrada sobre ela e um sabonete. Nada de luxo, mas o capricho dava gosto.

Um detalhe interessante, curioso e romântico: uma cortina de cretone cobria a janela. Resolvi abrí-la para contemplar lá fora e ver aonde dava. Bom... Deu na parede. A cortina era um enfeite, nada mais!

A minha bagagem estava ao lado do guarda-roupa. Para que um quarto desse motel improvisado ter um guarda roupa era outra pergunta a ser feita, mas imaginei duas soluções: uma seria para guardar mesmo a roupa que algum cliente mais cuidadoso faria, ao invés de pendurá-la num cabide. A outra, que me pareceu ser mais lógica, seria que aquele quarto também receberia, uma vez ou outra, hóspedes como eu.

Tinha até um banheiro, com chuveiro sem box, uma pia minúscula, daquelas que não dava para guardar a pasta de dentes, e um espelho. Claro, tinha o vaso sanitário. Sem tampa, mas tinha a aparência de limpo. Para quem gosta de viajar como eu, de vez em quando é necessário se abrir mão de determinados confortos.

A tarde estava caindo. Como disse, não tendo nada o que fazer, senti uma vontade irresistível de tomar outra cerveja. Esse desejo de beber é uma raridade para mim. Não sou muito disso, mas, quando fico realmente ocioso, troco o ócio pela bebida moderada. Queria, também, escrever alguma coisa. Terminei meu último livro e prometi ao editor que demoraria um pouco até sair o próximo. O que escrever, naquele exato instante, eu não sabia. Mas, mesmo assim, tirei o meu computador e o carregador de dentro da mala, tranquei o quarto e lá fui até o botequim, torcendo para a mesa ficar vazia.

Não sei se a sorte era minha de encontrar, realmente, meu espaço para sentar e escrever, ainda perto de uma tomada, ou se era sorte do bom bodegueiro de encontrar um ocupante para aquela mesa. Pedi a cerveja.

— Quer um tira-gosto, também, doutor? Se desejar, frito umas mandioquinhas para abrir o apetite.

— Não, obrigado. Quero só aquele pacote de amendoins — apontei para um saquinho de amendoins japoneses ali dispostos.

Abri o micro. Não sabia o que escrever, e fiquei pensando. Moacir me socorreu, contribuindo para remoçar minha cabeça, falando, o que me ajudou a montar ideias.

— Aqui é um paraíso para quem gosta de fazer o absolutamente nada!

— Como se chama esse lugar?

— Não se chama! Na verdade, cada morador quer dar um nome. Eu mesmo falo que aqui é a Vila da Curva. É o ponto geográfico comum a todas as linhas de ócio do Planeta Terra.

Ri da observação e isso me reforçou a ideia de que o dono do botequim tinha cultura. Perguntei:

— E como você veio cair aqui?

Ele também riu. Perguntou se eu me incomodaria se fumasse. Sim, me incomodaria, mas, como sei que o cigarro ajuda a contar

uma boa história, respondi que não. Minha espera pelo carro poderia ser compensada pelo que escutaria, e não me enganara.

Mas... Santíssimo sacramento! No momento, realmente torci para que a história fosse realmente boa, porque aquele cigarro era a prova viva de que o diabo existia no mundo e era fedorento. Cruzes! O que era aquilo?

— A pergunta que o doutor me fez é corretíssima! Cair! Sim, caí aqui, e não quero sair. Pretendo morrer aqui mesmo, compreendeu?

— Mas tem certeza de que aqui é um mau lugar?

— Eu não disse isso! — falou sem se mostrar abalado. — Quer saber de uma coisa? Adoro o fato de que a minha Vila da Curva é esquecido desse mundo de Deus! Eu fui professor de Matemática! O que isso quer dizer? Poderia dizer, para massagear meu ego, que sou quem prepara os futuros Matemáticos, Físicos, Engenheiros, Estatísticos, Contadores e até banqueiros de Jogo do Bicho nesse Brasil!

— Esses últimos ganham mais!

— Não! Quem ganha mais são aqueles que proíbem o jogo no Brasil, com as propinas por fora!

Era uma opinião de respeito. Eu não tinha pensado nisso antes e tinha de começar a meditar sobre tais palavras.

— Pois bem! As escolas começaram a se modernizar. Como quem não estuda Matemática fica reprovado, acabei sendo demitido, pois tinha um índice de reprovação quase constante de doze por cento todo ano! Bom, vim para casa na esperança de buscar um emprego e nenhuma escola queria me aceitar. Ter sido considerado o melhor professor de Matemática da minha cidade depôs contra mim. O negócio agora não era ensinar aos alunos, mas aprová-los o máximo possível! Se o conhecimento não foi passado, então, que se aprovasse sem conhecimento. O que não se poderia fazer é reprovar. Reprovar, nunca! Como poderia eu, professor com até livro publicado, aprovar um sujeito que ficou com raiva por não

aceitar que o produto de dois números negativos gerava um número positivo?

"Eis que minha esposa, que se manteve como escrivã da Polícia, me falou que se eu não arranjasse outro emprego em um mês, o casamento estaria acabado com três filhas e tudo! E não deu em outra! Fui expulso de casa, sem sequer direito a pensão. E ainda descobri que ela estava me traindo com o juiz da cidade, colega da juíza que deu total ganho de causa à minha mulher! Fiquei desamparado, só com a mãe doente que eu ajudava a sustentar, na casa dela até sua morte, causada pela falta de remédios que devia tomar com regularidade. O governo lhe dava os remédios, mas, às vezes, faltava. Sem a pensão da minha mãe, não tinha como pagar o aluguel e fui despejado, com somente os móveis que couberam na minha camionete, o único bem que possuía, resultado das minhas economias e que não despertou interesse da minha mulher. Olhei minhas filhas de longe. Uma delas me avistou e, como se eu fosse um bandido, ela me amostrou às outras e as três fugiram.".

Parou com uma lágrima no olho. Tragou um cigarro e comentou:

— Eu nem fumava, antes!

Fechou os olhos sentindo os efeitos da fumaça mais fedorenta que um charuto de macumba atuando no seu corpo e completou:

— Elas me viam como um bandido!

Baixou a cabeça com os olhos vermelhos. Bebi da cerveja e ele continuou:

— Eu tinha ido vê-las para me despedir delas, e acabei me despedindo mesmo! Eu ia embora e senti que essa seria a melhor coisa para fazer! Saí com o carro com o tanque cheio, sem como enchê-lo de novo, e, como você disse, acabei caindo aqui! Eis que conheci o antigo dono desse botequim e tratei com ele. Troquei a camionete cheia de móveis velhos, que deve interessar a alguma loja de antiguidades, pelo estabelecimento com o quarto dos fundos. A fatura desse boteco era ruim, mas melhorei o quarto, a comida e até

coloquei toalha em mesa para quem quiser comer. Agora, de vez em quando, alguns motoristas de caminhão param aqui e almoçam ou jantam, coisa que antes só faziam quando não tinham outra solução na oficina e borracharia do Gervásio!

Então era isso! O Moacir era um fugitivo da realidade. Que lugar melhor para fugir dos fatos que nos atormentam tanto e que, apesar de já serem passados e não retornarem, as lembranças vêm e aparecem com os objetos que contemplamos: uma roupa esquecida, uma fotografia ou mesmo um anúncio publicitário com alguém com o cabelo parecido com aquela que queremos esquecer. Ou mesmo a fatalidade de se reencontrar com quem fugimos num evento social ou num ponto comercial qualquer, o que geraria o pior dos momentos. Aqui, pelo menos, a probabilidade de isso tudo acontecer era mínima!

Bom... Eu agora já tinha material para escrever. E como tinha! O drama humano é um insumo farto para quem escreve, desde um simples relatório, a uma reportagem ou a uma obra literária perfeita. Não me consta, até hoje, que alguém escreveu algo de legível que não fosse sobre uma delicada situação de homens e mulheres.

A comida tinha chegado pelas mãos de uma velha. Moacir se apressou de colocar uma toalha na mesa, enquanto eu recolhia o computador.

— Dona Cura é a cozinheira! Ela trabalha para mim por demanda, compreende o que quero dizer?

Quando a boa senhora terminou de pôr a mesa com tudo que havia sido prometido, e com fartura, perguntei se o Moacir queria dividir comigo, mas ele recusou com delicadeza:

— Eu não janto nunca! Na verdade, só tomo café da manhã e almoço. Não tenho vontade nenhuma de comer mais nada!

— Sou o contrário. E sou magro de ruim! Gosto de comer bem! — revelei.

Ele sorriu e adiantou:

— Vou ver como posso atender no café da manhã! É um copo de café e só, no gosto da maioria do pessoal daqui! A padaria fica longe e nem pensei em suprir algo pro senhor! Mas, depois de amanhã, teremos dado um jeito! O senhor terá de se contentar com biscoitos!

Comecei a me servir. Pedi mais uma cerveja e me deliciei com a comida. Observei:

— O nome da velha é engraçado!

— Foi um engano do pai dela, pelo que ela me contou. Ele era um ignorante de marca, mas um homem de bom coração. A mãe tinha pedido que lhe registrasse como Sara, um personagem da Bíblia. Ele fez confusão e registrou-a como Cura!

Não pude deixar de rir. Comi, repeti e ainda ataquei a sobremesa. Dei-me conta que estava sem comer há quase doze horas.

Terminada a refeição, restou-me ir ao meu cubículo. Desejei boa noite e me retirei.

Era uma noite fria. Estávamos no inverno, mas essa era a primeira noite realmente fria do ano. Eu estava sem casaco no caminho para o quarto, mas não me incomodei. Gosto de sentir frio e até arrisquei dar um pequeno passeio para contemplar a noite no local.

Tudo morto. Tudo abandonado! Somente o botequim do Moacir estava aberto, com ele limpando a mesa que ocupara e uma lâmpada de poste acesa: uma fraca lâmpada de vinte e cinco watts que dava brilho mesmo só embaixo dele.

Silêncio absoluto.

A lua crescente tinha saído de trás de uma nuvem e pude enxergar a paisagem um pouco mais distante. A casa de Gervásio, vazia, tinha uma antena encima do telhado. Imaginei que à noite o pessoal assista televisão e que seria novela e jornal. Nos domingos a diversão seria mais diversificada, pensei comigo.

Bom, eu não gosto de televisão. Prefiro gerar algo da minha mente ou deixar que um livro faça uma enorme obra de imaginação

no meu cérebro do que receber as ideias dos outros pronta. Se bem que um cineminha de vez em quando não faz mal a ninguém!

Quando o frio começou a me castigar e a fumaça da minha respiração se tornou nítida contra a pobre lâmpada acesa, assediada por centenas de insetos, resolvi me preocupar com a saúde e me recolher. Rezei para que a água do chuveiro fosse quente e fui para meu quarto, afastado dez metros do botequim.

Entrei e fechei a porta. Apesar da imensa simplicidade do local, me senti reconfortado. Comecei a desabotoar a camisa quando bateram à porta.

Estranhei. Será que tinha esquecido alguma coisa? O computador, com a tampa úmida de orvalho, estava comigo. A carteira, também. Bom, vejamos quem seria!

Abri a porta e deparei com uma mocinha. Era de cor de caramelo, entre mulata e índia, e rosto redondo. O cabelo estava amarrado atrás num rabo de cavalo e trazia uma mini blusa, deixando o umbigo de fora. Sobre os ombros, trazia uma pequena coberta para proteger suas costas, mas as pernas estavam à mostra pelo short que apertava inclemente suas coxas a ponto de deixar marca. Ela tinha crescido, mas o calção não a acompanhara.

Calçava um par de sandálias de borracha, um deles com a tira presa por grampos de um grampeador de escritório, e ela pisava mais fora do calçado que sobre esse, com as unhas dos pés caiadas (foi a melhor expressão que encontrei) de vermelho.

— Boa noite! — falou sorridente. Senti que o sorriso não era de verdade. Seu perfume era horrorosamente adocicado.

— Boa noite, o que deseja?

— Não vai rolar nada, hoje à noite?

Quase ri. O que se rola naquelas bandas esquecida por Deus?

— Como você se chama?

— Line!

— Line? — estranhei.

— Jaqui Line é meu nome completo! E o seu?

— Quantos anos você tem?

— Dezoito...

Que mentira deslavada! Estava na cara que aquela menina teria no máximo dezesseis! Existe uma faixa etária entre os dezesseis e os vinte e três anos que muitas meninas dizem ter dezoito. Quando ela é mais nova, fala que tem dezoito anos. Quando é mais velha, tem dezoito aninhos! E Jaqui Line ou Jaqueline não seria seu nome nem aqui, nem na Cochinchina. Fingi-me de desentendido:

— E o que você quer, Jaqui Line?

— É... quem sabe... Um chega pra cá, uma roladinha... Passar a noite transando gostoso...

— Não... Não vai dar...

— Mas moço... É que eu ganho a vida nesse quarto... Se o senhor não me der uma f..., perco a noite...

— Quanto é seu trabalho?

— Dez reais!

Caramba! A menina se vendia bem barato! Ou a concorrência ali era brava, ou os caminhoneiros que passavam por lá eram uns unhas de fome, ou ela estava mesmo necessitada! Por sorte, tinha a carteira no bolso e saquei dela uma nota de vinte:

— Toma, e me deixe dormir sozinho mesmo!

A menina deu um sorriso de verdade, me beijou o rosto e saiu correndo!

Fechei a porta e fui ao banheiro. Reparei que o chuveiro estava levemente acima do vaso sanitário. Ri, porque já vi hotéis melhores com esse mesmo jeito e até algumas casas assinadas por arquitetos da mesma forma. Alguns profissionais se atrapalham nesse item sanitário.

Tirei a roupa e arrisquei no chuveiro. Estava quente. Tomei um banho até mais longo que o normal. Me enxuguei e me deitei.

Dormi como um justo!

Acordei bem, no dia seguinte! O silêncio, quebrado por uns poucos carros que se aventuravam pela madrugada num lugar como aquele e por alguns tímidos animais noturnos, foi uma bênção para mim que não passo uma noite sequer sem deixar de escutar vizinhos chatos, carros com o som a todo volume tocando uma música que parece ter saído dos infernos e telefonemas fora de hora, geralmente enganos.

Gosto de acordar cedo, mas isso é relativo. Numa roça como aquela, até que acordei tarde. Eram sete horas da manhã quando saí do quarto, agasalhado devido ao frio, e, querendo arriscar a ver se o botequim do Moacir já estaria aberto, eis que o deparei cheio, com quatro estranhos lá dentro conversando com o dono.

— Bom dia a todos! — cumprimentei.

Moacir e dois homens, um deles com um vasto chapéu de palha na cabeça, responderam a minha saudação. Os outros três, ficaram calados, fosse por timidez, fosse por arrogância.

— Café? — ofereceu Moacir.

Aceitei. Ele me mandou sentar à mesa enquanto os quatro ocupantes iam embora. Estavam num trator que partiu barulhento para uma lavoura por aí, nesses cantos de Deus.

O café veio servido num copo. Tinha sido passado a umas duas horas atrás e estava estocado numa garrafa térmica de má qualidade. O pó era ruim e o líquido, mais marrom que preto, além de frio, estava mais doce que um melado. Mas era café, e tomei de todo jeito.

Pedi ao Moacir um pacote de biscoito maisena que estava exposto, e ele me entregou, dizendo:

— A manteiga é por minha conta!

Ele pôs na mesa uma margarina de gosto pra lá de duvidoso, mas servia para acompanhar os biscoitos. Deu para satisfazer minha manhã.

Moacir, depois de lavado os copos de café que os quatro lavradores consumiram, sentou-se à minha mesa e perguntou:

— Deu para dormir?

— Sim, aqui é bem tranquilo! — falei com ares de satisfação. Mesmo com aquele café horrível, eu estava realmente satisfeito com meu descanso.

— É tranquilo, sim! Nós, que viemos de cidade grande sem sermos adeptos a uma vida boêmia, estranhamos essa paz que acabamos aprendendo a amá-la. Aqui, as novidades são tão poucas que qualquer coisa diferente é um acontecimento!

— Falando nisso, ontem teve um acontecimento diferente para mim. Antes de dormir.

— Me conte...

— Recebi uma visita de uma menina. Queria vender sexo para mim, mas, além de eu não ser adepto ao chamado "amor livre", reparei que ela era menor de idade.

— Ah! Já até sei! É a Gerusa!

— Ela me disse que seu nome era outro. Deixe-me lembrar... Jaqui Line! — era esse o nome!

— É a Gerusa, mesmo! Essas meninas aqui gostam de adotar nomes estrangeiros. Uma é Jaqui Line, inspirado na esposa de Kennedy, outra se chama de Britinei e tem a Doroti. Tudo tirado de fora, mas os nomes delas são Gerusa, Tamar e Bárbara!

E continuou.

— Gerusa é a filha do Gervásio. O nome de Gervásio completo é Gervásio Matos da Cilva! Veja bem: não é Silva, com "S". É Cilva, com "C". O nome de Gerusa é Gerusa Além da Cilva! Ele quis dar um nome bíblico para a garota e olhe só o que saiu!

Fiquei assustado com a história. Mas, o que ele relatou, me assustou mais ainda!

— Gervásio teve três filhas. A mais velha fugiu de casa e nunca mais deu as caras. As outras duas foram a Tamar e a Gerusa. Tanto uma como outra se prostituíram: Britinei e Jaqui Line. Tamar é a mãe daqueles meninos que você viu, menos o pequenino, que é da Gerusa. Gerusa tinha quinze anos quando deu a luz àquele garoto e, como você disse, hoje ela tem somente dezessete anos. Gervásio e a esposa cuidam bem deles!

— Pensei que o Gervásio fosse pai dos meninos!

— E é!

Quis engolir essa história. Arrisquei:

— Os meninos se sentem filhos dele?

— Não precisa aliviar sua percepção. É literalmente o que você escutou!

Fiquei em silêncio. Moacir deu mostra que apreciou o impacto causado. É sempre bom causar impacto nas pessoas. É esse desejo mútuo de causar impacto e ser impactado que move os jornais do mundo. Mas aprendi a me calar e a observar mais, e foi o que fiz. Contemplei o rosto deslocado do Moacir e ele explicou mais a coisa:

— Quando as meninas optaram pela prostituição, Gervásio não se sentiu mais pai delas. A família as expulsara do seu seio, embora continuassem morando na casa, num ato de piedade generosa como se faz a mendigos, no lugar de aceitá-las plenamente. Elas, ainda adolescentes, lhe deram três filhos e Gervásio os assumiu. Elas satisfizeram a ele, não mais como pai, mas como cliente, em paga do teto, entendeu?

Não. Não entendi. Não quis entender. Compreendi bem as palavras de Moacir, mas não conseguiria nunca entender tal situação. Mantive meu silêncio, mas com ânsia de vômito.

Mantive o silêncio. Era um silêncio externo, pois minha mente berrava todas as interjeições conhecidas. Inclusive palavrões. Moacir acendeu um cigarro e comentou:

— Imagino muito bem o que passa pela sua cabeça. Passou pela minha, também! Mas é sobre justamente isso que eu quero

falar para descrever o povo daqui! Ninguém julgou Gervásio. Ele, aqui nesse lugarejo, é ainda tido como um homem santo pela sua bondade! Veja, ele, se negou às filhas, não as desamparou, mesmo cobrando o teto de uma maneira que nós, civilizados e tementes a Deus jamais faríamos!

— Você é temente a Deus?

— E quem não é? O que não temo são esses padres e pastores que nos ameaçam com coisas que simplesmente não me atingem! Ser expulso da igreja deles... O quê que tem? Eu não vou lá mesmo, o que me adianta ser expulso? Olha, nem tanto os padres, mas os pastores, frutos da Reforma, continuam na Idade Média. Se eu for expulso da Igreja, serei queimado vivo, em consequência!

— Então, o Gervásio é um bom homem!

— Depois disso, quem somos nós para julgarmos? As filhas de Ló não tentaram seduzir o pai? Eu também leio a Bíblia. Aliás, já a li duas vezes de ponta a ponta!

O vendedor se mostrou um pouco irritado:

— Sim... Está na Bíblia! Está na Bíblia, também, que Josué destruiu aldeias inteiras e que crianças foram massacradas, pelo menos duas vezes, com a vinda de Moisés e Cristo. E está ainda que o dilúvio exterminou quase toda a vida na Terra. A Bíblia tem relatos longe da realidade e que não queremos que ocorra nunca. E creio que esse é um deles.

Terminado o desabafo, Moacir terminou o cigarro e se levantou. Perguntou:

— Gosta de galinha ao molho pardo?

Falei que gostava, sim.

Moacir me deu um tapa no ombro e me deixou a pensar em absolutamente nada, em estado de choque.

Muitos minutos depois, comecei a escrever alguns correios eletrônicos no computador, na esperança de enviá-los na primeira oportunidade que encontrasse uma rede, até à hora do almoço, que

felizmente saiu mais cedo, vindo o anunciado e, como complemento, uma macarronada e uma salada que me serviriam muito bem.

Caiu, repentinamente, uma chuva forte. Aquela região era perto da serra, onde se chove forte e sem se esperar. Igual ao susto que tomei e igual outros sustos que a gente toma vida afora, a chuva vem, molha, faz seu estrago e o sol retorna novamente. Às vezes, benfazejo. Outras, inclemente.

Pedi uma sacola de plástico e embrulhei o micro e fui ao quarto. Lá, peguei uma capa de chuva e resolvi fazer as compras. Voltei ao Moacir e lhe perguntei sobre o armazém que havia por ali e de que tinha escutado falar.

— Fica ali, atrás do campo de futebol. Você vai ver uma igreja e uma casa pastoral. Atrás, tem uma capoeira e, logo depois, uma casa grande com uma venda na porta. É a venda do Nascif. Vai na chuva mesmo?

Respondi que se tivesse de parar a minha vida por causa de chuva, não realizaria muita coisa. Tomei coragem e fui.

Me arrependi da minha língua. A chuva estava danada de fria. Um vento gelado me incomodou um bocado e minha vestimenta não era a mais adequada para esse tempo. Mas, de teimosia, prossegui.

Passei pelo campo de futebol. Verdadeiramente, era um pasto com dois gols feitos de traves de estacas de construção. Mal pregadas, uma até enjambrada, sem rede, logicamente, e até mesmo sem alinhamento. A julgar pela grama na pequena área, pude deduzir que futebol não era um esporte praticado assiduamente ali. Mas claro... com que time? O pessoal dali mal daria para compor um time de futebol de salão...

Passei pela igreja. Era de uma Assembleia de Deus. Pequena, convidativa, com um versículo do evangelho ali escrito na parede. Ao lado, uma casa com varanda e quintal, cercada pelo único muro daquela localidade, me atiçou a curiosidade de como viveriam seus moradores... Sempre tive essa curiosidade de saber como morariam as pessoas que vivem de maneira tão diferente da minha: seu dia a

dia, seu lazer, a forma como encara o seu trabalho, o relacionamento familiar, suas dificuldades... Às vezes, me pego construindo a vida dos outros dentro da minha cabeça!

Vi a capoeira. Um monte de mato mal cuidado e espinhoso. E só. Dar o nome daquilo de capoeira é prestar excesso de homenagem àquele matinho muito do sem-vergonha!

Eis que, finalmente, vi a casa do Nascif. Era a maior da localidade! Era quase um daqueles casarões de fazenda! Não tão grande, mas tinha varanda em torno da construção, dois andares, uma porta grande, janelas imensas... De quem eu iria fazer uma compra? Quem era esse Nascif?

A loja dele estava ali, na frente, ao lado do portão principal pequeno, de madeira, totalmente cercado por uma cerca de madeira branca muito bem-feita e cuidada. A loja ocupava um bom pedaço da parte frontal do terreno.

Entrei. Deparei com um estabelecimento modesto, composto por um balcão e um monte de quinquilharias penduradas em todos os lugares possíveis e imagináveis. Entre as vigas do teto, várias araras de madeira tinham, no lugar de cabides, algo parecido com móbiles repletos de tudo o que se possa imaginar num equilíbrio muito bem elaborado. Havia brinquedos como bonecas de plástico ordinário, carrinhos de plástico mais ordinário ainda, baldes de praia, boias transparentes com desenhos da Turma da Mônica, conjuntos de bombeiros, com uma cordinha de oitenta centímetros, um capacete e um machado de plástico, e várias bolas de plástico, desde as duras às macias, preferidas pelos moleques que jogam futebol. Fora as panelinhas, fogõezinhos, mamadeiras — tudo de plástico, agarrados em papelões cobertos por um filme transparente também de plástico, além de um jarro de vidro imenso, carregado com milhares de bolinhas de gude.

Havia também utilidades domésticas: espremedores de laranja, raladores, coadores de café, panelas de alumínio de todos os tipos, formas de bolo, manteigueiras de plástico, espátulas para passar manteiga também de plástico, bules de ferro pintados de

verde com florezinhas vermelhas ou esmaltados brancos com florezinhas azuis, xícaras de vidro imitando porcelana, canecas esmaltadas, penicos, pedras de amolar, aventais de plástico, desentupidores de pia e de vaso sanitário, baldes de plástico e de alumínio, vassouras, rodos e algo que não via há muito tempo: um esfregão de ferro fundido para encerar piso ao lado de várias maxambombas e de um ferro de passar elétrico de marca suspeita.

Ainda, tinha também materiais úteis, talvez úteis em algumas ocasiões propícias: canivetes, facas com bainhas, facas de picotar fumo, uma navalha destacada em lugar especial, casacos de plástico impermeável com cheiro de óleo diesel, selas de cavalo, chicotes, talas e esporas para cavaleiros, arreios, calotas de automóvel, pneus e rodas de charrete, uma charrete azul, espelhos com imagens de São Cristóvão, fumos de rolo, palhas para cigarro, cachimbos, chapéus de palha e de feltro, camisetas com imagens de Nossa Senhora com o coração cercado de rosas, botas de plástico e de couro, rolos de corda de diversos materiais e em diversos diâmetros, um rolo de arame liso e outro farpado, enxadas, cabos de enxadas, pás, cavadeiras tipo boca de lobo, coldres para revólveres de diversos calibres, camisas de feltro estampadas em xadrez, calças feitas com materiais indescritíveis, lampiões a querosene e uma lamparina de óleo.

Não poderia esquecer do material didático, apesar de não me recordar ter visto alguma escola nessas cercanias durante a viagem: cadernos com capas com desenhos de bichinhos, réguas, conjunto com esquadros, transferidor e um compasso daqueles que a gente adapta um lápis, com um lápis pequeno. Tinha ainda borrachas brancas e de duas cores, canetas, apontadores de lápis, cadernos de caligrafia e, para minha admiração, folhas de decalques de flores, animais e personagens históricos. Um desses personagens chamava a atenção: Martim Afonso de Sousa. Me retornou, nesse instante, a velha questão que me assaltava durante a juventude: quem garante que aquele rosto era do Martim Afonso de Sousa? Outra questão me veio à cabeça naquele instante: quem ainda usa decalques na escola?

Desde a minha época, eu tinha a impressão que isso era coisa de professores retardados. E hoje?

Tudo que eu coloquei aqui é somente uma pequena parte do que vi exposto! Fiquei, realmente, admirado ao ver tanta coisa díspar junto naquele armazém. Se, de fora, imaginei que a loja tinha o tamanho um tanto grande, passei a achar que o espaço aí era ínfimo. Não dava para andar sem se esbarrar com algum daqueles produtos à venda.

Eis que levei um susto. Atrás do balcão havia uma pessoa que me fitava em absoluto silêncio. Era um homem alto — mais alto que eu, que sou alto e até joguei voleibol na faculdade — e com ombros muito largos. Seu rosto redondo não escondia sua ascendência libanesa. Trazia no pescoço um enorme crucifixo de ouro pendurado por uma grossa corrente do mesmo material. Nos dedos da mão direita, contei três anéis. A mão esquerda estava escondida.

Com o rosto sem esboçar um sorriso, ele me inquiriu com extrema delicadeza:

— O que o freguês vai querer?

Sorri. Então, ele sorriu de volta. Perguntei:

— Estou atrás de uma tampa de vaso sanitário e, não vi aqui. E queria saber se tem algum desinfetante de pinho.

— Senhor... Não precisa de desinfetante! O Moacir vai deixar tudo limpinho pro senhor! Quanto à tampa, deverei pegar no depósito lá atrás, em que guardo materiais de construção. O senhor prefere esperar ou quer que mande instalar...

— O senhor sabe que estou hospedado no Moacir...

— Duas coisas! Sou um comerciante e estamos num vilarejo que não aparece nem no mapa da prefeitura. Então, todos aqui sabem de tudo!

Ri da minha bobagem. É isso mesmo! Ele continuou:

— Eu ainda tenho extensão e filtro de linha para o seu computador. Vai querer?

Não deixei a surpresa de lado. Olhei para ele que aumentou o sorriso:

— O senhor estava tão entretido que não me viu entrar no Moacir, tomar uma pinga e cair fora. O senhor é escritor?

— Sim, mas não vivo disso! Tenho um negócio que me prosperou bastante e, agora, estou viajando de férias...

— Não prolongue muito o seu descanso! O boi só engorda sob o olho do dono!

— Verdade, mas eu precisava realmente tirar umas longas férias!

Nascif tirou atrás do balcão uma mesa e duas cadeiras e colocou-as na frente! Ele fez um convite:

— Creio que o senhor não negaria um café de verdade, no lugar daquele líquido horroroso que o Moacir vende!

Estava começando a ter saudades de um café de verdade e não neguei. Além do mais, não conseguiria dizer não a um convite tão afável. Nascif deu a volta ao balcão e, numa pequena janela que ajudava a iluminar o local, gritou:

— Ibraim, "trás café" pra mim e pro freguês. E biscoitos!

Me convidou a sentar e sentamos juntos. Ele disparou:

— O senhor veio do Rio de Janeiro?

— Mais precisamente, sou de Casimiro de Abreu.

— Ah... Quase carioca. Parabéns, os cariocas não suportariam esse lugar. Nem os paulistas e o pessoal de Belo Horizonte! Eles são muito urbanos.

— Mas não vim para cá por opção!

Deu uma risada baixa:

— Ninguém vem para cá por opção!

Surgiu, pouco depois, no lugar de um rapaz, uma mulatinha com uns treze anos, carregando uma bandeja com um bule estilizado,

duas xícaras pequenas de porcelana fina, de verdade, e uma gamela repleta de biscoitos de gergelim. Tudo estava protegido por um plástico transparente para não se molhar. Nascif riu e perguntou à pequena:

— E o Ibraim?

— Ele mandou trazer, seu Nascif. Ele está fazendo *intenvário*!

— Inventário, Tereza. Inventário!

— Isso!

A menina saiu rebolando. Achei graça. Nascif completou:

— Ela é a neta mais velha do Gervásio! Está querendo namorar com meu filho Ibraim, mas ele não dá muita bola para ela. Ela, então, fica querendo impressioná-lo trabalhando para ele e ele aproveita. Mas nem eu, nem Gervásio, aprovamos o namoro. Sabe, eu sou católico e, ele, de uma dessas religiões que eles chamam de pentecostais. Uma igrejinha numa garagem! Nada contra, mas eu e Ibraim gostamos muito das nossas imagens de santos e eles não abrem mão de ter uma senhora coleção de bíblias: brancas e negras, principalmente. Cada nova edição, eles adquirem um exemplar. Eu não entendo essa história de nova edição de bíblia... A Bíblia terminou de ser escrita coisa de sessenta anos depois da morte de Cristo...

Ri. Achei realmente engraçado e concordei com ele.

O café estava simplesmente delicioso.

— Ibraim aprendeu comigo. Ele é muito bom em fazer café! Vamos esvaziar o bule! — falou reenchendo a minha xícara.

Os biscoitos de gergelim foi uma das coisas mais deliciosas que já provei. Se eu contasse que comi algo tão bom num lugar tão ermo como aquele, ninguém acreditaria!

— Estou aqui há mais tempo que os demais. O antigo dono dessa fazenda era um homem rico, próspero e muito bom. Pessoa honesta, era proprietário de tudo o que o senhor pode enxergar encima do morro. Muita gente já perdeu suas fazendas apostando

em cartas erradas, mas não ele. O Ramalho se casara com uma boa moça estrangeira. Ela nascera no País de Gales, era linda e bem prendada. Todos gostavam dela, e viam nisso o casamento perfeito. Porém, ela adquiriu aqui uma doença terrível, cujos remédios eram caros. O governo ficou de suprí-los, mas sempre havia muito atraso e ele teve de adquirir os medicamentos pelo mercado negro, pagando o olho da cara. Foi aí que entrei!

Me ajeitei na cadeira e comi mais um biscoito. Era outra história interessante.

— Eu conhecia o pessoal do mercado negro e interferi. Todos contrabandistas, fornecedores meus e dos meus amigos! Argumentei com eles e assumi o contrabando do remédio abaixando o preço pela metade, mas, veja bem, mesmo assim, uma caixa que ela consumia por mês dava para comprar um automóvel!

Abaixei a cabeça. Esse é um drama real que fere os pobres de morte e estraçalha os ricos. Nascif encheu minha xícara de novo e aproveitei. Reparei, então, que ele bebia café como eu: sem açúcar!

— Bom! — continuou. — De início, ele tinha vendido as áreas de plantio para os agricultores locais. Ele facilitou no pagamento, mas o que ele recebeu por mês deu para se manter. Depois, ele vendeu todo o terreno que dava acesso à sede da fazenda, e foi assim que Gervásio e até o Moacir, mais tarde, se deram bem. E, com toda a luta, a esposa dele acabou falecendo!

— Coitado!

— Sim... É por isso que o governo ajudava pouco... Veja bem, usar o dinheiro dos contribuintes para uma doença sem cura?

— Não é uma maneira fria de enxergar as coisas?

— Sim, mas, se fosse a minha mulher, Raquel, eu teria feito a mesma coisa que o Ramalho. A verdade deve ser vista pelos olhos de um comerciante e os desejos pelos de um padre. Se o senhor conhece a pessoa, o senhor será padre. Senão, será comerciante! Não é assim que as coisas funcionam?

Confesso que não encontrei uma resposta. Ele continuou enquanto bebia o café com mais um biscoito:

— E o drama do Ramalho não terminara aqui! Mal o defunto da viúva esfriara no túmulo, eis que a filha única apresentou a mesma doença da mãe!

— Era genético!

— Isso! Eu vi o desespero no seu rosto!

— E a menina sobreviveu?

— Sim, mas com sequelas! Hoje ela vive numa cama hospitalar e só pisca o olho e sorri quando vê o pai. Mas eu agi diferente! Assumi os medicamentos, dizendo que eu iria cobrar depois!

— Negócio caro e arriscado!

— A vantagem nossa é que eu tenho crédito na praça e tenho a quem recorrer e foi o que fiz! Consegui vender uma remessa de uísque falsificado como Chivas Regal pela metade do preço de um original em tudo quanto é boteco de bairro chique de cidade grande. Ganhei uma burra de dinheiro e ninguém reparou na falsificação. O brasileiro é fantástico: faz pose para beber coisa vagabunda com marca famosa! É um povo que troca a qualidade pela marca, e é isso que faz os contrabandistas e falsificadores enriquecerem!

Concordei, achando graça.

— Bom! O Ramalho acabou se endividando comigo e, assim, adquiri essa mansão com a porteira fechada.

— Foi um bom negócio para você! — observei. E o Ramalho, o que foi feito dele?

— Bom, ele não está passando fome... Ele sabe conduzir negócios e assumiu a fazenda de um amigo, fez dinheiro e hoje é capataz, podendo manter a filha viva com aparelhos. E, ainda, teve a sorte de casar com uma viúva rica. Era a mulher de um deputado.

— Bom para ele! — falei!

— Sim, bom para ele! — concluiu.

A chuva se amainara e a neta de Gervásio entrara de novo. Estava se esforçando para agradar o pai do namorado, trazendo outra partilha de biscoitos mais um bule de café e uma garrafa de cristal cheia de licor.

— Ah, licor de tangerina. Já bebeu?

— Não. Parece refrescante!

— É um segredo de família. Isso significa que gostei do senhor, pois raramente fico conversando com outra pessoa por mais de vinte minutos.

— Obrigado! — respondi. — Me sinto honrado!

— Eu sou comerciante, neto de libaneses. Isso faz de mim uma pessoa que deve aprender a julgar as pessoas pelo olhar para saber como estou fazendo negócios. Se uma pessoa da minha categoria não souber avaliar, em menos de um segundo, quem está na sua frente, está fadada a abrir falência! Então, o senhor é um homem honrado no meu conceito. Sinta-se lisonjeado, pois, honrado, ao menos o senhor já é!

Não soube o que dizer. Nascif era bom em desarmar as pessoas, também!

— O senhor está um tanto perturbado com a neta do Gervásio... Imagino que o senhor... — deu uma olhada pela porta. Continuou: — ... O senhor deve imaginar se ela seria filha dele, também!

— É... Soube disso!

— Coisas do Moacir! Ele é um grande amigo, e honesto que nem ele só! Excelente pessoa, mas tem um defeito! Digo isso na frente dele! Ele acredita nas fofoqueiras do lugar e não consegue, depois, filtrar as informações, tirando suas maldades e procurando descobrir o que realmente está atrás da maldade dos homens. Ele nunca será um comerciante de sucesso, dessa maneira! Eu vou contar a história!

Me acomodei. Experimentei o licor de tangerina entre dois goles de café e confesso nunca ter bebido algo mais delicioso em minha vida.

— O Gervásio tem três filhas. Nenhuma delas deu certo na vida! A mais velha, fugiu de casa por causa de drogas! As outras, se prostituíram e são prostitutas até hoje! Para uma família pentecostal como Gervásio, sua mulher, que até pode ir para o céu, mas a língua fica em outro lugar, e a sogra, a representante na Terra do Purgatório que ele vive por não ser católico, isso é a maldição das maldições. Mas, como sabe, a gente deve entender as pessoas para perdoar! Gervásio é um santo homem, mas vive uma vida que satisfaz aos homens, mesmo os mais modernos. As mulheres se emanciparam muito mais que nós, do sexo masculino!

— Eu não entendi!

Nossas xícaras foram cheias de novo com o maravilhoso café com biscoitos, enquanto eu esvaziava o delicado cálice cor de rosa cheio do licor dourado.

— Antigamente, os homens iam para a rua, bebiam e fumavam, jogavam sinuca e discutiam política. As mulheres, não! Ficavam em casa, cosendo com "s" e com "z", isso é, costurando e cozinhando.

Ri da observação.

— Pois bem! Ainda, tratava dos filhos! Hoje, os homens não jogam mais sinuca, não tem mais o que discutir de política, a não ser reclamar e ir para casa. O homem da moda é aquele que faz os serviços domésticos: lava a louça, cozinha para a mulher e ainda toma conta dos filhos quando elas saem com as amigas... Ou pelo menos dizem que saem com as amigas! E a mulher, agora, está indo aos bares, jogando sinuca e discutindo de tudo, e, nessa discussão, elas até podem ser classificadas entre as que falam sobre novelas e *reality shows*. Essas são as com o menor grau de inteligência. Temos aquelas que imaginam que sabem sobre política, e essas possuem inteligência mediana, pois conhecem alguém na mídia além dos galãs de novela e dos bonitões que aparecem nesses programas em que as pessoas tentam se relacionar, o que, para elas, é o pior desafio do mundo, à altura somente dos grandes possuidores de sabedoria espiritual. E há as que realmente entendem de política. São as infelizes que valem ouro, pois homens não gostam de se

relacionar com mulheres que lhes sejam superioras em matéria de inteligência. Essas são as mais valiosas que existem, pois superam suas vaidades em troca do conhecimento. E os homens? Intelectuais ou não, todos continuaram sendo a mesma coisa, se esforçando em se mostrarem mais caseiros e trabalhadores domésticos para garantir suas mulheres. A emancipação delas teve um custo alto para o machismo! Vivam elas, mas pobres dos homens que levarão um século para se adaptar realmente à nova realidade!

— Sim, concordo! Mas não me parece que essa realidade já chegou aqui, não é?

— Somente a casca dela! E as meninas do Gervásio, imaginando que os homens evoluíram, caíram nas esparrelas deles! Deu nisso!

— Todas engravidaram?

— Essa é a realidade. A mais velha, ainda um pouco ligada à tradição familiar, cheia de vergonha, fugiu de casa e nunca mais se soube dela!

— Mas quem seria os pais dos filhos delas? — perguntei.

— Oficialmente, é o Gervásio, que adotou as crianças! Veja, ele, para que elas não caíssem na vergonha, conseguiu, com um irmão da igreja dele, adotar oficialmente seus netos como seus filhos! Ora, como todos sabem que as meninas são as mães deles e agora tem o Gervásio como o pai oficialmente, mesmo sendo a santa esposa dele a mãe, também oficial, o povo daqui já pensa no pior: Gervásio é o pai biológico dos seus netos! Não é só o Moacir que pensa desse jeito!

— O povo daqui acredita!

— Prefere acreditar assim! O povo sempre gosta de acreditar na pior versão dos fatos, não é mesmo?

Meditei um pouco enquanto esvaziava o licor, e perguntei ainda:

— Mas... Como o povo aqui encara o Gervásio como pai dos filhos de suas filhas?

Nascif abriu os braços e respondeu:

— Como toda sociedade machista! Ele é a vítima porque sua mulher, coitada, envelheceu depressa. A culpa é das filhas que, como as filhas de Lot, seduziram o pai. Como elas vivem de prostituição mesmo, os seus clientes nem se incomodam... Creio que até gostam, pelo exotismo! Como disse o escritor inglês, "as pessoas mais interessantes são um homem com um futuro e uma mulher com um passado"!

— Oscar Wilde! Era irlandês!

— É... Acho que foi ele mesmo. Gosto de ler, mas não me apego aos autores.

Pensei comigo que é como no cinema. A maioria das pessoas não se apegam aos nomes dos atores e diretores, a não ser quando eles são muito famosos.

Sorri, e ele me ofereceu mais uma rodada de café. Achei que seria uma indelicadeza de minha parte aceitar alguma coisa a mais, a não ser se ele insistisse. Creio que, assim, a indelicadeza seria dele, embora não me importasse disso nem um pouco. A chuva cessara e a noite estava começando a cair, quando falei:

— Bom... Eu gostaria de ver minha tampa de vaso sanitário fazer o pagamento...

— Quanto à tampa, não precisa se preocupar. Ela já foi instalada, enquanto nós conversávamos. O preço é trinta reais. Não peguei a melhor das tampas, porque certamente o senhor vai deixar por lá para o próximo caminhoneiro que frequentar aquele quarto, roubá-la. Nem todos são assim, mas tem um povinho que se acha dono de tudo por onde passa! Quanto à cor, bem... Combina com seu banheiro. Já coloquei quatro tampas dessas antes, a pedido do Moacir, até ele desistir. Fique tranquilo e volte mais tarde. Gostei de tomar café com o senhor.

Eu também gostei e transpareci isso a ele. E fui tranquilo para o meu quarto. Vi o Moacir já começando a preparar a mesa para o meu jantar.

— Daqui a vinte minutos, o jantar será servido. O senhor toma vinho?

Tomo vinho, sim! Acenei positivamente com a mão e corri para o quarto.

Queria tomar um banho, pois o corpo ainda estava molhado. Mas acabei resolvendo tomar mesmo na hora de dormir. Vá lá que chova de novo! Nem troquei de roupa.

No banheiro, deparei com a nova tampa do vaso sanitário. Estava bem presa e era de qualidade aceitável para um objeto que seria pouco usado por mim e que não iria durar muito tempo ali. Muito provavelmente, o próximo a utilizá-lo o carregará consigo. Fiquei pensando que sentido existe no gesto de se roubar a tampa de um vaso sanitário! Geralmente, para quem o usa, essa é uma das primeiras preocupações ao se ocupar definitivamente um imóvel. E, para quem não o utiliza, roubar para quê?

Dei uma lavada no rosto, passei uma escova no cabelo e saí para o jantar. Moacir estava sentado à mesa com uma garrafa de vinho aberta e duas taças cheias. Sentei-me.

— Brindemos à tampa do vaso sanitário! Para lhe compensar, não cobrarei o jantar nem o vinho. Mas, por outro lado, lhe farei companhia!

— Uma companhia que me honra muito! — retribuí a gentileza, pegando a taça de vinho tinto, oferecendo para um brinde.

— Tim tim! — falou Moacir, batendo sua taça na minha, e sorvemos a bebida.

Meu Deus! Que era aquilo? Que vinho era aquele? Olhei para o rótulo, era um vinho suave de mesa! Horrivelmente doce e com gosto de suco de uva em pó misturado com a mais vagabunda das cachaças e um açucareiro inteiro. Intragável! Meu companheiro mostrou-se feliz em entornar aquilo goela abaixo.

— Ah, um bom vinho de São Paulo!

Não disse nada. Preferi ficar calado. Deveria ter desconfiado que o vinho seria horrível, a julgar pelo café que ele tomava. Se eu ficar mais de uma semana por lá, ficaria diabético, com certeza! Me fez esquecer aquele delicioso café e o licor de tangerina!

Veio a comida. Compensou essa espécie de refrigerante com pinga. Era uma macarronada muito bem temperada, daquelas que o molho se agarra na massa, com um ensopado de galinha fantástico. Veio, também, uma salada simples e uma polenta frita de fechar o comércio. A fartura deu para nós dois repetirmos o prato enquanto conversávamos:

— Então, você fez amizade com o Nascif!

— Bem, tratamos de uma conversa e tanto!

— Nascif, Nascif... Esse homem vai para o céu direto. Ele consegue ser um comerciante extremamente esperto mas, ao mesmo tempo, uma das almas mais bondosas que eu já conheci. Para mim, foi um privilégio conhecê-lo!

— Uma das netas do Gervásio trabalha com ele! — lembrei.

— Sim. Filha da filha mais velha, que fugiu de casa.

Acabamos tratando de outros assuntos. Futebol, política e uma paixão que descobrimos em comum: Asterix, o Gaulês. Conversamos bastante sobre tudo. Moacir, tirando seu lamentável mau gosto por bebidas muito doces, é uma pessoa muito culta de conversa bem agradável.

— Bom! — ele me falou na hora da sobremesa, uma goiabada com queijo que não vejo igual desde meus tempos de infância, quando passei uma temporada numa fazenda em Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro. — Tenho algumas notícias que Gerusa, a Jaqui Line, me passou. Uma é que Gervásio vai estar de volta amanhã à tarde.

— Essa é uma boa notícia, mesmo! — deixei escapar.

Moacir riu. Continuou:

— Sim, mas a peça do carro só chegará aqui na terça-feira. Veja só: amanhã é quinta-feira e você vai ficar aqui pelo menos mais seis dias. Vai atrasar seus compromissos!

Confesso que o meu único compromisso era viajar, mas tal parada estava sendo compensada pelas histórias que estava escutando do lugar, que me enriqueciam no exercício de conhecer mais as pessoas.

— E tem mais! — continuou o comerciante. — Amanhã, vai vir aqui um parque de diversões que será montado ali na várzea, onde os moleques jogam bola. Infelizmente, você não poderá dormir mais no meu estabelecimento, pois essa é a época em que as meninas e eu mais faturamos. Mas já arranjei um lugar para você ficar — disse com pressa, antes que eu falasse alguma coisa. — O Pastor mora sozinho na casa paroquial e você lá ficará mais confortável, e de graça! E o banheiro dele é melhor que o meu, com certeza! Pena que você fez um mau investimento no meu vaso sanitário!

— E ele não vai se importar? — perguntei, achando graça na sua última observação, mas estava começando a me preocupar.

— De jeito algum! Amanhã, ele virá aqui para lhe ajudar a se instalar lá. Você vai gostar dele!

Confesso que perdi o sono à noite. Deitado, de banho tomado, meditei.

Sou daqueles que prefiro passar uma noite com pouco conforto numa pensão simples do que passar com muito conforto na casa de um anfitrião, mesmo parente. Não sou velho, mas a idade e minha experiência de vida já me degastaram o suficiente para me dar várias manias próprias que adquiri na forma de me hospedar. Primeiramente, sou uma pessoa que gosta de dormir cedo. Já fiquei em casas de pessoas que querem me colocar a par de tudo na vida madrugada adentro. Fico morto de sono para saber que uma prima perdeu um dedo do pé por causa de micose ou que um cunhado de um primo é viciado em anfetaminas. Pior são os parentes ou amigos que arranjam o pretexto de minha visita para beber até cair.

Bebo pouco e detesto ficar embriagado, e, além de tudo, sou muito seletivo nessa questão de bebidas. Pelo menos, numa casa pastoral, não corro o risco de beber. Melhor assim! Já pensou se ficasse na casa de um padre que bebesse o mesmo vinho do Moacir? Fiquei horrorizado com tal pensamento.

Outra questão é a da comida. O convidado não tem direito de escolher o prato. Na casa de um vegetariano, certa vez, fui obrigado a comer ensopado de abóbora com repolho quase todos os dias. Teve uma vez que teve ensopado de taioba, o que, para mim, é bem mais palatável. Mas quiabada com chuchu foi um prato traumaticamente inesquecível, o que me fez, de vez em quando, acordar assustado com tal lembrança. Tem também o caso dos alcoólicos anônimos que não param de criticar ao saber que a gente toma uma cervejinha de vez em quando, coisa que já faço há anos, como se de repente a gente fosse se tornar dependente da bebida. Não adianta você não sentir falta de vontade beber por meses seguidos que, para esse povo, você já está viciado!

Mas há coisa pior: são os conselheiros depois da coisa feita. Se eu compro uma bermuda, perguntam porque não comprei uma calça, no lugar. Um dia, adquiri um terreno de frente para o mar. Um parente que me recebeu numa viagem não se conformou e começou a me criticar todos os dias, perguntando por que tinha feito isso, que o melhor teria sido adquirir um terreno na região serrana do estado do Rio de Janeiro, onde moro. Martelou tanto na minha cabeça que acabei cedendo e vendi o terreno. Um mês depois, eis que ele mudou de opinião e comprou um terreno de frente para o mar, em Guriri, município de São Mateus, no Espírito Santo. Ele descobriu por conta própria que a melhor coisa do mundo é morar em frente para o mar.

Se eu estivesse hospedado sozinho num quarto de hotel, esse tipo de conversa seria muito mais resumido. Mas, na casa dos insistentes anfitriões, a regra de dormir é deles e é isso que não aguento mais. Não suporto, por exemplo, escutar os insistentes apelos para que eu me alinhe à ideologia deles. Já fui insistentemente, e muito insistentemente, aliás, apelado para que fizesse parte da

Assembleia de Deus, da Maçonaria, da Ordem Rosacruz, do Lions Clube, abraçasse a Renovação Carismática da Igreja Católica, que eu fizesse parte do Partido dos Trabalhadores, do Partido da Social Democracia Brasileira, que lesse os livros de Carlos Castañeda, Emmanuel e do Torres Pastorino, assistisse filmes com Steven Seagal ou do Abbas Kiarostami — inclusive, tentaram até me convencer que se eu gostasse de um, iria gostar do outro!

Por isso, sobram-me razões para ficar sozinho. Agora, um pastor me espera para ter a mim como hóspede! Talvez o vinho do Moacir fosse mais palatável!

Não acordei de bom humor. Na minha opinião pessoal, ao contrário do que pensa a maioria das pessoas que conheço, é uma fraqueza de caráter deixar transparecer a sua mudança de humor por coisas tão fúteis. Fiz uma barba caprichada, ensaiei um rosto menos fechado e saí para enfrentar o pavoroso café do Moacir.

Deparei com o trabalho de uma equipe de bom tamanho de pessoas montando o parque de diversões. Um carrossel, com cavalos minúsculos para crianças de até cinco anos, já estava quase todo montado. Um brinquedo chamado Cisne do Amor também estava adiantado: era uma espécie de carrossel, mas, no lugar dos cavalos coloridos, havia grandes cisnes que caberia um casal de adultos.

Outras barracas também estavam sendo preparadas naquele instante que cheguei. Uma de tiro ao alvo e outra de pescaria. Havia também outra espécie de carrossel, mas com carros coloridos com lugar para duas crianças, sendo que uma fica num volante para, sempre o menino, com a menina ao lado, ficar rodando e rodando na tentativa inútil de querer sair daquele círculo monótono, sem sucesso. Uma bela perspectiva de vida que se oferece aos pequenos!

Pelo que tinha percebido, haveria uma barraca de maçã do amor, coisa que suspeito, pois a quantidade é grande, mas a venda sempre é muito pouca, e vi um carrinho de pipocas e outro de algodão doce. Algumas argolas sugeriam que haveria jogo de argolas, também. E só!

Maldisse a minha cultura. Eu já estive em todos os parques da Disneyworld, já fui ao Beto Carreiro World, fui a Las Vegas e até já me diverti em cruzeiros marítimos, e estou julgando aquelas pobres pessoas de vida parada, presas diante um aparelho de TV com sinal falho e ouvindo as mesmas histórias das novelas e as mesmas propagandas de produtos que não existem naquele fim de mundo! Para eles, aquele parque seria um evento de milhares de novidades, lembranças de bons acontecimentos, música, crianças rindo e pessoas se encontrando, seja para uma noite de prazer ou mesmo para um compromisso eterno... Que direito tinha eu de achar pobreza naquilo que, com tão boa vontade, estava sendo arrumado, gerando tanta expectativas?

As poucas pessoas que estavam ali, assistindo à faina dos empregados do parque, tinham uma expectativa tão grande que seria um crime negar isso a elas. Certamente, mais pessoas, vindos da vizinhança, e vizinhança ali eu diria coisa de dez quilômetros ou mais, para dividir aquele pequeno momento de felicidade com outras. Podem até não gastar nenhum tostão ou, pelo contrário, desembolsar ali todas suas economias, o que não seria lá grande coisa, mas os moradores da redondeza iriam, certamente, se divertir.

Os empregados, empenhados na faina de montagem, mostravam-se arrogantes, satisfeitos de que eles ali seriam as pessoas mais importantes do local. Coisa de gente muito simples: trabalhar num parque de diversões pequeno, desses que percorrem as cidades do interior do país, como esse que está sendo preparado agora, é um símbolo de *status* social imenso para não ser aproveitado com arrogância.

Mas eu tinha de tomar meu café. E fui para a venda do Moacir.

Lá, encontrei um homem forte, com um grosso bigode, camisa aberta e suado. Usava uma calça velha de linho e calçava chinelos de couro. Estava reclamando:

— É essa droga que você chama de café? Moacir, quando é que você vai colocar algo decente nessa venda?

— Prometo fazer um café como você gosta no dia que você colocar uma barraca de tiro ao alvo honesta!

— Ah! Vá se catar! E essa mesa aí posta, é para alguma autoridade?

— É sim, e é bom colocar respeito antes que ele peça seu alvará!

— Tenho alvará e tudo! Não tenho medo de ninguém!

— Claro que não, mas esse cobra o dobro de cerveja. Por isso, trate-o bem... Aliás — abaixou a voz quando cheguei à porta —, ele acabou de chegar!

Quando entrei e vi minha mesa posta com a indefectível toalha sendo encarada pelo estranho, o dono do parque, percebi o tom da conversa. Ele saiu com uma lata de pêssegos em calda sob o braço e me cumprimentou, com falsa humildade e uma mistura de raiva e temor nos olhos:

— Bom dia, doutor!

Sorri para ele em resposta e entrei. Sentei à mesa e logo o dono do estabelecimento me acompanhou. Estava rindo:

— Lourival é uma pessoa e tanto! — falou.

— Ele é o dono do parque? — quis saber.

Moacir riu mais ainda:

— Não! Ele é o gerente trabalhador como um escravo e estupidamente honesto, mas burro feito uma porta! O verdadeiro proprietário, ninguém sabe quem é! Possui uns dez parques desses, todos gerenciados por pessoas como o Lourival que paga mal aos funcionários sem carteira, que ficam felizes com seus ganhos. Ele mesmo ganha um quarto dos lucros e entrega tudo ao patrão. O parque não tem alvará, licença do CREA nem nada. Nem nome tem! Se você procurar, dentro de um dos caminhões há uns quatro ou cinco nomes alternativos, de modo que, se alguém quiser saber o verdadeiro, não saberá onde encontrar. Quando eles vão embora, cada caminhão pega um caminho diferente para se encontrarem,

depois, todos juntos, no destino, que deve ser uma cidade a pelo menos cem quilômetros de distância, se possível, até em estado diferente. Eles são bem organizados e a boa organização supera qualquer ignorância. E Lourival é tão correto e ignorante que não acredita que esteja fazendo uma coisa errada. Ele julga estar certo por trabalhar, dar emprego e pôr ordem nas coisas!

— E eles não têm alvará! — revelei minha estranheza.

— Tem nada! Por isso, eles procuram esses fins de mundo onde nem o fiscal mais chato da prefeitura visita. Essas regiões não elegem um vereador, por isso, são abandonadas pelos órgãos oficiais. Em outras palavras, não existimos!

E completou:

— Graças a Deus!

Veio o café horroroso, mas, dessa vez, acompanhado por beijus de tapioca recheados com queijo Minas. Já comi com recheio de queijo-de-coalho, mas o que degustei hoje não deve nada a ninguém!

Quando estava quase no fim da refeição, eis que chegou um homem baixo, magro, vestido sobriamente com uma camisa de manga comprida abotoada até ao colarinho. Era um mulato com um jeito manso e delicado, como se cada gesto seu fosse estudado. Cumprimentou:

— Bom dia, Moacir. Bom dia, senhor...

— Reverendo Jadelson, bom dia! — respondera Moacir.

Um dia, pesquisarei onde os pais encontram esses nomes para os filhos. Gervásio, Jadelson... Já conheci um Genivaldson! Mas isso seria outro assunto! Eu também respondi ao cumprimento.

Do jeito que o pastor tinha falado, não só seus gestos, mas também suas palavras eram todas medidas, sílaba por sílaba! Moacir o convidara a se sentar e ele, delicadamente, aceitou, sentando-se vagarosamente.

— Aceita um café?

— Aceitaria um chá de camomila e sua tapioca, se você ainda tiver!

— Mas claro que sim! Dona Cura, veja um chá de camomila e outra tapioca pro pastor!

O pastor sorriu para mim, educadamente. Perguntou, sem desviar o olhar:

— É ele, o meu inquilino?

— Sim esse mesmo. Uma vítima daquele estúpido quebra-molas colocado na curva, como se fosse adiantar alguma coisa ou como se alguém se importasse com a nossa segurança!

O pastor simplesmente sorriu. Depois, com uma simpatia que gerava dúvida entre se era real ou apenas uma bondade que lhe seria um sacrifício, declarou:

— Espero que o senhor se sinta bem em minha modesta morada.

Sem dúvida, um religioso. Quem, senão um padre ou um pastor, denominaria sua residência com o bíblico nome de morada? Limitei-me a responder:

— E espero não lhe ser um incômodo, Reverendo!

Ele, sem tirar o sorriso, falou a Moacir:

— Você não me disse que ele era culto... Me chamar de Reverendo... Hoje, só os mais letrados fazem isso! — e, voltando-se para mim, perguntou: — Mas o senhor é católico, a julgar pela corrente no pescoço.

Era uma pequena corrente de prata com uma rara imagem de Nossa Senhora de Fátima, também em prata, comemorativa do cinquentenário da sua aparição. Minha finada madrinha tinha trazido de Portugal, para mim, e estava abençoada pelo Papa Paulo VI. Não sou muito religioso, mas jamais me dispus dessa pequena e significativa relíquia. O pastor também era muito culto e observador. Senti, naquele instante, que iria me dar bem com ele.

Chegou o beiju e o chá e ele comeu e bebeu com rara elegância, sempre com gestos delicados. Reparei que suas unhas eram pintadas com esmalte transparente. Sinal de um homem extremamente cuidadoso.

Moacir falou:

— Não se preocupe em levar suas coisas! Pedi a dois moleques para fazer isso.

— Ótimo! — respondi. — Costumo deixar sempre as coisas arrumadas para sair.

Meia hora depois, entrei na casa pastoral. Não poderia esperar que o lugar estivesse desarrumado. Muito pelo contrário, a julgar pelos modos do pastor. Mas, mesmo assim, me surpreendi. A casa emanava uma paz tranquila, como se fosse frequentada pelos anjos que a arrumavam e a limpavam. Que lugar maravilhoso! A se comparar com o cubículo onde estava enfiado, estava num paraíso inexistente na Terra.

— Parabéns! — elogiei. — Uma residência maravilhosa!

Ele revelou, sempre sorridente:

— Tenho a Graça que o Senhor me deu ao morar nesse lugar. É mantida pela família do Gervásio, que é muito caprichosa! Venha, vou lhe mostrar seu quarto!

Me levou aos meus aposentos. Não pude acreditar! Era uma suíte!

— Puxa, quanto luxo!

Ele concordou:

— É mais do que merecemos! Já estive em pocilgas horríveis como casa pastoral. Uma delas, tinha um centímetro de água empoçada no quarto. Não que me incomodasse muito, mas não podia deixar a coberta bater no chão! Em outra casa, a quantidade de cupins e baratas não me deixava dormir sossegado. Outra vez, fiquei dividindo a parede com um prostíbulo! O senhor não tem ideia como um servo de Deus sofre ao escutar alguns barulhos!

Imaginei. Quis rir, mas me contive.

— Porém, para eu poder convidar um pastor de fora para visitar uma paróquia nesse fim de mundo, como diz Moacir, tenho de oferecer um atrativo material ao nosso visitante. Conforto e boa comida são excelentes salas de visita. O senhor não tem ideia como um evangélico gosta de comer!

Acabei rindo e ele riu um pouco mais alto:

— Nós criticamos o católico por gostar de beber, mas não olhamos a nós mesmos quando tratamos da gula!

Eu nunca tinha pensado nisso antes. Não conheço muitos evangélicos, mas fui numa festa de aniversário de uma médica da família que era presbiteriana. Não tinha bebidas, mas o que o pessoal comeu ali era para escandalizar qualquer nutricionista.

Ele me convidou para conhecer a casa. Me levou à sala de jantar, uma daquelas salas antigas com armários com louças e talheres e uma ampla mesa no centro. Ele explicou:

— Não sei cozinhar bem. Na verdade, não sei nem fritar um ovo! Quem cozinha para mim é a Dona Cura, mesmo! E não posso reclamar da sua comida.

— Creio que ela só peca no café...

— É o que dizem. Na minha religião, não posso tomar café, e ela me prepara chás naturais: camomila, erva-cidreira, hortelã, romã... Mas, se o senhor quiser, pode tomar café aqui em casa que eu não me incomodo. Só lhe peço para não beber bebida alcoólica... Sabe, não que me incomode, mas a reputação de um religioso por permitir alguém beber álcool aqui no Brasil é pior do que se eu fosse um bandido... É sério! — completou com uma risada.

Me conduziu ao seu escritório, onde costuma receber pessoas. Havia muitos livros de estudos bíblicos, mas também outras literaturas, como uma coletânea com as obras completas de Jorge Amado e Eça de Queirós.

— O senhor tem bom gosto literário!

Ele me mostrou uma poltrona me convidando a sentar, e sentou-se à sua escrivaninha de madeira nobre, requintada, provavelmente feita no início do Século XX.

— É o meu tormento! Sou um apaixonado pela literatura portuguesa, inglesa e francesa. Até pouco tempo, tinha uma coleção de Marcel Proust que doei para um colega que se tornou diretor de uma escola de segundo grau... Como se alunos de segundo grau lessem Proust...

Ri. Verdade pura! Ele continuou:

— Mas sou um pastor e a cultura de um pastor está voltada ao conhecimento de um único livro: a Bíblia Sagrada. Não cabe a mim sequer discutir com meus fiéis, pessoas ignorantes, coitadas, a respeito do contexto histórico. Por exemplo, sequer posso tentar entender que fenômeno astronômico fez o sol parar para Josué. Para eles, Deus estendeu o dia e pronto! Está feito! Não é fácil ter fé dessa maneira?

— Bom, muitos religiosos não aceitam questionar a fé!

— Questionar a fé é uma coisa! Aprofundar-se nela é outra! Deus pode fazer tanto um milagre daqueles compreensíveis como trabalhar com uma possibilidade única na vida. O desastre de Sodoma e Gomorra não poderia ter sido a queda de um cometa? Sim, mas anjos avisaram a Lot que as cidades seriam destruídas e sua mulher morreu de forma inexplicável. O milagre continua. Deus jogou um cometa sobre as cidades do pecado. Em todo o Planeta Terra, com três quartos cobertos por oceanos, em toda aquela região desértica, incluindo o Saara que não estaria muito longe dali, Deus acertou as duas cidades que mereciam ser destruídas! Mas, isso, não posso citar. Tenho simplesmente ser literário: "um fogo dos céus". Meteoros ou cometas, que não deixam de ser fogos do céu, não existem para meu público fiel nem para os pastores que professam minha mesma fé! Esses astros não estão citados no Livro Sagrado. Portanto, para eles, tais fenômenos não existem. Fogo do céu, sim!

Pelas suas expressões, senti que ele continha em si um desabafo. Ele estava mesmo sentido. Levantou-se e foi à cozinha. Cinco minutos depois, trouxe uma bandeja com uma jarra cheia de suco de maracujá, daqueles comprados prontos em garrafa, e dois copos cheios de gelo. Colocou tudo sobre uma mesinha com rodas e a empurrou para a minha frente, puxou uma poltrona e colocou-se ao meu lado, de modo que pudéssemos ambos desfrutar do suco. Reparei também num pote de biscoitos bem casados de polvilho e goiaba. Serviu-nos e se desculpou:

— Peço-lhe mil desculpas pelo meu temperamento. Mas, tanto o Moacir como o Nascif me disseram que o senhor era uma pessoa muito culta!

— Não! — falei sem falsa modéstia. — Sou apenas engenheiro e jornalista. Só isso!

— Já é muito para esse lugar! Moacir foi professor, também, e Nascif é um vendedor amante da literatura inglesa e de bons filmes. Precisa ver sua coleção de filmes em casa!

— E o senhor?

— Bem, sou engenheiro! Mas preferi seguir a carreira pastoral. Apesar do meu sofrimento, essa é uma provação de humildade que Deus me deu: estar entre ignorantes e humildes e fazer-se ser ouvido.

— Mas e os outros pastores, seus colegas? Não estudaram, pelo menos, Teologia?

Ele bebeu um pouco do refresco e comeu um biscoito. Repeti o gesto.

— Há de se ver que, na Bíblia, Cristo combateu os senhores da lei. Isso significa para muitos religiosos que o conhecimento teórico, a erudição e mesmo a sabedoria inspirada nos grandes da História são virtudes a serem evitadas. Quem as pratica, são os ditos "senhores da lei", e Cristo os desprezava. Assim, aqueles que estudaram Teologia numa faculdade séria, como muitos pastores de igrejas históricas e padres católicos, pela visão do povo simples, são os que se afastaram de Deus!

— Mas o Livro da Sabedoria traz ótimos argumentos a favor dos estudiosos!

— É, mas esse livro só está na Bíblia Católica. Na nossa, não!

Isso, eu não sabia. Sabia que os evangélicos não tinham todos os livros adotados no catolicismo, mas não sabia que Sabedoria seria um desses.

— Assim, meu bom amigo, meus colegas pastores são tão ignorantes, ou mais, quanto muitos dos meus fiéis. Eles não pregam pela ciência bíblica, mas pela paixão das palavras, gerando um fanatismo que o próprio Cristo condenava.

— Mas todos os pastores pentecostais são ignorantes?

— Não! Muitos fazem como eu, que cumpro o papel de uma pessoa simples para atrair gente simples, até mesmo se fazendo passar por um ignorante, às vezes. Geralmente, as boas congregações preferem escolher bem seus pregadores, e cultura e conhecimento são importantes para isso. Porém, há pastores que fundam a igreja do "eu sozinho", dizem a bobagem que querem, o povo acredita, o segue e seu trabalho se expande. O fundador da nossa Igreja, por exemplo, o Pastor Tobias, é um desses ignorantes que conseguiram expandir bem seu alcance. São poucos que conseguem esse feito! Esse tipo de Igreja tem uma linha filosófica simples, mas bem definida, mas, como falei, evita aprofundar a fé da sua comunidade. Forma um batalhão com fé forte, mas cega! É o tipo da fé instável, que pode ser moldada pelos aproveitadores de plantão e até mesmo por seguidores de Satanás!

— Sua igreja então se expandiu! Existem, por acaso, muitas igrejas pentecostais?

— Bom, minha igreja não é a única pentecostal e não tenho muitos dados sobre os demais irmãos, e creio que talvez nem exista alguma coisa precisa sobre isso! Existem várias, mundo afora, surgindo novas todos os dias! Para um pentecostal, uma garagem é um templo. Mas a congregação que sirvo, só aqui, nessa região perto de Minas Gerais e Rio de Janeiro, há pelo menos cinco delas.

Mais duas no Espírito Santo, dezoito em São Paulo, duas em Goiás e uma em Mato Grosso do Sul. Uma vez a cada dois anos, podemos escolher outro lugar para pregar, mesmo que tenhamos de fundar um templo a mais.

Senti nessa revelação uma denúncia séria: a expansão da ignorância através da fé de um povo simples. E senti que esse bom pastor já não falava com tanto cuidado como antes. Creio que ele começou a confiar em mim!

— Bom, pelo menos, o senhor tem aqui o Moacir e o Nascif para conversar!

Ele se serviu um pouco mais de suco:

— Duas excelentes pessoas, não tenha dúvida. Bons amigos, na verdade. Mas minha conversa com eles é mais restrita. Moacir é ateu. O senhor, por acaso, é ateu?

— De jeito algum! Sou católico!

— Que bom! Mas não é fanático! Moacir é ateu e não aceita de maneira alguma o que a Bíblia ensina, mesmo, como eu disse, não sendo uma referência histórica muito sólida, e isso limita minha discussão com ele. Sequer posso deixar escapar uma comparação com Davi ou Salomão que ele se cala e encerra o assunto. Nascif, pelo contrário, fica em outro extremo. Fala dos santos o tempo todo, e isso, embora não me incomode, incomoda a ele o fato de eu ser religioso e não acreditar nas suas sagrações. O católico crê nos santos, o que nossa religião critica, e muito!

Foi a vez de eu abrir um sorriso:

— É verdade! Temos muitas diferenças dogmáticas, mas temos de nos ater que o Deus é o mesmo!

— Sim, temos de nos ater que o fato de um ignorar os conceitos que o outro prega não vem a constituir de um crime, não é verdade?

— Pensei que o Gervásio fosse da sua igreja.

Ele, sempre sorridente, fez um sinal negativo com a cabeça. Completou:

— Gervásio e sua família frequentam a minha igreja, sim, mas ele prefere outra, em Mendes, de um primo dele. Uma dessas igrejas do "eu sozinho" em que o pastor se nomeia bispo! Saem ele e a família, se entalam todos naquele TL e vão corajosamente para lá. A sorte é que ele é um mecânico e tanto, de modo que não é por defeito que ele fica na estrada.

— Mas, é interessante, ele deixa as filhas! — provoquei.

O pastor parou um pouco de sorrir e ficou meditativo. Depois, voltando a alargar os lábios, sempre de forma sincera, simpática e educada, falou:

— O Moacir lhe contou?

Eu fiquei mudo. Vi que, sem querer, revelei um segredo que não deveria ter comentado. Não sabendo o que dizer, tentei esboçar uma resposta, mas acabei gaguejando. Preferi, então, ficar calado.

O pastor, sentindo a minha aflição, reencheu nossos copos com o resto da jarra e explicou:

— O Moacir é um bom homem, mas, embora nunca tivesse se indisposto com o Gervásio, ele crê num engano montado por absoluta falta de comunicação. Já tentei lhe explicar isso, mas ele não aceita. Nem o Nascif também entendeu a realidade. A questão não envolve incesto nem adoção de netos. A verdade, geralmente, é algo mais simples e bobo do que as versões, infinitamente mais interessantes, mas, no nosso caso, aqui, acho o contrário. Você não é religioso para saber que foi dentro de um templo que Cristo encontrou o primeiro demônio que expulsou! Pois bem, entre os fiéis, os poucos fiéis da minha igreja que encontro nas minhas andanças por esse Brasil, casos de incesto, traição conjugal e práticas sexuais que escandalizariam até mesmo um editor de revistas pornográficas são coisas que acontecem! Não deveriam acontecer, são práticas não cristãs, mas infelizmente são reais! E nada disso aconteceu aqui: uma verdade mais interessante que o que a crença geral. Como o senhor foi mal informado, lhe darei os esclarecimentos.

Ajeitou-se na poltrona. Estava para vir uma história daquelas que a gente não cansa de escutar.

— A Gertrudes, a mulher de Gervásio, é uma pessoa muito bondosa. Tem lá seus momentos... É faladeira que nem só ela. Começa a falar e não para. A mãe dela é uma santa pessoa que não dá um pio de conversa, mas a filha fala pelas duas e mais pelo marido. Nascif é que não aguenta ela... Ele é daqueles antigos que não gostam que a mulher interrompa suas conversas com os maridos. O Gervásio até gostaria de falar alguma coisa com o Moacir ou o Nascif, mas, mal ele abre a boca, ela toca a falar que não para! Então, eles evitam até o pobre homem para não ter de escutar aquela cantilena interminável!

— E o senhor, aguenta?

— Sou um pastor! Ela não interrompe minhas orações! — revelou de maneira tão maliciosa que nós dois caímos na gargalhada. Ele prosseguiu:

— Com todos esses pequenos defeitos, ela cometeu um ato de dignidade maravilhosa com o marido. Gervásio sempre quis um filho, mas ele só teve uma filha e tiveram de parar aí! A menina, cá entre nós, realmente não deu muito certo na vida! Não por sua culpa, veja bem, mas o seu noivo, que a engravidou até mesmo depois de marcarem a data do casamento, já era um homem casado. E, por isso, ela fugiu, tão logo nasceu a neta, que o Gervásio cuida com muito carinho. A garota trabalha pro Nascif! Portanto, Gervásio teve somente uma filha e uma neta! E sua esposa não pôde gerar mais filhos: teve sérias complicações no parto e passou por uma histerectomia. Ele aguentou tudo isso firme!

Um drama sério, pensei com meus botões. O pastor sabia do tamanho do problema que ele me revelava e falava sem mais sorrir, sem, contudo, perder a simpatia e o olhar piedoso.

— Apareceram — continuou — aqui duas meninas da vida. Mais precisamente, duas prostitutas menores de idade que vieram para cá. Uma delas conhecia a família do Gervásio. Sua mãe é, inclusive, uma das fiéis da igreja do irmão dele. A outra veio junto

e era sua prima por outra parte da família. Elas aprontaram tanta coisa errada que quase foram linchadas por um grupo de mulheres furiosas em Mendes. Isso incluía orgias com garotos da idade delas ou mais novos, prostituição barata com qualquer homem que aparecesse, principalmente os de família, além de ofender suas esposas dizendo que elas eram procuradas porque as respectivas mulheres não davam conta...

Realmente, achei que era muita provocação. O pastor prosseguiu:

— Uma delas, a Gerusa...

— Sei! — interrompi, esquecendo-me totalmente a educação que se deve aos contadores de histórias. — A Jaqui Line!

— Isso! — ele se alegrou. — Já vi que ela procurou o senhor!

— Sim, mas não teve nada! Simplesmente, esse não é o meu tipo de diversão!

— Faz muito bem para a sua saúde e a do seu bolso! — o pastor respondeu em tom professoral, rindo abertamente. Depois, continuou:

— A Gerusa inclusive tem um canino quebrado por conta de uma paulada que recebeu de uma das mulheres. A Britinei, cujo nome é Tamar, é teve suas roupas arrancadas pelas mulheres furiosas. Pelo bem da comunidade, o Bispo Gerômo, irmão do Gervásio, pediu que ele as trouxesse para cá. A intenção é que elas se redimissem, mas encontraram aqui um paraíso formado pelos caminhoneiros que param aqui vez ou outra. Alugam aquele quarto do Moacir e fazem a alegria pagã daqueles homens!

— Como o senhor, sendo pastor de uma comunidade tão pequena, encara essa situação?

— Veja, não sou inquisidor como muitos padres e pastores. Vejo como uma oportunidade de trabalho em conduzir essas ovelhas ao caminho de Deus. Em toda comunidade há pecadores e somente os pecadores se convertem. Elas, assim como os caminhoneiros,

sabem que pecam. O pior é o congregado que reza todos os dias e peca muito mais, se julgando santos salvos e dentro das Graças do Senhor! Como não sei o que se passa na cabeça deles, prefiro não julgar. Deixo esse desígnio a Deus!

Senti ali mais sabedoria que antes mesmo julgava. Mas perguntei:

— Mas elas não têm o mesmo sobrenome Cilva, com "C"? O mesmo sobrenome do Gervásio?

O pastor riu e falou entre as risadas:

— Essa é a parte mais divertida da história. Já ri um bocado sobre isso! E é sobre essa tese que o Moacir mais pega e talvez seja a confusão de tudo!

Tomou fôlego, antecipando a complicação que vinha:

— No caminho para Mendes há um distrito com um cartório, onde trabalha um sujeito, seu nome é Melquíades, que é muito dedicado ao patrão, que é vereador na cidade. Ele se tornou vereador graças principalmente ao esforço do seu Melquíades que soube muito bem mobilizar pessoas e convencer o eleitorado do patrão, o Doutor Marivaldo, que, antes, por favores da família ao Governo do Estado, recebera o cartório como herança. Como o Doutor Marivaldo quis se mostrar grato ao Melquíades, lhe deu um emprego exatamente no seu cartório! É um cartório que atende a gente simples, que nem sabe reclamar de pequenos erros cometidos. E, aí, vem a outra parte: Melquíades só estudou até o primeiro ano primário e parte do segundo ano. Diz ele que sua escola tinha pegado fogo! O danado pode falar bonito, mas escreve tudo errado! Gervásio deveria se chamar de Germano Matoso da Silva, mas ele escreveu Gervásio Matos da Cilva, com "C". Seu irmão seria Gerônimo, e ficou mais acertado um pouco: Gerômo Matoso da Cilva! Bom, há de saber que Silva é um sobrenome muito comum nesse país e tanto as primas Gerusa como Tamar são da mesma família Silva. Porém, Gervásio, querendo deixar tudo dentro da legalidade, resolveu registrar as meninas. Elas sequer tinham certidões de nascimento! Ele pagou

pela certidão delas, mas, de volta, as meninas também receberam os sobrenomes Cilva... E assim ficou!

— Pela idade de Gervásio, o tal Melquíades deve trabalhar lá há algum tempo!

— Ele e Doutor Marivaldo já são até avôs de netos crescidos! Mas nunca pararam de trabalhar! Doutor Marivaldo é vereador há várias legislaturas e é um dos mais ativos de Mendes!

Eu pensei sobre isso e acabei realmente achando graça. Que coisa! Um funcionário de cartório gera nomes e sobrenomes errados, e esses são de família diferentes, mas dando particularidades como se todos fossem de um mesmo clã. Isso nunca passara antes pela minha cabeça!

— Tem mais uma... Britinei, acho!

— Essa é a Tamar. Mas tem também a filha do Gervásio. Moça bonita e prendada, mas, no interior, qualquer tropeção é visto como uma avalanche! É a mãe da Tereza, que você deve ter conhecido na casa do Nascif. O nome dela é Bárbara! Ganhou o apelido de July pegou por causa daquela cantora inglesa ou americana que um dia ela imitou cantando... Cantou tudo errado, mas a turma aqui gostou tanto que queria até mandá-la para um programa de calouros! Canta pior que o pessoal do coral do irmão do Bispo Gerômo!

— E ela fugiu!

— Vergonha, coitada! Até o nascimento da Tereza, ela afirmava que seu namorado vinha pegá-la! Caiu num conto de caminhoneiro! Hoje, ela mora em São Paulo e, ao que parece, trabalha como diarista e está se dando bem por lá! Gervásio me contou que ela ficou noiva e que, assim que comprar um apartamento com o noivo, vai se casar e levar a Tereza com ela. Por enquanto, Gervásio cuida dela.

— E os meninos?

— Sim, são filhos dele! Não lhe disse que a mulher dele, por mais faladeira que fosse, não era uma santa pessoa? Pois bem, ela

insistiu que tanto a Tamar como a Gerusa se tratassem, parassem de tomar pílulas e dessem a ele filhos. Primeiro a Tamar, a mais velha. Depois, Gerusa. Ambas tiveram filhos ainda adolescentes que nem querem saber deles. Com a legislação vigente no país na época, ninguém acusou ao nosso amigo de ter tido relações carnais com duas menores. Afinal, todos aqui sabiam que elas eram prostitutas desde cedo... Fazer o quê! Elas tiveram filhos e há também quem creia que aqueles meninos eram filhos de gente da estrada que o Gervásio adotou! E, assim, finalmente ele teve filhos, e está muito feliz com isso!

— Situação complexa... Realmente mais interessante que os boatos!

— É o paradoxo da vida, meu amigo! Quanto mais simples são as comunidades, mais complexos são os relacionamentos que correm entre as pessoas!

Parei e pensei. Sim, havia uma situação complexa atrás disso. O pastor estava me confidenciando uma situação que alguém de fora não deveria conhecer. Por sorte, há tantas vilas nas curvas desse país, mesmo perto de Mendes, que será impossível alguém identificar essa em especial. Quem não garante que os poucos moradores de lá não conheçam toda a verdade, mas, em respeito ao cidadão mais digno, nativo naquela localidade, preferem viver encima de tantas fantasias que correm em seu derredor?

Arrisquei numa pergunta delicada:

— Uma dessas meninas já tentou comigo. E nos outros homens daqui?

— Ah, meu caro, a carne é fraca. Sabe lá Deus o que elas já não aprontaram?

— Até mesmo encima do senhor pastor?

— Sim, é verdade! A Jáqui até disse que seria uma "transa santa"! Tive de ralhar com ela sobre fazer uma brincadeira dessas sobre uma coisa tão séria!

— Imagino — aumentei mais o risco — que o senhor deva ter sofrido. Afinal, não vejo aqui nenhum sinal da Sr.ª Jadelson aqui com o senhor!

Ele sorriu mais uma vez, com muita simpatia.

— Não existe uma senhora Jadelson Moura.

— Mas tem alguma a caminho?

— Não! — ele balançou a cabeça. — Sabe, vou me abrir com o senhor. Sou homossexual!

A revelação fora assim: fria, sem mostras de constrangimentos, nem meias palavras. Me recordei, de repente, da chamada "cura *gay*" que alguns pastores pregam em comunidades mais simples. Aliás, ele é de uma igreja de gente simples! Como ele poderia ser aceito na sua comunidade?

— Os demais pastores sabem disso? — quis saber.

— Deus me perdoe! Não... Imagine se eles souberem? Bom, primeiramente, sou um cristão e não peco contra a minha castidade. Mesmo se eu fosse heterossexual, não poderia nunca me relacionar com uma moça sem estar casado com ela. Depois, minha igreja condena a homossexualidade de maneira aberta. Se souberem que, antes de me tornar um pastor, eu já fui mais libertino e cheguei a ter vários namorados, eles iriam pregar que sou um ex-homossexual curado pela minha fé, o que seria uma boa propaganda, mas mentirosa. Mas não é nada disso! Sou uma pessoa que gosta de homens e continua gostando. Acho que nasci com o sexo errado, mas não pratico relações por dois motivos: uma é que minha fé condena e outra é que devo ser uma pessoa casta. Então, guardo meus sentimentos para mim mesmo e sou o que sou. Acredite ou não, estou feliz assim!

— Sem sofrimentos?

— Sofrimentos superáveis! Antes, era pior! Os homens que gostam de se relacionar com os *gays*, são, em grande parte, machistas. Eles maltratam tanto os homens com que se relacionam como

as mulheres. Alguns *gays* e algumas mulheres, por mais estranho que isso seja, gostam de ser tratados assim. Mas nem todos! Uma comunidade *gay* que frequentei era totalmente libertina. Não havia respeito uns com os outros nem respeitavam a si mesmos. E havia muita bebida, droga e até pedofilia. Quis participar de comunidades mais respeitosas e essas existem. Uma delas era de evangélicos que buscavam a famosa "cura *gay*". Alguns dos participantes vieram a descobrir que não eram homossexuais. Se relacionavam com pessoas do mesmo sexo por puro modismo. Outros, como eu, resolveram parar de se deixar submeter aos ambientes que não aceitavam. Alguns passaram a ter relacionamentos sérios com pessoas do mesmo sexo. Outros, combinaram "casamentos brancos"... Um casamento sem relacionamento íntimo. Ele, ela ou ambos homossexuais passando a viver uma vida mais, como eles dizem, aceitáveis socialmente. Isso resolve muitos problemas, pois as comunidades mais simples não aceitam, e talvez jamais aceitarão, casamento do mesmo sexo. O meu caso foi o mais simples: sexo é um prazer que posso superar, e, entrando num trabalho que acho bonito e satisfatório, me dedicando profundamente, não deixarei de ser homossexual, mas serei sempre eu mesmo fazendo o que gosto e vivendo como gosto, e com uma vantagem que poucos têm!

Meu silêncio significou "que vantagem seria essa?". Ele interpretou e respondeu:

— Um dos trabalhos pastorais mais dignos é o de aconselhamento. Que bom conselheiro não me tornei?

Sim! Achei uma grande verdade nisso!

O pastor renovou a jarra de suco e a terrina com os biscoitos e conversamos sobre amenidades. Uma pessoa extremamente simples e culta como ele nos oferece sempre um sem número de assuntos que, para um mortal pouco informado, consistiria numa conversa chata, maçante! Mas não para nós dois. Descobrimos muitas coisas em comum, como o gosto por Tchaikoksky, que ele é apaixonado, e eu nem tanto, mas que realmente admiramos o seu magnífico "Concerto Número Um para Piano e Orquestra" e

"O Lago dos Cisnes". Confessei que meu gosto favorito estava em Borodin e Modest Mussorgsky. Porém, para a minha surpresa, ele me apresentou, e fez tocar, uma série de obras de George Gershwin. Já, ao contrário de mim, ele não é adepto ao cinema, mas ainda aprecia uma boa literatura. E nossa conversa avançou para a hora do almoço, quando chegou Dona Cura com uma farta refeição para nós dois. Um frango com polenta frita e macarrão inesquecível! E ele me contou mais uma vez a história do Moacir sobre o nome da boa senhora, para o nosso deleite e riso.

Eis que, por um momento, pensei sobre a capacidade de uma pessoa atrapalhada conseguir fazer a história de uma cidade! No fundo, pode até ser divertido, mas quantas famílias não ficaram frustradas vendo os nomes dos seus filhos mudarem contra as suas vontades e elas temerem reclamar? Quantas pessoas simples existem no mundo e como a ignorância as faz sofrer tanto... Nessas comunidades pobres saem os Cilvas e as Curas.

Dona Cura nos tinha dito que o Nascif nos convidara a jantar na casa dele às oito horas da noite. Ele queria comer pratos orientais com companhia.

E nossa conversa sobre livros e músicas avançou até à tarde. Uma pena que ele, como pastor, não se aprofundaria num assunto em que sou apaixonado, embora um tanto ignorante: vinhos! Se ele tivesse conhecimento sobre bebidas, então, um dia seria muito pouco para nós dois.

Resolvemos, às seis horas da tarde, encerrar nossa conversa e visitar o parque de diversões. O pastor tomou um banho e eu preferi, no momento, só trocar de roupa, pois prefiro tomar banho só antes de dormir. Às seis e vinte, bem vestidos, penteados e, no caso do religioso, muito perfumado, saímos. Por um momento, pensei que a cultura não modifica tanto a maneira de ser das pessoas, por mais erudita que seja. O pastor tinha passado coisa de meio litro de perfume vagabundo, daqueles doces que conseguem atrair moscas, mosquitos, mulheres da vida e outros parasitas. Mesmo sendo um pastor e com tanto conhecimento, ele mantinha a vaidade das

pessoas mais simples e revelava um pouco a sua orientação sexual. Me recordei quando organizei uma festa com os operários de uma empresa onde trabalhei. Era assim mesmo: aqueles homens rudes, calejados e acostumados a grandes esforços estavam todos perfumados e vestindo roupas de gosto duvidoso, mas no preço limite que eles podiam adquirir com algum sacrifício. "Roupas caras" na concepção deles. Pois assim estava o nosso pastor. De terno marrom, camisa roxa e gravata amarela, carregado de perfume e usando um mocassim e meias grossas, brancas, de algodão.

O parque já estava aberto desde às dezoito horas. Um alto falante, que tinha chamado a atenção para que encerrássemos a conversa, tocava as músicas mais inacreditavelmente simples e piegas que já escutei. Cascatinha e Inhana, Barrerito e Trio Parada Dura — tudo tirado de um museu de músicas sertanejas velhas que nem só elas. Sob o som, havia barracas com lâmpadas vermelhas, verdes, azuis, amarelas e sem cor alguma, enfeitando a diversão de gente de todas as idades e estilos. Tinha uma barraca de tiro ao alvo, cujos prêmios variavam de maços de cigarro a bonecas de plástico provavelmente pegadas na loja do Nascif. Tinha também uma barraca de roleta, com uma roda cercada de pregos que esbarravam numa lingueta de latão. A roda era dividida por setores circulares coloridos, cada qual com um número e correspondendo a uma fila com três pregos. Se a roda parasse e a lingueta batesse no número apostado, a pessoa também ganhava um prêmio igual ao da barraca de tiro ao alvo. Claro que quem girava a roda era o responsável pelo local: um crupiê que nunca deixava um apostador ganhar. Reparei que tinha um que ganhava, sim, bons prêmios. Era sempre a mesma pessoa que retornava lá uma hora depois para apostar e ganhar de novo. Devolvia o prêmio às escondidas e assim fazia, dando um ar de honestidade à coisa.

Desde que chegamos ao parque, o Lourival se juntara a nós, sempre andando atrás, provavelmente para intervir se eu lhe pedisse o alvará. Fingi que não o via e, maldade de minha parte, o que seria um imenso deleite de Moacir, fingi ainda estar inspecionando as coisas. Pobre Lourival!

Tinha um cercado de pescarias, com prendas que constavam de carrinhos de borracha, aqueles com rodinhas e eixo compondo uma peça única que as crianças arrancam à vontade antes de morder as carrocerias azuis, verdes ou vermelhas, ou então bonequinhas de borracha que as meninas também lhes tascam mordidas.

Tinha também uma de argolas, e lá estava a lata de pêssego que o Lourival comprara do Moacir. Confesso que me intriguei, pois, pelas dimensões da argola, dava até para enfiá-la na lata com um encaixe quase perfeito e sem folga. Como aquela argola entraria naquele prêmio, atirado por uma pessoa numa distância de pelo menos três metros? Reverendo Jadelson bem que tentou, esquecendo as noções básicas de engenharia.

Bom, havia outros brinquedos. Tinha um carrossel de aviõezinhos com volantes que faziam as hélices girarem. As crianças iam à loucura com isso. Tinha outro de carrinhos que até acendiam os faróis e as lanternas traseiras. Se bem que algumas lâmpadas estivessem queimadas. E tinha um outro carrossel mais tradicional, com cavalos, girafas e zebras que encantavam crianças com menos de cinco anos.

Havia várias crianças que não tinha visto ainda mais os filhos de Gervásio lá, namorando os carrosséis. A maioria das crianças faziam isso. Somente um ou outro se divertiam mesmo andando naquela roda interminável, tendo como diferença a referência dos pais ou avós que acenavam para esses toda a vez que passavam perto. Porém, até mesmo em ver e viver naquele mundo brilhante de fantasia sonora satisfazia os pequenos. Santa existência!

Havia também a diversão adulta. Algumas mulheres vieram de fora, concorrendo com Jaqui Line, Britinei e Doroti. Uma delas me abordou perguntando se eu não toparia um jogo de argolas ou de tiro ao alvo com ela. Falou em duplo sentido. Perguntei seu nome e sua idade e ela me disse que se chamava Jody, e que tinha dezessete anos. O pastor escutou e, depois me explicou:

— Seu nome é Isaura e tem trinta anos!

Ainda, para uma diversão mais para adolescentes, tinha um barco que balançava de acordo com as cordas que seus tripulantes puxavam. Eu me divertia com isso na minha adolescência. Corrijo: me diverti com isso uma vez na vida na minha juventude. Uma vez só e bastou!

Eis que Gervásio surgiu na nossa frente. Sua cara sisuda estava menos fechada. Parecia estar se divertindo um pouco. Eu tinha reparado nos seus filhos que andou, cada um, numa das diversões do parque. O mais velho andou no tal barco com um garoto da sua idade, que eu não tinha visto ainda, e o do meio andou no carrinho. O caçula se mostrou a criança mais feliz do mundo montado num equino listado e chifrudo no carrossel. Só naquele momento tinha reparado que aquele animal parecia ser um cruzamento de uma zebra invertida com um unicórnio. Escrevo zebra invertida, pois a zebra normal é branca com lista preta. Aquela era preta, na verdade, roxa escura, com listas brancas, na verdade, douradas. Imaginação fértil do artista!

Na presença do Gervásio, Lourival se afastou. Soube mais tarde que uma vez se desentenderam e Lourival, antes um segurança particular e perito em artes marciais, perdera dois dentes da frente com um soco só do mecânico. Depois disso, Lourival nunca mais mexeu com as mulheres dos outros.

Gervásio deu um sorriso. Pela primeira vez que o vejo sorrindo.

— Boa noite, Pastor. Boa noite, Doutor! Estão se divertindo?

— Muito — respondeu o pastor. — Perdi até dinheiro naquelas argolas, tentando pegar a bendita daquela lata de pêssegos!

— Acho que seria mais fácil passar ali no Moacir e comprar uma! — observei em tom divertido.

— E o prazer da conquista, meu amigo? Sabe, só existem três prazeres na vida: comer, dormir e conquistar.

— E as mulheres, pastor? — observou Gervásio.

— Conquista, meu amigo! E beber e fumar significam comer!

Gervásio riu. Creio que se ele não fosse um pastor, ele não teria rido. E eu sorri por pura educação. Não concordei em absoluto! Mulheres não significam só conquista. Mais politicamente correto falando, a aproximação entre pessoas por desejos e paixões é algo muito mais complexo do que uma mera conquista. Sendo mais chulo, diria que o flerte e sua coroação, que podemos, para resumir, chamar de casamento, é comer, conquistar, dormir e muito mais! Tanto mais que terei que um dia escrever um livro sobre o que eu acho disso — e creio que um livro só será pouco! Talvez, arrisco em dizer, que quase todas as obras da humanidade tentam resumir o amor carnal e espiritual entre as pessoas. Antes, era só entre um homem e uma mulher. Hoje, nem posso resumir assim, dessa maneira!

— E você, amigo Gervásio, está se divertindo, também!

— Muito! Olha, até ganhei um maço de cigarros no tiro-ao-alvo! O problema é que eu não fumo! Quer meu cigarro, doutor?

E me passou o maço. Eu o examinei e vi que estava sem o selo. Cigarro brasileiro contrabandeado. Talvez até falsificado. Devolvi agradecendo:

— Obrigado, Gervásio, mas eu também não fumo! Já fumei, mas parei de vez!

— E o Bispo Gerômo? — quis saber o pastor Jadelson.

— Rapaz, vai bem! O médico descobriu que ele está com diabetes e vai ter de parar de comer doce de jaca cristalizado. O médico é o Doutor Lucrécio, da comunidade. E, como sou irmão do Gerômo, ele me passou uma requisição para *mim* fazer exame de sangue!

— E vai fazer?

— Fazer nada! Não estou sentindo nada e não como doce!

O pastor deixou de sorrir e fechou a cara. Pela primeira vez o vi assim e passei a crer que ele deve ser um pastor muito respeitado, pois parecia que as luzes do parque tinham se apagado, todas as

vozes se calado e o mundo, na verdade, tinha desparecido, e só os dois eu conseguia ver e ouvir. O forte Gervásio parecia ter se transformado numa criança naquele momento:

— Vai fazer o exame, sim! É por acaso por falta de dinheiro?

— Não... Não senhor!

O pastor voltou a sorrir e tudo voltou ao normal:

— Então, você fará os exames! Ótimo! Bom para mim, bom para a Gertrudes, para as crianças e para todos aqui que gostam de você!

Senti que Gervásio tinha ficado suado. Ele mesmo quis colaborar para reduzir a tensão do momento:

— Vocês vão ao Nascif hoje à noite?

— Sim, daqui a pouco! — respondeu o pastor. — São sete horas agora. Não adianta chegar muito cedo e é arriscado chegar tarde. O Nascif é muito pontual!

O pastor fez mais uma tentativa nas argolas e tentei o tiro ao alvo. Gervásio deve ser muito bom ou ruim de pontaria, pois as espingardas eram de pressão de ar com rolhas como projéteis. Acontece que o ventilador usado aparentemente para refrescar o encarregado tinha força suficiente para jogar a rolha para vários lugares, menos aonde a gente aponta. E, por sorte, ganhei uma caixinha de pó-de-arroz, para diversão do mecânico e do pastor.

Lourival tinha sumido, mas, quando cheguei perto da roleta, ele retornou respirando fundo, como tivesse corrido para o local. Ali, ganhei um chaveiro do Fluminense. Combinou com a caixa de pó-de-arroz...

— Há algum torcedor do Fluminense aqui?

— Que é isso, doutor! — rebateu Gervásio. — Sou torcedor do Vasco!

O pastor riu:

— Não sou chegado a futebol, mas, aqui, não conheço um torcedor do Fluminense!

— Não tem! — declarou Gervásio. — O Moacir é flamenguista e o Nascif é um botafoguense dos mais chatos!

Me conformei e decidi:

— Vou dar o chaveiro pro primeiro frentista assim que voltar da estrada!

Gervásio se lembrou:

— Tenho boas notícias! As peças iam chegar na terça-feira, mas consegui que elas cheguem amanhã. O cunhado do Gerômo vai passar aqui amanhã com todo o material. Ele torce pro Fluminense. Se quiser, me dá que dou o chaveiro para ele!

Aceitei a proposta na hora. Sobrou o estojo com o material de maquiagem. Eis que vejo Jaqui Line andando sozinha, caçando clientes. Cheguei perto e ela me sorriu. Reparei na falha dos dentes.

— Tudo bem com você?

— Estou ótima, e o doutor?

— Bem... E a Britinei, onde está?

— Ela está lá na casinha do Moacir!

Vislumbrei o lugar que me abrigou por algum tempo e imaginei o que se passava lá dentro. Falei com a moça:

— Tenho um presente para você. Uma bobagem de nada, mas creio que você vai gostar.

E lhe passei o pó-de-arroz. Ela se encheu de sorrisos:

— Nossa, doutor, muito obrigada! — e me deu um abraço e beijou a minha face.

Ficou contemplando aquele objeto barato como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Como as mulheres pobres podem ser frágeis! Se deslumbram com as maiores bobagens que uma pessoa de posses modestas como eu oferece, como se fossem tesouros de valores incalculáveis, permitindo que um aproveitador exija delas o que bem quiserem e entenderem. Fiquei com pena dela.

Gerusa, então, levantou os olhos dando um sorriso bem malicioso:

— E, por acaso, hoje, o doutor estaria disposto? Faço um preço especial!

Sorri de volta, mostrando para ela que eu estava decidido:

— Não, menina! Sou como o Pastor Jadelson!

Ela riu e observou:

— Sei! Uma pessoa que procura ser santo na terra! Mas que pecado há em ser homem?

Não soube responder. Mas deixei claro:

— Talvez, algum dia! Mas não estou simplesmente com vontade hoje. Isso não acontece com você?

Ela tirou o sorriso e falou:

— Isso, eu não tenho direito de ter... Falta de vontade! Principalmente num dia como hoje!

Segurei seu braço com delicadeza:

— Quanto você espera faturar hoje?

Ela fez um cálculo e balançou o corpo e os pés:

— Hoje, faço uns cinquenta reais!

— E você quer descansar?

— Eu preciso trabalhar...

— Me responda: você gostaria de trabalhar hoje?

— Eu tenho...

— Mas está com vontade?

— Estou triste...

O pastor chegou perto. Ele estava ouvindo nossa conversa e nem eu nem ela tínhamos percebido:

— Gervásio me contou. Ela não deveria trabalhar hoje!

Enfiei a mão no bolso e tirei uma nota de cem reais e falei:

— Se eu lhe der isso, você promete que vai para casa, agora?

Ela estava chorando. Insisti:

— Promete?

Ela afirmou com a cabeça. As lágrimas desfaziam a maquiagem barata.

Lhe dei o dinheiro. Ela o guardou no sutiã e fez que ia embora, quando retornou e me deu um beijo, dizendo:

— O senhor é mesmo um santo na terra! Boa noite, pastor! — e, em lágrimas, correu para sua casa, que era um puxado da oficina.

Pastor Jadelson explicou:

— Assassinaram o irmão dela! Gervásio contou para ela.

— Britinei já sabe?

— Vai saber daqui a pouco. O rapaz era primo dela! Só não sei se ela vai continuar trabalhando!

Um drama atrás do outro. Pobres meninas!

— Vamos para a cada do Nascif. A hora está chegando!

Passamos em frente ao botequim do Moacir que estava cheio. O parque de diversões trouxe muita gente para beber sua cerveja de origem duvidosa, cachaça mais duvidosa ainda e uns tira-gostos para cardiologista nenhum perder cliente. Um rapaz moreno-escuro, quase mulato, estava o ajudando. E eis que Moacir saiu do bar, depois de dar um tapa amigável no ombro do Lourival, e veio em nossa direção:

— Vamos? O Nascif faz mesmo questão que eu vá! Mandou até o Ibraim me substituir e eu estava passando algumas coordenadas para ele!

Fomos os quatro, bem animados, para a residência do Nascif. O anfitrião nos esperava na varanda, mostrando-se alegre com

nossa presença. Nós éramos os únicos convidados. Nem as mulheres estavam lá, lembrando que Gervásio e Nascif tinham esposas.

Fomos convidados a sentar na varanda e drinques foram servidos e aceitos. O pastor Jadelson se contentou com um suco de melancia com hortelã muito bonito e bem preparado que confesso ter dado água na boca. Um dia, em casa, preparo um desses para mim!

Moacir, Nascif e eu ficamos bebendo Old Parr e a Gervásio foi servido uma pinga de Januária, que ele muito apreciava.

— Uma pena que aqui dê tantos insetos! Um dia desses, estive no Líbano e lá tive a oportunidade de jantar numa varanda. Que maravilha! Não teve sequer uma borboleta para nos atrapalhar! — falou o bom Nascif.

— Em compensação, na África e na Austrália, comer na varanda em cidades ou vilas no interior é praticamente impossível! — observou Moacir.

— No Amazonas também! — contribuiu o pastor.

Eu não tinha ainda ido para esses lugares. Um dia, eu os visitarei! Conheço mais o sul do Brasil, a Europa e alguns países da América. Já fui ao Panamá, mas foi uma viagem totalmente sem graça, tirando uma aula presencial do funcionamento do Canal, suas reclusas e logística. Então, preferi ficar calado e fazer o que realmente mais gosto: escutar e observar. Quando a gente fala, aprende pouco. Quando vê e escuta, se adquire conhecimento e sabedoria.

Moacir prosseguiu:

— Visitei um inglês lá em Zimbábue. Ainda tem ingleses brancos por lá, e esse era até casado com uma bela nativa africana, educada que nem só ela e bonita o suficiente para calar a boca de qualquer racista! Lá, eu jantei uma costela de boi defumada com salada de folhas e arroz temperado com carne charqueada e batatas cozidas com azeite. Um vinho sul-africano supremo. E jantamos na varanda, sem nenhum mosquito para nos perturbar. Mas ele tinha uma técnica especial para isso.

O silêncio significava: "que técnica seria essa?". Ele prosseguiu:

— Para oferecer esse jantar a mim e a um grupo de professores de várias nacionalidades que o visitavam, ele mandou cercar a casa inteira, cerca de três dias antes, com um mosquiteiro enorme. Os carros ficaram estacionados pelo lado de fora, e a entrada era através de duas antecâmaras de isolamento. Sensacional!

— Tem gente que não mede dinheiro para se dar ao prazer, não é mesmo? — observou o pastor sem maldade alguma.

Moacir e Nascif puxaram seus cigarros, dividindo o isqueiro do primeiro. A porta da sala logo se abriu e surgiu a pequena Tereza, que logo saudou Gervásio, fechando a porta atrás de si:

— A Bênção, avô!

— Deus te abençoe! — respondeu sem pensar no significado daquelas palavras. Seria tão bom se um dia eu tivesse neto para escutar isso! Fiquei pensando como seriam meus netos, se um dia tivesse a felicidade de tê-los. Precisava, antes, ter filhos!

— O jantar está sendo servido!

— Perfeito! — falou Nascif. É só terminarmos o cigarro. Mande tirar o vinho da geladeira e colocar no *dispenser*!

Terminados os cigarros, entramos todos de uma vez para a sala, sendo que a porta foi fechada logo, para evitar a entrada dos insetos. Mesmo assim, duas mariposas conseguiram entrar com a gente. Lá fora estava até agradável, mas, quando sentissem o cheiro da comida, certamente esses bichinhos iriam perturbar. Podem ser muito úteis para o equilíbrio da natureza e sou contra sua matança discriminada com pesticidas violentos que os homens lançam nas plantações. Mas que eles são chatos, são, sem dúvida alguma!

— Acho que vou adotar parte da ideia revelada pelo Moacir e vou colocar uma antecâmara na entrada, com uma porta telada.

— Como em filmes americanos! — lembrou o pastor.

— Isso! Isso mesmo!

Atravessamos a sala e fomos a outro compartimento da casa: a sala de jantar. Coisa rara de se ver hoje em dia nas residências. Um empregado estava colocando um dispenser de vinho na mesa.

Nascif sentou-se à cabeceira e eu fui indicado a sentar à sua direita. O pastor sentou-se ao meu lado. Na minha frente, estava Moacir e, ao seu lado, Gervásio.

O vinho foi nos servido em taças de cristal e, depois, veio uma salada de três folhas: alface, rúcula e chicória, com tomates pequenos, cubos de queijo frescal e azeitonas picadas. Estava muito gostoso.

Em seguida, veio o primeiro prato: um peixe assado recheado com castanhas portuguesas. Um prato que nunca soube que existia. Vinha com um molho de maracujá à parte e, como acompanhamento, salada de batatas com alici espanhol. Algo que me foi surpreendente, dado o local onde esse povo vivia.

O segundo prato veio em forma de um cafta de carneiro com tabule, honrando o bom Nascif. Perfeito! E ainda teve a sobremesa acompanhada do delicioso café daquela casa, que o Moacir recusara rindo, que foi uma baklava de nozes que achei fantástico. Fiquei pensando como o Nascif conseguiu os ingredientes para pratos tão sofisticados... Mesmo eu, que moro num grande centro, tenho dificuldades em encontrá-los!

Os pratos e as bebidas foram servidos pela solícita Tereza, que se mostrava sorridente, eficiente e muito prestativa.

Mas algo me chamou mais a atenção do que a qualidade do que comemos. Foi o imenso silêncio posto durante a refeição! Ninguém faz um convite para o jantar para que todos fiquem calados, mas foi o que aconteceu. Por que?

As várias versões sobre o Gervásio, presente no jantar e comendo uma comida que talvez nem entendesse sua grandeza, talvez fosse o motivo do silêncio. Um dizia que os filhos eram, na verdade, seus netos e filhos. Outro dizia que não eram filhos, mas adotados e o terceiro dizia que sim, eles eram seus filhos. Numa

cidade tão pequena, como tanta história se corre em torno de um homem tão simples e trabalhador. E, como fui constatar mais tarde, tão bom para com as pessoas que o cercavam! Talvez essa seja a principal atividade de um lugarejo como a Vila na Curva: já que a vida era tão monótona a ponto de um visitante como eu ser tão assediado e um parque de diversões dos mais vagabundos ser o maior acontecimento da região, a melhor coisa a ser feita é fantasiar as vidas das pessoas cercando-a de mistérios e encobrindo as verdades, fossem essas tão desinteressantes que não valeriam nunca a pena ser contadas e muito menos vividas, ou terríveis, a ponto de ser melhor criar fantasias que, por mais absurdas que fossem, seriam muito mais amenas que a realidade. Quiçá, o fato da verdade revelar uma monotonia terrível de um lugar mais que comum fosse a coisa terrível a ser escondida. A fantasia sempre supera a realidade em atrativos, pois a verdade é um bolo sem cobertura, e a fantasia é o glacê, a pasta americana ou o creme de chantilly que usamos para esconder o quão sem graça ele na verdade é.

Passei a pensar também, e o silêncio dali me ajudou a isso. E os outros? Só o Gervásio tinha sua vida de mistérios?

Todos se mostraram tão impulsivamente interessados em quebrar as monotonias de suas vidas contando a fantástica história do Gervásio que acabaram contando também detalhes das suas. Eram verdades ou fantasias? Ninguém entrou em detalhes sobre um ou outro, talvez por falta de tempo. Mas quem era realmente Moacir, um fugitivo de si mesmo, um professor que hoje não dá mais aula, que já viajou ao exterior e conhece tão bem os costumes? Nascif, um comerciante cheio de ligações e capaz de alcançar recursos de consumo caros numa cidade do interior, e Jadelson, um pastor homossexual. Se sua igreja descobre, mesmo que ele não pratique sua preferência por homens, a santa inquisição deles será aplicada!

Naquele momento, o que um deveria dizer para o outro? O que Moacir falaria de Nascif e de Jadelson, o que o pastor falaria do professor e do comerciante? O que Nascif sabe sobre o pastor e Moacir? O que está escondido que só a revelação total das mentes de cada um, coisa impossível de se obter, pode revelar?

No final do jantar, todos ainda em silêncio, só abriram a boca para agradecer e elogiar o anfitrião e viraram as costas para cada um seguir para sua casa. Nascif segurou delicadamente meu braço e falou baixinho:

— Agora, você já deve ter descoberto a verdade sobre Gervásio! O que você descobriu?

— Descobri que o mistério faz a vida ser mais interessante!

— Sabia que você descobriria! E Gervásio?

— E o resto?

Nascif abriu um sorriso de orelha a orelha:

— Sim... Você descobriu onde a verdade começa! — e, balançando minha mão, cumprimentou: — Boa noite!

— Boa noite! — respondi e segui o pastor que estava parado, em silêncio, me esperando. E em silêncio fomos para casa!

Lá, fui apresentado às minhas acomodações. Finalmente! Minha bagagem estava toda lá, ajuntada num canto, e sobre a cama, uma toalha e um sabonete.

— É uma suíte! É para pastores convidados, que, muitas vezes, vêm com suas esposas. Esteja à vontade! — ele falou, voltando a sorrir!

— É um luxo que creio estar desacostumado! Muito obrigado! — agradeci.

Ele balançou a cabeça verticalmente. E me desejou boa noite e me fez um convite:

— Amanhã, tenho a Escola Dominical às oito horas da manhã. Gostaria de participar?

— Terei muito gosto!

— Então, mais uma vez, boa noite e que Cristo esteja na sua guarda à noite!

— Nós católicos pedimos aos anjos...

— E nós, evangélicos, pedimos a Cristo que envia os anjos!

Fui para a cama, achando graça na constante presença de espírito do pastor. Tirei as coisas das minhas duas malas, achei o guarda-roupas quase vazio e ali pendurei meus cabides. Peguei meu pijama e fui tomar meu banho. Um banho maravilhoso. Estava começando a fazer frio e o banho quente foi muito reconfortante para mim. Vesti o pijama, deitei, me cobri... Lençóis lisos, cobertor sem carepas me ferindo... Perfeito!

E dormi o sono dos anjos. Fazia semanas que não dormia tão bem assim!

Acordei no dia seguinte bem descansado. O pastor ainda dormia e agradeci aos céus por isso, pois não é nada agradável passar da hora e perder o convite do anfitrião. Me barbeei e me vesti com a melhor roupa que tinha: um *blazer* e uma camisa de manga comprida, mais uma calça de brim que combina com tudo, sapatos de couro e meias pretas. Pronto, estava lindo!

Fui à cozinha para adiantar o café, mas Dona Cura já estava lá, servindo a mesa. Trouxe mandioca cozida para comer com manteiga e mel e estava fritando ovos para comer um cuscuz à moda do Nordeste. O café já estava pronto.

O pastor acordara. Sua figura de pijamas era ridícula, principalmente por causa do cabelo armado. Será que aquilo era uma peruca? Como é que alguém consegue acordar sem estar com o cabelo despenteado a julgar pelo pijama, tão enjambrado que não consigo imaginar como isso poderia ter acontecido.

— Bom dia a todos! Em cinco minutos, tomo um banho e me arrumo!

Foram seis minutos. Aquele camarada conseguiu: a) Tomar banho; b) Fazer a barba; c) Escovar os dentes, um costume que também possuo de fazer isso antes do café; d) Vestir o terno, com gravata e tudo; e e) Se perfumar. Como é que ele fez tudo isso em seis minutos?

Tomamos o farto café da manhã com muita alegria. Perguntei aonde morava Dona Cura e ele me explicou:

— O Nascif tem um terreno que costuma ceder para algumas pessoas de poucas posses, mas grande utilidade para a comunidade possa usufruí-lo, e Dona Cura, que é viúva, é uma dessas pessoas.

Veio algo à minha cabeça e perguntei:

— O Nascif é uma espécie de coronel nessa região, não é mesmo?

O pastor riu e, sorrindo, falou baixinho:

— O senhor é muito bom em percepções!

Fomos para a igreja e vi o pastor se tornar um professor de assuntos bíblicos muito bom e competente. Falou sobre a firmeza de propósito das pessoas, citando o Profeta Daniel. Excelente aula!

Depois da escola dominical, fomos à venda do Moacir para almoçarmos lá. Bem que quis tomar minha cervejinha, mas, em respeito ao pastor, acabei bebendo um refrigerante qualquer. Moacir estava animado com a fatura da noite passada.

Fomos à residência pastoral e lá decidimos que seria muito bom se dormíssemos um pouco. A noite dos domingos é sempre algo puxado para um pastor e tínhamos dormido tarde, embora muito bem, na noite passada.

No meio da soneca, um estrondo nos arrancou da cama. Estava caindo um temporal terrível, com raios e trovões, granizo e alagamentos. Coisa bonita de se ver, embora sempre apavorante. Ainda bem que eu não estava na estrada naquele momento.

Choveu o resto do dia. Fomos à igreja debaixo de guarda-chuvas. Poucos fiéis foram, mas Jadelson pregou mesmo assim. E que bela pregação. Falou sobre a passagem da mulher que tocou em Cristo, no meio da multidão, para ser curada, e Ele tinha percebido. Comparou com o mundo de hoje que as pessoas se lançam como loucos em busca de uma salvação divina e conseguem, mas pensam que foram apenas mais um e que Deus nem tenha reparado nisso. Uma beleza!

Passamos, depois do culto, na venda do Moacir para desejar-lhe boa noite e ver como estava o parque de diversões. O parque estava lá, com as luzes acesas, alto-falante ligado, alguns brinquedos funcionando para servirem de chamarizes, mas absolutamente vazio. Ao contrário, o bar do Moacir estava tão cheio que nem nos atrevemos a entrar. Até Lourival estava no botequim, tomando cachaça com groselha e, pela expressão, se lamentando pela má sorte.

Voltamos à casa pastoral. Lá, deparamos com uma sopa de aveia e paio que Dona Cura tinha deixado lá para a nossa ceia.

— Vou engordar aqui! — comentei.

— Eu já engordei doze quilos com a comida dela! — completou o pastor.

Tomamos a sopa com gosto. Deu dois pratos para cada um e ainda sobrou. Uma pena que não tivesse um bom tinto para acompanhar, mas não se pode ganhar em todas. Depois, fomos cada qual para seu quarto. Tomei meu banho, vesti o pijama e coloquei o computador sobre um misto de escrivaninha e penteadeira e finalmente comecei a escrever minhas impressões. Preferi chamar o nome ao local de Vila na Curva mesmo, e, com o que já presenciei e escutei, o argumento estava feito e o texto saiu com facilidade. Fiquei escrevendo até o sono me vencer. Salvei o arquivo, desliguei o micro e fui para a cama. Desmaiei de sono!

Acordei cedo no dia seguinte. Encontrei Jadelson já sentando à mesa do café da manhã.

— Já de pé?

— Você também acorda cedo. Hoje não seria um dia de descanso para vocês, pastores?

Sempre sorridente, respondeu:

— Seria, mas não é! Homens de Deus não descansam enquanto estiverem na Terra. E não me refiro a padres e pastores! Deus deu um dia de descanso semanal aos homens. Os ingleses, com muita

sabedoria, aumentaram para dois. Porém, Cristo não deixou de curar nem aos sábados! É o que um homem de Deus mais faz. Ele não trabalha... Ele traz a cura!

Sorri, achando que ele exporá uma profunda sabedoria cristã. Como escritor, provoquei:

— Por que não escreve um livro?

— E quem é que lê hoje em dia? E, sinceramente, não gostaria de ver aquilo que eu disse, reparei, citei e comentei numa apresentação de computador pintada de cor-de-rosa, com figurinhas de desenhos animados com cartazes "Jesus te Ama!", e os textos de Billy Graham, Lutero, Erasmo, João Paulo II e mesmo Chico Xavier colocados e escrito abaixo: "Anônimo!". E é isso que o pessoal lê e acredita!

— Não seria esse o indício de uma nova forma de pregação?

— Certamente, há quem se aproveite disso! Mas, analise bem os Evangelhos! Esses livros não foram escritos por Cristo! Ele, se quisesse, teria escrito uma grande obra, pois sabia escrever, mesmo sendo o filho de um carpinteiro. Sua porção divina é forte o suficiente para escrever tão bem como prega. Mas, veja só, Ele preferiu pregar! Nada mais democrático: a leitura não foi feita para todos! Mesmo quem sabe ler, não consegue perceber a essência da mensagem! Já a pregação vai para todos! Quem não quer conhecer, nunca abrirá um livro, mas pode escutar, repentinamente, uma palavra e pronto! Se converte! Nesse ponto, os protestantes e os muçulmanos, que valorizamos muito o que está escrito, perdemos para os católicos romanos, que dão mais valor à transmissão oral da Palavra de Deus do que a escrita, mesmo com uma filosofia e uma doutrina que, particularmente, não aceito!

— É, eu sou católico e, em parte, lhe dou razão. Mas lembremos que a História e a Justiça estão calcados no que está escrito!

O pastor serviu café na minha xícara. Tinha um bolo de laranja na mesa que estava implorando para ser devorado. Ele argumentou:

— Os celtas e os pitagóricos desprezavam o ensino e a transmissão do conhecimento através da palavra escrita. E, veja

bem, o que vou lhe falar, jamais diria a alguém do povo! Como Adão e Matusalém puderam viver tanto tempo? Diziam que eles estavam próximos à Glória de Deus... Que Glória? A partir do momento que Adão e Eva deram as costas ao Senhor, a Glória de Deus se manifestara a pouquíssimos homens. E Adão e Matusalém não estariam nessa lista!

Eu ri e declarei:

— Espero que você esteja!

— Oh, não! Ficar longe da Glória d'Ele?

Rimos e tomamos nosso café enquanto ele prosseguia:

— A História não depende do fato escrito. Depende somente do que foi escrito! De repente, alguém escreve uma bobagem qualquer e, milhares de anos depois, esse texto é descoberto. Pode virar história! Temos que a Bíblia, que, pela nossa crença, foi inspirada no Espírito Santo, tem muita coisa que claramente está fora da inspiração. Mas a tradição oral é mais forte. Tem que estar perto da escrita, para não se deturpar!

— As duas têm de estar juntas...

— Pregamos com a Bíblia aberta, como a palavra da Verdade! Mesmo assim, por ela, Adão e Matusalém viveram mais de novecentos anos!

Devoramos nosso café da manhã. Depois, ele me pediu desculpas, pois tinha de fazer uma visita pastoral e ficaria o dia inteiro fora. A casa seria minha. Aproveitei e fui à oficina do Gervásio para ver como estaria meu carro e o encontrei com seus filhos, netos, ou o que quer que fossem, trabalhando juntos. Meu fusquinha estava todo desmontado e as peças estavam sendo limpas com querosene, uma a uma. O motor estava desmontado!

— Gervásio, o motor também?

— Bom dia, doutor! Como as peças chegam amanhã, aproveitei para examinar o motor. Fusca é um carro bom e o motor é de fácil montagem. Eu o ajusto de ouvido! Estou limpando as câmaras de

combustão e o arrefecimento. O senhor vai sair com um carro novo em folha! Se quiser, boto uma pintura, também... Tenho até a tinta, mas até secar, demora um pouco, ainda mais nessa chuva!

Estava começando a chuviscar. Concordei com ele em trabalhar no motor, mas sem pintura. E fui até o Moacir.

Ele e Nascif estavam conversando. Nascif esbravejava que o dono do boteco ainda não sabia fazer um café. Cumprimentei a ambos e, daí, reparei que o parque estava sendo desmontado.

— Só o final de semana?

— Eles não ficam mais do que isso. Essa vila não rende muito dinheiro para eles, de modo que param aqui quando é caminho para um centro maior. Eles vão ficar na periferia de Mendes. O Nascif arrumou um terreno para eles!

— Sim, Lourival é esquisito, mas é de confiança!

Senti que estava morrendo aos poucos naquele lugar. Eles experimentavam, de vez em quando, a Vida e a Morte em cada vinda de um parque de diversões, circo ou festa religiosa. Durante o evento, Vida. Vai-se embora, Morte! Simples assim!

Voltei para casa. Sentei no computador e nem vi o tempo passar se um dos meninos do Gervásio não batesse à porta. Atendi. Me lembrei do seu nome:

— Você é o Nestor, não é?

— Sim!

— E seus irmãos, como se chamam? — queria saber, pois, no esquecimento, no que tinha escrito, coloquei as palavras Menino 1, Menino 2 e Menino 3. O primeiro, me recordei: Nestor. E ele me respondeu:

— O do meio é Marcos, mas a gente chama de Caru. O caçula é o Antônio. Toninho, é como a gente *chama ele*!

— Eu queria saber o porquê vocês chamam o Gervásio pelo nome. Não seria pai, tio, avô, ou qualquer coisa dessas?

O garoto deu um sorriso tímido e olhou para baixo, contemplando os pés descalços:

— Moço, pai, avô, tio, todos têm! Mas quem é que tem um Gervásio por aí? Ninguém... Só nós!

Me segurei para não cair na gargalhada. E quis saber o que ele queria comigo ou com o pastor.

— É com o senhor. O Moacir está chamando pra almoçar!

Fazia sentido. Eu estava sozinho e não seria uma presença tão constrangedora num botequim como o pastor seria. Ele deveria almoçar só em casa, por isso. Além do mais, me pareceu que o Moacir carece mesmo de uma companhia de alguém que pensa quase como ele para almoçar. Fui para seu bar satisfeito.

Lá estava a mesa posta e uma lasanha feita numa panela de barro. Moacir já estava sentado, tomando uma cerveja.

Cumprimentei-o e ele me convidou a sentar. Sentamos e começamos a comer. A lasanha era de frango com pedaços de presuntada.

— Presunto é uma coisa rara, aqui, e dura pouco! Já a presuntada vem em lata e, quando bem temperada, faz a gente esquecer um pouco que estamos longe da civilização. A panela de barro eu mandei trazer de Guarapari. Comprei cinco. Uma quebrou, mas as outras quatro dão para fazer feijoada, moqueca...

— Moqueca? — cortei, estranhando.

— Moqueca de peixe de água doce! Vou mandar preparar para você!

Achei curioso. Já comi peixe de água doce assado ou frito. Mas não moqueca. Na minha modesta opinião, moqueca boa é a que é feita num lugar a menos de um quilômetro de uma praia.

— Você já experimentou usar, no lugar da presuntada, mortadela?

Moacir pareceu ter levado um choque:

— Nunca passara isso na minha cabeça...

E assim desenvolvemos os assuntos. No meio da conversa, soube que a peça estava confirmada para chegar amanhã e que quarta-feira cedo eu já poderia prosseguir na viagem. Gervásio tinha passado isso ao Moacir.

Comemos um doce de mamão verde como sobremesa e delicadamente recusei o café.

Nos despedimos e fui passar na oficina do Gervásio. Até o pequenino estava trabalhando, se dedicando a varrer um canto da oficina. Tinha passado a vassoura tantas vezes no mesmo lugar que ali já estava se formando um buraco.

— Boa tarde, doutor. Olha, vem escutar seu motor!

Ligou o carro e acelerou bem. Pelo barulho, senti que ele estava bem melhor que antes de viajar. E eu tinha feito uma revisão total antes de ter partido!

Satisfeito, voltei à casa paroquial e deparei com a esposa do Gervásio arrumando as coisas. Tinha passado um pano no chão e nos móveis. A casa emanava um frescor agradável e cheiro de limpeza. Até os banheiros estavam limpos.

— Desculpe, doutor, eu queria limpar antes que o senhor voltasse pra não incomodar...

— Incômodo nenhum. A senhora pode ficar à vontade. Estou na escrivaninha.

E voltei para continuar meus escritos até vir o sono. Tirei meia hora de cochilo, acordei e voltei a escrever até à chegada do pastor, que se apressou para tomar um banho.

Mais tarde, com ele vestido mais esportivamente, jantamos a sopa deixada por Dona Cura, juntamente com algumas linguiças e um pão caseiro, tudo acompanhado por um café mais para Nascif do que para Moacir.

Conversamos sobre amenidades e lhe mostrei o que estava escrevendo. Muitos escritores não gostam de mostrar seus trabalhos

antes de terminar, mas não é o meu caso. Gosto de ver as expressões nos rostos dos leitores das poucas coisas que escrevo para saber se posso melhorar ou não. Mania de engenheiro que se mete a artista. Ao que parece, o trabalho, por enquanto, estava satisfatório.

Fomos dormir cedo. Antes, digitei mais duas páginas no computador e o desliguei.

Mais um dia e encontrei o pastor vestido com menos sobriedade. Ele iria preparar os sermões da quarta-feira e, tendo sorte, do domingo, também! Comemos omeletes e pão com queijo Minas. Saí para supervisionar meu carro.

Passei pelo Moacir para cumprimenta-lo e ele me mostrou um carro que se afastava da Vila na Curva:

— São suas peças que já foram entregues!

Fiquei animado. Passei na oficina do Gervásio e ele me mostrou os conjuntos de suspensão que chegaram. Novos em folha.

— O doutor vai sair daqui com carro novo!

Passei no local onde o parque de diversões tinha se instalado. Não havia um rastro sequer indicando que ali houvera algo parecido. O tempo age rápido nesse tipo de circunstâncias!

Fui para a casa e lá estava o pastor batendo algo no seu computador. Fui ao meu e, assim, passamos a manhã. Paramos para almoçar. Moacir tinha avisado que a comida seria por sua conta e na sua casa.

Fomos, nós dois, lá, e encontramos o Nascif. Era o cumprimento da sua promessa: moqueca de surubim.

Horrível! Intragável! Comemos mais satisfeitos por estarmos juntos do que pelo prato pavoroso que nosso anfitrião oferecia.

— Foi Dona Cura que preparou?

— Que! Dona Cura é muito boa, mas ela não consegue fazer algo tão especial como isso! — falou o orgulhoso Moacir. E completou, explicando tudo: — Fui eu mesmo quem fez!

— O Gervásio não veio! — observou Nascif.

— Ele não pode. Ficou comendo na oficina mesmo, para não atrasar o serviço do fusca!

Gervásio era um sortudo ou mais esperto que se pensava!

Dessa vez, todos nós aceitamos o café que ele oferecera, para esquecer o sabor insuportável daquele atentado culinário.

Eu e Jadelson fomos para casa e tiramos, cada qual em seu quarto, um cochilo. Só hoje tinha reparado, na sala, um aparelho de televisão que nunca era ligado. Ele, como eu, não é muito afeto a programas televisivos. Assim, quando acordamos, cada qual voltou aos seus afazeres. Ele, preparando sermões e eu, no meu livro. Paramos para comer umas rosquinhas fritas com café, à tarde, e ele me revelou:

— Acho que vou seguir seu exemplo e escrever um livro, também!

Eu lhe prometera que o apresentaria ao meu editor e ele agradeceu, recusando:

— Nós, pastores, temos muita facilidade em escrever e vender livros. Os fiéis sempre compram... Não leem nada, mas sempre compram!

Achei graça da sua observação. Poucos minutos depois, voltamos aos afazeres e paramos à noite no jantar. Decidimos não fazer mais nada e resolvemos dar uma caminhada noturna.

O céu estava enluarado, nos oferecendo uma boa iluminação nos lugares onde não tinham luz elétrica. No horizonte, relâmpagos denunciavam que o tempo bom seria somente uma trégua passageira.

Fomos até uma casa no meio do nada, através de uma trilha que cruzava uma mata fechada e subia o alcantil de um morro elevado até dar no nosso destino. Lá, encontramos uma velha nonagenária que cuidava da bisneta. O pastor foi para lá só para dirigir uma oração. Parecia que ele tinha lhes dado o presente maior

do mundo, folheado a ouro. A velha nos cobriu de agradecimentos e bênçãos até irmos embora.

— Veja bem! — falou Jadelson, no caminho de volta. — Não acho que essa mulher precise de minha presença para abençoar a ela, à bisneta e à sua casa. Eu é que fico abençoado quando vou para lá! A menina foi abandonada por todos quando descobriram que ela é deficiente mental, e essa velha é quem cuida dela com paixão e uma disposição de causar inveja a muitos garotos e garotas!

— É! A vida tem dessas coisas mesmo!

No dia seguinte, tomei meu café com o pastor. Um pão de queijo delicioso!

— É nosso café de despedida!

Todos os cafés da manhã que tomei na residência do pastor, assim como os lanches da tarde, os almoços e os jantares foram especiais. Aquele não se sobressaía aos demais exceto pelo fato de ser o último. Tinha um gosto a mais, especial, inesquecível. Amargo e triste: o sabor do adeus.

O carro finalmente estava pronto, na porta da casa paroquial. Moacir e Nascif estavam lá, com Gervásio.

— Não é qualquer visitante que recebemos assim e nos despedimos dessa maneira! — falou Nascif.

Agradeci, mas, de tal afirmação, meditei o porquê. Talvez porque eu os tenha escutado, não os criticara, os aceitara da forma como eles eram e, por isso, eles tenham me recebido tão bem. Ou então, por todos fugirem de alguma coisa, quem sabe, de si mesmos, e, assim, terem se identificados comigo, pois eu era um viajante sem rumo e todo viajante sem rumo também foge de si.

Não tive palavras para agradecer tamanha acolhida. Paguei ao Gervásio em dinheiro vivo, arredondando para cima pelo bom serviço. Dei também uma gorjeta a cada um dos espertos meninos e paguei, finalmente, ao Moacir — e esse me deu um considerável desconto para que eu retornasse em breve.

Perguntei pela Gerusa.

— Ela fugiu! O mesmo que assassinou seu irmão a jurou de morte. É um policial e essa gente nunca é presa por matar gente como eles! — relatou Gervásio.

Fiquei triste com tal notícia. Tamar apareceu e, dando um passo à frente, me deu dois beijos no rosto.

— Um é da Jaqui Line e outro meu! E, se voltar, vê se anima a ficar conosco!

Isso aumentou a minha dúvida sobre o porquê que estava sendo tão bem recebido lá. Entrei no meu fusca azul metálico. Estava limpo e asseado até por dentro. Virei a chave e escutei o motor. Bem melhor que antes!

Saltei e entrei para pegar minhas coisas. A molecada veio comigo.

Uma vez que porta-malas de fusca, proverbialmente, não cabe nada, preferi ajeitar tudo no banco de trás e no buraco próximo ao para-brisa traseiro. O aparelho de CD coloquei no banco dianteiro. Abracei cada um, e cada um me desejou boa viagem. Só Tamar, vulgo Britinei, não me abraçou. Gervásio a enxotara dali.

Entrei no carro, dessa vez para ir de uma vez. Dei partida, conectei o aparelho no conector do isqueiro, coloquei o cinto, uma das poucas peças não originais do carro — o original prendia somente na cintura —, e passei a primeira marcha. A chuva começou a cair devagar.

Pelo retrovisor, vi a todos se despedindo, e a Vila da Curva, Comunidade do Sagrado Coração ou qualquer nome que tenha, foi deixada para trás e suas lembranças ficaram não só na minha memória como nos registros, os quais tive a felicidade de começar quando ainda estava por lá.

E nada mais parecido com a Vila na Curva apareceu pela frente. E, assim, espero que ela não seja descoberta por nenhum outro aventureiro. Aquele Eldorado, que dá refúgio a pessoas que

a sociedade em geral não aceitaria, tem de ser preservado. Afinal, os filhos de Genelson são dele ou não? Que crime o Moacir teria cometido para, de professor, preferir ser proprietário de um boteco de péssima qualidade? Como o Nascif, de rico que era, preferia ser o vendedor de uma loja numa comunidade que ninguém compra qualquer coisa que venha a dar algum lucro? E o pastor de uma igreja fundamentalista homossexual, com um conhecimento filosófico e uma dedicação tão rara?

O porquê deles viverem ali, se dando bem, aceitando uns ao outros, é o grande segredo da Vila na Curva.

E a tempestade desaguou de vez!

OLHARES

De todos os lugares que já visitei, não encontrei ainda um mais surpreendente que Montevidéu. A arquitetura ímpar no centro da cidade, o palácio presidencial numa praça altamente frequentada pelos habitantes e pelos turistas, as praças bem cuidadas, o Estádio Centenário, onde se realizou a primeira Copa do Mundo, as vistas da Bacia do Prata, suas praias, seus excelentes restaurantes, o fato do presidente ir a pé à Sede do Governo... Tudo isso maravilha um brasileiro acostumado a ver seus monumentos desrespeitados, suas praças sujas, um palácio de governo protegido e distante do povo e que o presidente só se desloca para o trabalho de carro escoltado ou helicóptero militar.

A primeira vez que visitei a capital do Uruguai foi quando estive numa conferência do Mercosul, coisa de dez anos atrás. A partir daí, resolvi sempre visitar essa cidade quando pudesse. Visitas simples, para passear no centro da cidade ou numa praça, caminhar ao longo de uma praia, comer num dos seus excelentes restaurantes que, longe de serem luxuosos, a maioria é de excelente culinária. Algumas vezes, vou para o interior ou para Mar Del Plata, mas meu gosto mesmo é por Montevidéu.

Estava mais uma vez lá. Reservei uma semana de hotel para simplesmente descansar e aproveitar a cidade como eu gosto. Nem todos compartilham das coisas que aprecio, mas eu me divirto mais com coisas simples e com a observação das coisas do que com uma vida agitada, noitadas inesquecíveis e visita a lugares da moda.

Tinha chegado à noite. Dormi esplendidamente bem e acordei na hora que quis. Isso quer dizer, às sete horas da manhã, já estava de pé!

Pensando no que ia fazer, decidi ir a uma das praças. Só andar para cima e para baixo, ver pessoas! Como é bom isso, principalmente em terras estranhas!

Peguei um táxi até um lugar próximo ao Estádio e depois fui a pé, sem rumo. Estava no outono, de modo que estava começando a fazer frio. Vestia uma camiseta e uma camisa com gola. Por cima, um casaco. Usava uma calça marrom e um mocassim sobre meias marrons, cor da calça. Na cabeça, um boné daqueles rasos, que não afundam na cabeça.

Comprei um lanche, pois não pretendia almoçar em restaurante nesse dia. Sentei num banco na praça diante do estádio e comecei a comer devagar, com prazer. Enquanto isso, observava as pessoas.

É interessante tentar adivinhar como seria a vida particular das pessoas. Seu dia a dia, suas alegrias, seus dramas, o que fazem ou o que fizeram... O mundo deve ser muito monótono se todos vivessem de maneira igual, pensassem as mesmas coisas, tivessem exatamente a mesma vida. É a diversidade que faz esse mundo ser maravilhoso. Como seria muito estranho perguntar a cada pessoa como é a sua vida particular, sobra a nossa imaginação trabalhar para, a partir das evidências, idealizar como é o mundo particular de cada um.

Eis que me passou, rapidamente pela cabeça, como deve viver um psicólogo, escutando os dramas pessoais de cada paciente. Dizem que são absorvidos pelos profissionais e eles sofrem com isso... Tudo bem, na vida de um engenheiro há também os riscos profissionais. Para isso, fomos preparados em boas faculdades!

E fiquei a pensar. Como seria a vida daquele velhinho com chapéu Panamá que andava sofridamente encurvado como se estivesse precisando de uma bengala? E aquele outro, com

aparência de ser mais velho, altivamente vestido com uma camisa e uma bermuda brancas, alpercatas e meias também brancas, todo sorridente? Por que eram tão diferentes? Qual ponto da vida de cada um que determinou para que se tornassem como se mostravam? Seriam felizes, tristes ou desiludidos? Estariam enganando a todos sobre sua felicidade ou a falta dessa usando um ar sisudo ou sorridente para não darem margem a ninguém que ali estavam um vitorioso ou um perdedor, com aparentes tristeza ou alegria, ou estavam realmente retratando suas histórias de vida, mostrando ao mundo exatamente o que a vida fez deles?

Vi duas mulheres andando, uma ao lado da outra. Uma bem mais velha. Mãe e filha? Amigas? Patroa e empregada ou assistente? Professora e aluna? Ou seria, o que hoje está cada vez mais comum de se mostrar, amantes?

Bom, temos de colocar um ponto ético nesse tipo de pensamento. Não devemos pensar no pior nem naquilo que não aceitamos, seja ético ou não! Como qualquer tipo de permissividade sexual, seja homoafetiva ou heterossexual, prostituição, pornografia ou simples exibição não são coisas que aceito naturalmente, o que é um problema meu, então logo apaguei a palavra "amantes" da cabeça sobre aquelas mulheres.

Passaram perto de mim, e mesmo falando baixo e em castelhano, que não é minha língua natural, deu para escutar e logo veio a resposta. A menina era uma cliente da mais velha, uma advogada que estava tratando da sua separação judicial do marido. Que pena! Um amor desperdiçado!

De repente, me vi retrógrado, atrasado... Estou ficando um velho preconceituoso. Existem pessoas com cabelos mais brancos que os meus, mas bem mais liberais! Bom, acontece que eu não quero mudar!

Vi dois meninos brincando, ambos calçando chinelos. Um deles, com uma camisa da seleção brasileira de futebol e outra do Flamengo. Brasileiros, sem dúvida. Muitos brasileiros moram no Uruguai. A mulher que os acompanhava, vestida com roupas

de grife, sentada num banco perto do meu, puxou um cigarro e começou a fumar. Em seguida, displicentemente, atirou o maço no chão, mesmo com uma lixeira perto dela. Poucos povos têm esse comportamento abominável, e o brasileiro é um deles! Uma pena que nosso povo seja assim. Está mudando, graças a campanhas bem feitas da mídia, mas ainda temos gente insensível a várias questões, como limpeza.

Terminado meu lanche, embolei os papéis que envolviam o sanduíche, peguei a lata de refrigerante e me levantei, indo até à lixeira. No caminho, me abaixei perto da mulher e peguei o maço de cigarros. Era cigarro brasileiro. Joguei tudo no lugar certo e, com o canto do olho, observei seu comportamento. Ela deu um suspiro de tédio, se mostrando aborrecida ao meu gesto, percebendo que eu, na minha ação, a censurava. Voltei a sentar onde eu estava e a acompanhei mais um pouco, disfarçadamente. De maneira brusca e rude, ela recolheu sua bolsa, se ergueu e gritou para os meninos em português da minha terra:

— Vamos embora dessa m(*) de lugar! Isso está um saco. O pai de vocês nunca que chega!

— Só mais um pouco, mamãe! — o sotaque de carioca foi bem forte.

— P(*) nenhuma! Vamos esperar seu pai em outro lugar. Aqui, não tem nem Internet para conversar com minhas amigas!

E foi embora, pisando duro.

É! Concluí que tem quem faça a gente pensar como seria a vida particular delas. Tem outras que realmente transparecem como realmente são, sem precisar gastar neurônios nisso. E se há algum prazer em desvendar que mistério há atrás das cortinas das vidas de certas pessoas, no caso daquela mulher, haveria uma exceção!

Quis dar uma caminhada, mas deparei com uma moça de aspecto sublime. Belíssima! Fiquei tentando imaginar, também, como ela seria, mas sua beleza me impedia de ter qualquer tipo de outro pensamento. Se chovesse, talvez eu nem repararia.

Por que isso aconteceu? Difícil explicar! Já me apaixonei uma vez, mas não foi assim. Já vi muitas mulheres bem mais bonitas, mas nenhuma me causou esse golpe no cérebro. Havia algo nela a ser reparado? Não saberia! Algum pedido secreto de socorro, alguma coisa que ela viu em mim e me fez chamar a atenção? Não pude saber, também! O que essa mulher tinha de diferente das demais pessoas desse planeta?

Não! Não fiquei apaixonado por ela. Mesmo com sua beleza diferente, não foi paixão ou amor. Foi algo que não conseguia explicar, foi isso! Ela era loura, de cabelos compridos, alta, só um pouco mais baixa que eu e um sorriso pleno de simpatia. Vestia uma camiseta horizontalmente listada vermelho e branco e usava shorts bege claro. Calçava um par de sandálias de salto alto, o que lhe conferia um tamanho respeitável.

Estava com outros dois adolescentes. Ela falava alto o suficiente para eu escutar e, pela conversa, um era seu sobrinho e o outro seu amigo. Ela os ensinava como convidar uma moça para dançar! Achei graça, mas depois vim a pensar que as mulheres são melhores que os homens para ensinar a arte do flerte e do namoro.

Eles, vestindo tênis e jeans, passaram a pisar no gramado da praça e ela, com elegância, tirou as sandálias dos pés para oferecer mais visibilidade aos movimentos da dança e, também, para ficar mais baixa para eles, que eram menores em tamanho.

Um deles ligou um aparelho celular a um alto falante, fazendo soar uma música bem ritmada que eu desconhecia, mas gostei de escutar. Ela começou a dançar, e muito bem, com os rapazes — ora com um, ora com outro. Mostrava uma sensualidade que, na minha atrasada opinião, era excessiva para quem estivesse ensinando algo a dois garotos. Mostrava como eles deveriam passar a mão em volta da sua cintura e, assim, dava rebolados tão sensuais que até imaginei que, se um policial estivesse ali, ela seria detida. Mas isso não aconteceu.

Ensinava os rapazes a balançar os quadris e eles, completamente sem jeito, tentavam acompanhá-la. Fazia movimentos alternados

para frente e para trás com a pélvis, e os meninos até se assanharam um pouco. E eu não conseguia tirar os daquele trio, por mais que tentasse.

O ensinamento continuou até um carro parar perto e, lá de dentro, uma mulher gritar para os meninos na língua natal:

— Ramon, Pedro, entrem no carro. Já não disse que não quero vocês envolvidos com essa vagabunda?

Ela sorriu e simpaticamente respondeu:

— Eu também te amo, Dolores!

— Vá à m(*), você! Não quero você perto do meu filho nem do Pedro! O que a mãe dele vai dizer se souber que ele andou com você? Mas ela vai saber!

— Ramon é meu afilhado. Foi meu irmão quem escolheu!

— Irmão adotivo, sua p(*)! E nem está mais vivo para mim, portanto, desapareça! Você não tem família nenhuma nesse mundo de modo que quero isso mesmo: que você se f(*) sozinha!

E, assim que os assustados jovens entraram no carro, depois de recolhido o celular e a caixa de som, esse arrancou com força, cantando os pneus.

A moça, sozinha, pegou suas sandálias e, sem calçá-las, saiu do gramado e sentou no banco ao lado, onde antes estava a brasileira mal-educada. Pondo os calçados de lado, cruzou as pernas, mostrando unhas dos pés pintadas de rosa. Estava chorando. Perguntou se eu teria um lenço. Tinha. Lhe ofereci, me levantando e, depois, voltei ao meu lugar. Ela o usou e quis devolver. Fui cortês:

— Pode ficar! É seu!

— Gracias! — agradeceu. E assoou delicadamente no lenço e se retirou, tentando sorrir, mas com os olhos vermelhos, ainda descalça.

Foi até a um carro para lá de velho, mais velho que o meu Fusca 1966, mas muito maltratado, que estava estacionado por perto e que só agora eu reparava. Deu partida e saiu.

E eu fiquei com uma curiosidade terrível de me aprofundar nessa história. Por que razão, ainda não sabia explicar.

Aquela sequência de imagens me impressionou a tal ponto delas terem se fixado na minha cabeça à noite. Não pretendia sair mais e planejava somente tomar uma sopa no meu apartamento. Mas, antes, preferi ir ao bar e tomar uma dose de uísque e gelo. Só uma dose, mais no pretexto de ver mais pessoas e praticar o meu passatempo favorito de imaginar suas vidas do que querer beber, propriamente dito, o que poderia fazer muito bem no meu apartamento.

Quando tinha já bebido a metade do meu drinque, eis que vejo a moça de novo, chegando ao hotel. Do balcão onde eu estava, dava para se ver a entrada mais um pedaço da rua através da vidraça. Eis que estava estacionado um carro luxuoso, creio que era um BMW, bem diferente daquele veículo aos pedaços que ela usara no início da tarde. Ela saltara e, trazendo as sandálias prateadas de salto alto nas mãos, descalça, passou pela porta do estabelecimento, sendo efusivamente cumprimentada pelo porteiro. Chamei o balconista e perguntei quem era:

— Consuelo Villanueva. Ela é uma cronista e colunista social muito conceituada aqui em Montevidéu. Acabou de chegar da França e vai passar uns dias aqui antes de seguir para sua fazenda no interior.

— Uma colunista social que mora no interior... Confesso que isso é novidade para mim!

— Meu senhor, isso é possível nesses tempos de Internet. Ela é muito bem informada e escreve um texto maravilhosos sobre o que lhe relatam. Não há quem não leia a sua coluna!

— Amanhã, vou comprar o jornal!

Eis que ela, sem calçar suas sandálias, tendo as colocado sobre o amontoado de malas que trazia, veio a se sentar também no balcão, bem ao meu lado. Cumprimentei-a:

— Boa noite! — falei em castelhano.

Ela estava muito sorridente. Era o mesmo sorriso que tinha visto hoje, quando dançava com os meninos, o mesmo olhar simpático e o mesmo jeito de andar. Somente a cor das unhas dos pés tinha mudado de rosa claro para um vermelho forte. As mãos, entretanto, continuavam sem terem sido pintadas.

Ela respondeu ao meu cumprimento e perguntou:

— Tenho a forte impressão de ter visto o senhor. Quando foi mesmo que nos vimos?

Respondi, tentando ser simpático. Aquela moça definitivamente me deixava sem jeito:

— Foi hoje, entre meio dia e uma da tarde!

Seu rosto pareceu ter brilhado com a lembrança:

— Sim, foi isso mesmo!

Ela pediu uma dose de uma bebida que eu não tinha ouvido falar a muito tempo: Cinzano. Creio que eles guardavam uma garrafa especial para ela, porque não tiraram da prateleira atrás do balcão. Tiveram de tirar a garrafa lá de dentro do armário do bar.

Assim que a serviram, ela me ofereceu um brinde e retribuí:

— Saúde! — dissemos juntos. E ela deu a risada mais simpática do mundo.

— O senhor é brasileiro?

— Sim, sou!

— Está aqui a trabalho ou a passeio!?

— Passeio!

— Veio só ou está acompanhado? — perguntou com ar de malícia.

Nesse momento, me senti um idiota. Ela estava claramente me flertando. Na cultura das pessoas da minha idade, o homem é que deve flertar as mulheres fazendo perguntas bobas como essa. Porém, além da inversão dos fatores, eu é que estava respondendo

como uma garota de quinze anos assustada com o desconhecido que a abordava. Não estava conseguindo, em absoluto, aproveitar a situação e reverter a posição de ser caça para ser caçador ou, minimamente, manter uma conversa mais inteligente que um formulário de inscrição num sorteio de revista de propaganda.

— Estou só... — tentei ser mais simpático. — Adoro o Uruguai e venho aqui sempre que posso!

— Oh, que simpático. Gosto muito do Brasil, também! Vou sempre para Salvador. Adoro pular no Carnaval de lá! E o senhor ?

Fiquei meio sem jeito, mas tentei amenizar a verdade. Odeio Carnaval!

— Não sou muito chegado a Carnaval. Prefiro mesmo viajar. Esse é o meu *hobby*!

— Gosta de viajar? Para onde o senhor já foi?

Finalmente, posso falar um pouco mais e ser menos antipático:

— Uruguai, principalmente! Mas conheço também a Argentina e o Chile. E também já fui para a Irlanda, Islândia, Espanha, Grécia, Noruega...

— Acabei de chegar da França!

— Mesmo? Não conheço bem a França. Só visitei lá a Gasconha!

— Ora, ir à França e não conhecer Paris? O senhor perdeu uma viagem...

Sorri. Sempre quis conhecer mais a Gasconha, terra de D'Artagnan e Cyrano de Bergerac, do que Paris, onde ficavam os reis.

— Bom, saí de Madri, e, de lá, subi para a Gasconha, atravessando a fronteira. Mas vou seguir seu conselho... Na verdade, não posso afirmar que conheço alguma coisa nessa vida sem antes ter conhecido Paris!

Ela riu:

— O senhor está absolutamente certo!

O seu celular tocou e ela atendeu. Trocou breves palavras e mostrou-se aborrecida:

— É meu editor. Ele quer que eu passe agora no jornal e saia para jantar com ele... Sinto muito, tenho de tomar um banho e me vestir. Ah, meus pés estão me matando! Vou ver se consigo um calçado mais leve, pois não creio que me deixariam entrar descalça no restaurante que ele vai me levar!

— Não se preocupe! Eu tinha de subir de toda forma... Em outro momento, nos encontramos!

Ela se despediu com simpatia e se retirou, pegando e levando os calçados à mão e rebolando o corpo. Terminei calmamente a minha bebida e subi para o meu apartamento. Pedi a minha sopa e sentei para escrever meu texto. Fiquei bloqueado, sem ter o que colocar. Tinha acabado de escrever um livro e minha cabeça ficou vazia, sem ter como alimentar o meu passatempo favorito.

É verdade que, enquanto viajamos, não escrevemos. Mas, depois de um passeio, mesmo num lugar em que já visitamos inúmeras vezes, sempre há alguma ideia a se "colocar no papel", embora hoje a gente não a coloque em papel algum! Vai para o computador, direto!

Os jovens, usando os não mais modernos processadores de texto, são incapazes de imaginar como era o ato de colocar uma ideia da cabeça para uma página em branco. Precisaria de folhas e folhas de papel almaço e uma caneta que não borrasse para gerar um produto final aceitável. Bom, não sou tão velho, de modo que não cheguei a pegar a época das canetas-tinteiro, que se forçava a escrever sem erro absolutamente algum e usar algo chamado mata-borrão para que o excesso de tinta não se espalhasse sobre as folhas de papel. Usei logo as práticas canetas esferográficas, um dos raros produtos que os de melhor qualidade são exatamente os mais baratos. Porém, antes de escrever, alguns traços tinham de ser feitos numa folha de rascunho para limpar e aquecer a esfera.

Logo passei para a máquina de escrever e a adotei para meus textos. Aos catorze anos, tinha entrado numa escola de datilografia e, acreditem, foi meu primeiro diploma, hoje emoldurado em posição honrosa no meu escritório. Fora eu, somente um colega, jornalista, conserva um diploma desses na parede. Antigamente, isso era essencial para a obtenção de alguns empregos. Me lembro que quando eu ainda estudava, meu professor de Português, um advogado que gostava de colocar regras em tudo, explanando-as no primeiro dia de aula, não admitia o uso da máquina de escrever por alunos para os trabalhos de casa, um hábito que logo tinha assumido. Isso, porque ele exigia caligrafia perfeita, coisa que eu nunca tive!

A máquina de escrever, para quem não a conhece, é um teclado com uma impressora acoplada. As letras são impressas por alavancas chamadas de tipos. Quando o final da linha estava perto, um aviso sonoro era emitido para que se prestasse atenção no momento de se mudar para a de baixo, podendo ser logo, terminar a palavra se essa tivesse menos de cinco letras ou hifenizá-la, podendo ainda optar por colocar simplesmente o hífen, "-", ou sublinhar a última letra. Uma palavra como "barítono" poderia ser dividida como "barí - tono" ou "barí tono", de acordo com o tamanho da linha a ser trocada.

O uso desse equipamento não era muito simples para quem o digitava, o chamado "datilógrafo", termo que ninguém mais usa. Corrigir erros de digitação tinha, como consequência, o seguinte ritual: 1) girar o rolo da máquina para a letra a ser apagada ficar fora da área de impressão, que consistia na região onde a fita embebida de tinta se deslocava para receber os tipos; 2) apagar o erro com uma borracha especial, geralmente impregnada com um pó abrasivo; 3) girar o rolo ao contrário até colocar a área apagada exatamente onde o tipo com a letra correta irá bater para imprimir, e essa era a parte mais complicada. Daí, pode se continuar o trabalho! Em muitas vezes, a correção estragava o papel, ora o amassando, ora o rasgando. Então, surgiu uma evolução. Bastava, no lugar da borracha, usar uma tinta branca. Depois de aplicá-la, devia se assoprar para secar mais depressa, e,

só depois de estar bem seca, o trabalho poderia se prosseguir, com uma pequena mancha.

Uma outra forma de se fazer a correção era usar uma fita corretiva. Era uma tira de papel coberta com uma camada fina de gesso. Para se corrigir, bastava cortar um pedaço da fita e colocá-lo sobre a letra errada, sem se precisar girar o rolo com o papel. Era um processo bem mais rápido. Com a fita sobre a letra errada, bastava datilografar de novo a mesma letra, e a área impressa estaria impregnada de gesso, cobrindo a tinta. Depois, sem o pedaço da fita, faz-se a correção e prossegue-se o trabalho.

Para não se apresentar uma correspondência ou um trabalho cheio de manchas brancas, havia um macete: bastava ir para uma empresa de reprografia e pagar por uma cópia com uma máquina Xerox, ou similar, que fazia sumir as manchas brancas, e depois se assinava nas áreas específicas.

Deixemos claro que não estou entrando em assuntos mais complicados sobre o uso da máquina de escrever, como o uso de cópias com papel carbono ou matrizes para mimeógrafos! Nesses casos, a situação realmente se complicava!

Bom, eu sou um tanto antiquado quanto aos meus costumes e saudosista em muitas coisas, mas há uma coisa que afirmo veementemente: não tenho a menor saudades da máquina de escrever. Viva o microcomputador e os maravilhosos processadores de texto!

Tentando derrubar meu bloqueio intelectual, me recordei da Vila na Curva, quando resolvi colocar minhas observações no papel, ou melhor, no computador, e assim resolvi escrever sobre a bela e intrigante uruguaia que encontrei nessa viagem! Não conseguia saber o porquê dela me deixar tão perturbado. Havia, certamente, alguma coisa de errado com ela que eu não conseguia decifrar. Estava na minha frente, seu mistério estava debaixo do meu nariz e eu não descobria. O que era? Seriam seus olhos? Sim... Seus olhos tinham algo de diferente, que eu não percebi ainda o que era, ainda mais por causa da sua maneira tão própria de andar.

Assim procedi e escrevi e reescrevi e corrigi, sem ter de usar borracha, tinta branca ou fita corretora no texto. Fiquei datilografando, quero dizer, digitando o presente texto até onde pude! Parei cansado, trocando as letras... Já havia passado da meia-noite! Tomei um banho, peguei uma velha edição do livro Urupês, de Monteiro Lobato, um de capa grossa de cor verde-escura, e li até fechar os olhos involuntariamente... E dormi como um justo!

Acordei na manhã seguinte. Eram oito horas. Para meus parâmetros, acordei tarde, mas não me arrependi. Raras vezes tinha escrito com tanto entusiasmo!

Me vesti e desci para o café. Lá, encontrei Consuelo, que tinha acabado o seu desjejum. A cumprimentei educadamente e ela me convidou a sentar à sua mesa. Uma moça fazia companhia a ela. Era baixinha, com cabelos negros e usava óculos. Tímida, só olhava para baixo. Usava bermudas e calçava chinelos enquanto Consuelo usava uma espécie de terno roxo, com cortes femininos e calçava sandálias de salto alto.

— Esse foi o simpático viajante que encontrei ontem, quando cheguei ao hotel — ela me apresentou à moça que deveria ter entre dezenove e vinte anos. Ela deu um sorriso recatado e olhou para sua xícara vazia. Consuelo continuou:

— Essa pequena menina é Maria Souza, minha protegida, já que nunca tive irmã para ter sobrinhos e não pretendo me casar tão cedo, ainda!

Nesse momento, tive a impressão que a garota era mais escrava que ela que protegida. Mas não quis me aprofundar nessa questão filosófica. Tratei, simplesmente, de aceitar, uma vez que a menina parecia ter uns vinte e cinco anos, portanto, maior de idade.

— Queria muito conversar com o senhor — ela prosseguiu —, mas tenho uma palestra a dar numa faculdade aqui em Montevidéu. Depois, darei um passeio pelas ruas, coisa que adoro! Primeiro, vou deixar essa menina na escola. Ela está triste, pois mal nos vimos em um mês, mas eu custeio seus estudos e ela vai ter de se formar para

entrar na Faculdade de Direito, já que deseja ser advogada, não é Maria?

— É, senhora!

Fiquei impressionado. A submissão da menina era total e ela explorava isso. Mostrava que queria o bem dela, mas a que custo?

Elas se levantaram. Maria ia na frente, abria as portas para Consuelo, até à recepção do hotel. Lá, a menina pegou o elevador e Consuelo ficou conversando alguma coisa com o gerente, embevecido com sua presença.

Não durou cinco minutos, Maria retornara usando com a mesma blusa e os chinelos. Só a bermuda que tinha sido trocada por uma calça jeans. As duas saíram, pegaram o luxuoso BMW, provavelmente alugado, e, com a mais velha dirigindo, partiram.

Terminei meu café da manhã, comendo algo que adoro: churros. Comum nos cafés da manhã na Espanha, naquele hotel costumava servir de vez em quando, em algumas épocas do ano, principalmente as mais propícias para turistas espanhóis. Ali tinha umas seis mesas com espanhóis. Um deles, usando a camisa do time Barcelona, poderia até ser outro brasileiro que adora vestir uma camisa de time de futebol. Nosso povo tem o costume de se vestir assim até mesmo como se fosse uma roupa social para eventos importantes. Bom, não era camisa do Flamengo, nem a do Corinthians ou do Grêmio. Vi essas três camisas na Europa. Um na Irlanda, outro na Espanha mesmo e outra vez na Grécia. E já vi muito brasileiro com camisa do Barcelona e do Marselha nos Estados Unidos. É um gosto que ultrapassa as fronteiras.

Consumi três xícaras de café, quatro churros e ovos com bacon, para desespero da médica que acompanha a minha dieta... Se ela vir a saber, é claro — ela não estava no Uruguai, ainda bem!

Depois, resolvi dar meu passeio pelas ruas. Gosto muito de ir à Plaza Independencia, no centro da cidade, onde ficam alguns monumentos históricos e o palácio do governo. Esse, não se distancia do povo: mesmo com seguranças e até mesmo um

perímetro de exclusão, nada impede que as pessoas vejam os administradores nacionais entrando ou saindo. Ainda, há por perto vários estabelecimentos comerciais e atrações turísticas que valem sempre a pena serem visitados. Algumas coisas interessantes, como a ruína de um muro que antigamente separava a parte rica da parte pobre da cidade, estão lá. O Brasil nunca teve isso, pois encontrou formas mais sutis de separar as classes.

Não fui sem outras intenções senão caminhar na bela praça, à vista do General Artigas: um monumento respeitado pelo povo a ponto de não haver nenhuma das lamentáveis cicatrizes de pichações como no nosso caso. Lá, os personagens históricos são respeitados, a História do país é levada a sério e o país possui muito mais identidade que o Brasil. Invejo eles!

Nesse dia, vi uma curiosidade: um Zorro, tal qual idealizado pela Disney na pele de Guy Williams, usando uma fantasia impecável e até um conjunto de espadas para tirar fotografias com turistas, com o que ele ganha honestamente a vida.

Arrisquei e caminhei até o Consulado do Brasil. Foi uma ideia de última hora. Tinha esperança de encontrar um conhecido de outras épocas, uma das pouquíssimas pessoas que considero um amigo. Era adido cultural lá há vários anos e o conheci numa das vezes que tinha ido à capital do Uruguai, desta vez para o lançamento de um livro, um verdadeiro fracasso! Eu mesmo não gostei do que tinha escrito, mas o meu editor na época, um sujeito que se julgava um intelectual, adorara, e fez um lançamento no Brasil com o aparato de uma imprensa mais interessada em receber a resenha paga do que publicar o que alguém de opinião tinha sobre a obra. E, se fosse eu o autor da resenha, teria massacrado o meu próprio texto.

A tiragem em castelhano para o lançamento no Uruguai vendeu exatamente o mesmo número de pessoas que compareceram na noite de autógrafos. Nenhum exemplar a mais! Mas, pelo menos, vim a conhecer o José Antônio, que mal lera o livro e falara aos meus ouvidos:

— Você já escreveu coisa bem melhor. Esse livro é uma porcaria!

— Sim, é um lixo! — concordei. — Mas, assim como você tem um embaixador, eu tenho um editor...

E, naquele dia, depois de cair na gargalhada, fui à sua casa onde conheci a sua esposa, na época, ainda viva, e vim a conversar com talvez o único sujeito do mundo que toma sorvete de coco com Underberg.

E, assim, nos tornamos amigos. De vez em quando, trocamos e-mails e nos atualizamos. De lá para cá, escrevi mais três livros, sendo que nenhum foi publicado no Uruguai. Na verdade, em país algum fora o Brasil. Sou escritor de tiragem pequena, de livros desinteressantes, objeto de leitura apenas por quem se declara mesmo um intelectual. Esse pessoal pensa que eu faço parte do time deles. Como estão enganados!

Fiquei na frente do consulado. Estava perto da hora do almoço. Nunca tinha entrado num consulado ou numa embaixada do Brasil antes, de modo que não sei mesmo se seus funcionários almoçam lá mesmo, mas, do pouco que sei do José Antônio, ele gosta, na hora do almoço, comer um sanduíche numa "cafetería" ali por perto.

Perfeito. Lá saiu ele. Aquele terno xadrez horroroso e aquela gravata borboleta eram sua marca registrada. Não sei o porquê, mas as pessoas mais cultas que conheço fazem questão de se vestir mal. Cheguei perto e ele me reconheceu logo:

— Finalmente você voltou! Veio me alertar sobre outra bomba a lançar aqui no Uruguai? Os Tupamaros não dão mais apoio a você, fique sabendo.

Nos abraçamos. Respondi:

— Meu editor foi demitido na companhia. E quase que eles rompem contrato comigo. Se eu não depusesse contra aquela porcaria que escrevi, contra a mim mesmo, eu teria ido atrás!

— Nem todo o livro é ruim... Olha, consegui salvar uma coisa: seu poeminha até que se destaca como um lixo menos ordinário! — e conseguiu declamá-lo:

"A filha de Raimunda, Maria das Dores,
Feia que nem a mãe, que estava moribunda,
Pediu para que ninguém enviasse flores
Já que sua genitora, nauseabunda
Agonizava, sem mais sentir suas dores!
Ela, que pela mãe, nem sentia amores,
Pois sempre viveu como reles vagabunda
Como vivem as leiteiras vacas nelores
Sem ter deixado de ser carne de segunda!
Uma vez enterrada a tal meretriz,
Maria terá a vida que sempre quis
Namorando João Pedro Apolinário!
Ele, na verdade, safado de raiz,
Um malandro que, na cadeia, já fez bis,
Era um ladrão imprestável, salafrário!"

E caiu na gargalhada depois de ter declamado o poema mais pavoroso que eu já fizera:

— Veja, consegui, num sebo no Rio de Janeiro, seu original em Português por um real!

Era amizade mesmo! Nenhum inimigo declarado me faria tamanha maldade. E ele, depois, reclamou:

— Mas, por que diabos você não me avisou que viria?

Pedi desculpas:

— Eu nem pretendia vir para Montevidéu. Eu ia para Punta del Este, mas errei de estrada e fui para Punta Ballena. Então, de lá, reservei um hotel e peguei a Ruta Interbalnearia e vim para cá! Descobri que não gosto muito de Mar del Plata. Não sou chegado a balneários de gente rica!

— E o "no show" do hotel de lá?

— Resolvido! O hotel estava com lista de espera e, como avisei com alguma antecedência, eles me fizeram a cortesia. Mas ainda vou lá um dia!

— Vá de avião! É bem melhor!

— É, acho que é, sim! Mas gosto de dirigir meu carrinho!

— Venha, vamos almoçar juntos! Eu ia comer um sanduíche de *jamón* serrano com uma cerveja local. Mas, com você, prefiro um bom restaurante aqui por perto, onde sentamos e podemos escolher um bom bife de chorizo.

Eu estava com fome e gostei da ideia.

Entramos no restaurante. Ele não tinha feito reservas, mas foi logo reconhecido — aquela roupa era uma carteira de identidade perfeita — como adido cultural do Brasil e isso facilitou muito as coisas. Sentamos à uma mesa e ele logo pediu a carta de vinhos. Pediu um RPF tinto seco e dois filés com batatas assadas.

Veio um antepasto e, ao sabor do excelente vinho, começamos a conversar:

— Mas o que o traz aqui, no Uruguai?

— Viagem a passeio! Desde que me assumi integralmente como escritor, viajo para cima e para baixo em busca de inspiração. Não sou como Júlio Verne que escreveu sobre o mundo sem sair do seu estúdio!

— Ele era diferente. Veja o Jack London ou mesmo, mais modernamente, o Tom Clancy. Você tem toda a razão. A não ser que você seja rico o bastante para mandar olheiros fotografarem bem o local com seus detalhes, se você não conhece o local, você limita a sua escrita.

— Se bem que a internet nos oferece muitas fotografias para pesquisar! Mas não é a mesma coisa para mim! — comentei.

— Não. Não é. É como fazer negócios por telefone. Os empresários, hoje em dia, valorizando mais a pressa do que a qualidade, insistem aos empregados, e isso a gente extrapola

também para as embaixadas, que a gente use mais o telefone do que o contato físico, direto. Foi um árabe que me ensinou a fechar um negócio. Tem que ser de frente a frente. Nem que saia brigas e tapas, nem que se vá às vias de fato, se você não olha a pessoa com que você negocia, corre mais risco de fracasso. E, olha, se houve briga, o fechamento do trato vem com uma sincera reconciliação como bônus.

Tomei um gole de vinho para saborear mais aquelas palavras. Depois, José Antônio me perguntou:

— Mas o que você está escrevendo, hoje?

— Nada muito importante. Não creio que esteja escrevendo para alguém ler. Aliás, tenho só escrito para mim mesmo, sobre impressões de viagens.

— Está escrevendo para você... Corre o risco de receber um Jabuti!

Caí na risada. Quis saber:

— E quem vai ler um livro que escrevi para mim mesmo?

— Seu nome como escritor já é conhecido! Se você não publicar seu livro, um *hacker* o fará! Já pensou na situação em que seu editor, aquele que foi demitido pela porcaria que você escreveu, esteja com a razão? E já passou pela sua cabeça que o que você escreveu e que até lhe trouxe ao Uruguai para vender uma quantidade de exemplares que não dava sequer para pagar a passagem, chamado de porcaria hoje, no futuro, seja uma obra prima?

É. Podia ser. Mas podia ser que o meu amigo estivesse sendo gentil comigo para que eu não parasse de publicar meus escritos. E insistiu:

— Sobre o quê, que você está escrevendo, mesmo?

Os pratos vieram. Os aromas e as apresentações estavam magníficos. Faltavam os sabores. José Antônio insistiu antes de cortar o primeiro pedaço para provar:

— Está escrevendo sobre o quê?

Comecei a responder e, só então, começamos a cortar nossas carnes:

— Sobre viagens. Recentemente, estive no interior do Rio de Janeiro, perto da divisa com Minas...

— Conheço aquela região... Muriaé, Pádua...

— Mais ao sul! — corrigi e coloquei a carne na boca. Estava excelente! Tão bom que não pude deixar de exclamar:

— Hum, maravilhoso!

José Antônio também se deliciava do seu bife, mas, depois, perguntou:

— Você se refere a Volta Redonda, Valença, Conservatória...

— Isso! Por aí!

— O Estado do Rio de Janeiro é uma fonte inesgotável de inspirações para escritores como você. Cada cidade, mesmo estando uma próxima a outra, guarda seus próprios costumes e identidades. Isso ocorre até mesmo na capital: cada bairro possui seus próprios costumes. O morador do Leblon não é o mesmo do Méier! Sei disso porque sou de lá. Na verdade, nasci em Quissamã. Conhece?

— Bom, sou de Casimiro de Abreu. Já passei por Quissamã umas duas vezes!

— E não acha que estou certo? Por exemplo, lá, existe um portal e Macaé, que é perto, não tem! Cidades tão próximas e tão diferentes!

Concordei. Ele pediu para que eu continuasse e falei sobre a Vila na Curva. Resumi:

— Escrevi sobre um povo que mora numa vila à beira de uma estrada. Daquelas vilas que nem se sabe a que município pertence. O que cada um pensa, como são os moradores originários de lá e os que buscaram naquela região uma forma de fuga.

Ele começou a analisar, dando a oportunidade para que eu comesse:

— Esse será o tipo de literatura que todo mundo vai aplaudir, mas ninguém vai ler. Sabe disso! Já foi o tempo da nossa juventude em que uma conversa entre um rapaz e uma moça começava com a pergunta: "Você leu o livro tal?". Então, eu, que só gostava de ler Heminguay, Jack London, Kipling e Monteiro Lobato, fui forçado a ler "*Pantaleão e as Visitadoras*", "*O Menino do Dedo Verde*", "*Meu Pé de Laranja Lima*" e até "*O Pequeno Príncipe*"! Digo que foi muito útil para mim, pois ampliou meus horizontes e me tornou mais sensível às causas humanas, que é na verdade a matéria prima de toda arte, principalmente a literária!

— Tinha me esquecido que sempre aprendo uma coisa com você!

— E depois, onde você parou?

— Aqui mesmo! Montevidéu é fabulosa!

— Sim, sem dúvida! É cheia de contrastes e é capital de um país com uma população equivalente a... Vejamos... Espírito Santo!

Achei graça da memória, da cultura, sabedoria, conhecimentos e memória de José Antônio. Ele era um Google vivo. Depois de mastigada mais uma porção e bebericado mais um pouco de vinho, continuei:

— Conheci uma celebridade local: Consuelo Villanueva. Conhece?

Ele riu:

— Logo quem... Ela é figura carimbada em todos os eventos culturais desse país! Eu a conheço demais! Ela estava na França, até onde eu saiba... Você esteve com ela?

— Sim...

— Então, ela está de volta! Ela é cronista, jornalista e escritora muito lida no país. Nunca ganhou um prêmio sequer, pois seu estilo é lamentável! Parece uma mistura de escritora de novela açucarada mexicana com de novelas existenciais especialmente feitas para meninas de até quinze anos... Não sei

como ela consegue, mas, na sua vida pessoal, ela cuida de uma adolescente...

— Maria Souza...

— É esse o nome? Bem, ela é famosa! Nos jornais, com esse estilo que falei, escreve exclusivamente sobre fofocas, e, nos livros, faz críticas a costumes. Dizem que ela é lésbica, mas não há provas e creio que, se houver, será seu fim artístico. Seu público maior é composto por moças novas e donas de casa românticas que torcem começar a namorar a qualquer momento com o rapaz dos sonhos, e não com o espinhento ao lado...

Tomei mais um pouco de vinho e expliquei:

— Pois é... Não sei o que ela tem, mas me encantei com ela e achei que vale a pena ser objeto de minhas observações!

Ele riu e quase engasgou com a comida:

— Não me diga... Você se apaixonou por ela?

— Não... Interessante que isso passou pela minha cabeça. Não me apaixonei, mas há uma coisa diferente nela que não sei descrever o que é e pretendo descobrir!

Houve silêncio entre nós dois. Ficamos comendo e bebendo enquanto José Antônio montava mentalmente o que tinha de me dizer.

Finalmente, depois de comer o último pedaço e esvaziar a última taça de vinho, me avisou:

— Há uma diferença brutal entre descrever um povo em uma viagem e uma mulher que você encontra. E, se você coloca tudo no mesmo livro, tenha cuidado. Muito cuidado! Consuelo não é pessoa para se mexer levianamente. Portanto, recomendo que use um nome falso, se você for citá-la!

Sim, fiz isso! Positivamente, seu nome não é Consuelo Villanueva!

O garçom veio com a sobremesa. Nos países de língua espanhola, é costume se escolher a sobremesa no pedido dos pratos.

Não tinha visto o meu anfitrião pedir a sobremesa, e percebi, naquele momento, o quão assíduo ele era naquele restaurante. Vieram, para nós, duas taças de sorvete de coco com o amargoso Underberg. Que fixação!

Mais tarde, na mesma praça que encontrara Consuelo pela primeira vez, sentado, inclusive, no mesmo banco em que ela e a brasileira mal educada tinha sentado antes, meditava sobre a recomendação do adido cultural.

Realmente, uma coisa é escrever sobre lugares, costumes e povos, e outra, sobre pessoas. É sempre mais divertido se ler sobre populações, mesmo a sua. Se um estrangeiro critica o brasileiro, a maioria dos patrícios concorda pensando "só eu não sou assim"! Mas quando falamos de alguém, e damos nome a elas, as identificamos ou mostramos que não haveria no mundo ninguém igual àqueles as quais nos referimos e vamos certamente nos deparar com manifestações de revolta repletas de ódio. Então, trocamos os nomes das pessoas e até declaramos, por precaução, que tudo é fruto de ficção, embora não seja de todo uma mentira, pois costumamos juntar duas ou mais características à mesma personagem, no intuito de reforçar a particularidade mais interessante. É como acrescentar açúcar no suco para reforçar seu sabor. Mas as características das pessoas são identidades tão mais marcantes que nomes, que facilmente se descobre quem é, e muitos até veem a si, sem mesmo concordar no que está escrito. Como se dissesse: "está falando de mim, mas esse não sou eu!".

Então, se quiser escrever sobre alguém, elogie. Você não será furiosamente atacado sobre o que escreveu. Mas, aí, vem um problema: ninguém, fora os mais chegados como os parentes de primeiro grau, lê elogios a quem quer que seja. Elogios vendem pouco. Já críticas e fofocas, mesmo aquelas despudoradamente mentirosas, são objetos de ânsia de leitores que até pagam para lerem sobre pessoas, importantes ou não, serem difamadas por algo que fizeram, não fizeram ou mesmo poderiam ou não ter feito... qualquer coisa que dê margens a críticas. Na verdade, a vítima do texto nem mesmo teria ligação direta com o erro. Basta um parente,

como um cunhado da vizinha de um primo de terceiro grau fazer uma besteira qualquer, eis seu nome jogado na lama dos críticos oportunistas.

Ser colunista crítico dá dinheiro, mas para o exercício da profissão, precisa de advogados e guarda-costas! Perguntei, então, a mim mesmo, como seria o estilo da crônica de Consuelo Villanueva? Para fazer sucesso, deve ser uma pessoa crítica. Se escrevesse sobre jardinagem, receitas, educação ou sobre resenha de livros, teria seu lugar de fama, mas não com o sucesso que dizem que ela tem.

Eis que ela surgiu. Não estava com o mesmo vestido com que a vi pela manhã. Vestia uma camiseta igual à da primeira vez que a vi, só que as listas eram verdes, no lugar das vermelhas, e o shorts tinha cor rosa claro, no lugar do bege. O resto, era tudo igual, incluindo as sandálias.

Ela me viu e se dirigiu para mim:

— Não me esqueci do seu lenço. Eu o lavei e perfumei. Tome-o! — e estendeu-me a mão com o quadrilátero de pano que havia lhe dado.

— Eu queria que fosse um presente!

Ela se sentou graciosamente ao meu lado e comentou:

— Não há muitos cavalheiros, hoje em dia!

— Não concordo! — respondi. — Há, sim, mas tem que se procurar direito! O cavalheirismo está fora de moda e as mulheres preferem pessoas ligadas ao seu tempo. Além disso, muitas mulheres veem o cavalheirismo como algo afrontoso, como se fosse uma tentativa dos homens mostrarem sua superioridade frente a elas. Então, os gestos de cavalheirismo se tornaram mais discretos e os cavalheiros passaram a ser mais seletivos na sua prática.

Ela sorriu e se aproximou mais de mim. Me perguntou algo parecido com:

— E o senhor acha que o cavalheirismo deve continuar fora de moda?

Creio que foi isso que ela tinha perguntado. Eu não conseguia entender mais nada, pois acabara de ver, com enorme surpresa, o que naquela moça tinha me chamado tanto a atenção: seus olhos! Eram belos, sem dúvida, mas o olho esquerdo era azul e o direito, verde! Já tinha visto gatos com olhos de cores diferentes, ou cores ímpares. Mas é a primeira vez que vejo uma pessoa com heterocromia ocular. Não a tornava feia de maneira alguma, mas me chamou a atenção de uma maneira que me deixara bastante abalado, sem que eu me manifestasse. Eu não sabia antes o que me perturbava com sua presença. Eu percebia, mas não racionalizava e, nesse momento, descobria a causa.

— Senhor...

— Sim! — voltei para o planeta Terra, mais especificamente em Montevidéu.

— Sobre o cavalheirismo?

— Bom, creio que se o cavalheirismo morrer, a metade masculina do romance acaba!

Ela me deu um sorriso e me beijou no rosto, perto da boca. E, com malícia, me confidenciou:

— Gostaria de ter um momento com o senhor, em que deixa o cavalheirismo de fato, e eu, meu recato! Quando o senhor estará disponível?

Eu não soube responder. Fiquei mudo. Ela, sem deixar o belo sorriso de lado, insistiu:

— No meu apartamento ou no seu?

Creio que fiquei branco, ou vermelho, ou... sei lá! Se eu tirasse a minha roupa, alguém diria que estava vestido ou com a camisa do Santos ou do Internacional. Ela riu e me passou um papel que tirara do bolso:

— Meu telefone! Ligue, quando decidir, ou tiver coragem! Se tranquilize... Eu não sou uma p(*). Eu quero apenas conhecê-lo melhor, e, se me pagar outra coisa além de um jantar romântico, ficarei ofendida!

E se despediu de mim com outro beijo. Esse, na boca — um beijo dado com vontade, como se fôssemos um casal de apaixonados. Ela deu uma risada e completou:

— Eu acho que vai valer a pena! — e foi-se embora, para seu carro velho e maltratado. Deu a partida e sumiu de vista.

E eu continuei estático, sem conseguir me mexer, tendo a impressão que todo o Uruguai estava me observando, agora!

Resolvera, uma hora depois, sair em peregrinação para comprar algumas boas garrafas de vinho para levar para casa. Talvez, presenteie a algum conhecido que me convidasse a uma festa, coisa raríssima de me acontecer. Tenho, por costume, não anunciar minhas viagens. Prefiro dizer "viajei" do que "vou viajar". Assim, não sou incomodado pelos pedintes de encomenda que nos fazem perder um precioso tempo em procurá-las, como se uma viagem, principalmente uma internacional, se resumisse a fazer compras. Me recordo que a primeira viagem que fiz ao exterior tinha mais excursões a *shopping centers* ou *malls* do que a museus e pontos de beleza histórica ou turística. Eu sou daquelas pessoas capazes de passar um dia num museu ou contemplando uma paisagem natural, e, em pontos comerciais, gosto de ver tudo rapidamente e comprar somente o que o impulso me determina. Não gosto de caçar encomendas! Quando compro, aquele que o encomendou, muitas vezes as exibem como troféus de viagens. Falsos troféus de viagens para vidas feitas de falsas façanhas! Ou então, como se eu fosse alguém muito importante que tivesse me lembrado daquela pessoa. Ora, é verdade que, quando viajo, vejo, sempre no espírito de comprar por impulso, alguma coisa útil ou inútil que combina perfeitamente com alguém mais chegado a mim. Isso, sim, é se lembrar de alguém! Isso é que é uma verdadeira lembrança. Aquela que não foi encomendada, e sim, percebida como uma forma de homenagear algum conhecido!

É verdade que aproveitamos essas viagens, sempre caras, para comprar alguns produtos que, no Brasil, saem bem mais caros. Produtos brasileiros, inclusive! São encomendas que fazemos para

nós mesmos, o que não há de ser perda de tempo para atender aproveitadores. E há, não raramente, situações em que perguntamos a pessoas realmente muito especiais na nossa vida se há alguma coisa que gostaria que eu trouxesse da viagem. Nem sempre fazemos, isso, inclusive porque nem sempre podemos fazer isso! Mas recomendo a máxima precaução nesse tipo de oferta. Numa feita, perguntei discretamente a um amigo se ele queria que eu trouxesse algo da Bahia. Eu ia passar uma semana a trabalho em Salvador, e poderia muito bem trazer uma encomenda de lá. Ele me pediu algo simples: um par de chinelos de couro para a filha mais velha, e só. Porém, ele foi um tanto indiscreto, falando com surpresa: "Você vai a Salvador?". Pronto, outros colegas, alguns dos mais chatos, indesejados exploradores e oportunistas atrás de uma escada rolante para subir nas carreiras, escutaram. Resultado: me fizeram a encomenda de nada menos que cinco berimbaus, os trambolhos mais inúteis que existem para quem não sabe tocar. Nem como objeto de decoração serve. Pelo menos, nunca os vi numa sala ou num quarto de um jovem. Somente capoeiristas têm esse instrumento, mas tenho certeza que não foram comprados no Mercado Modelo. Se alguém tem a ideia infeliz de usá-lo como enfeite, logo se arrepende, pois me parece que a madeira usada no instrumento é deliciosa para os cupins que tratam de jogar suas migalhas no chão, sujando a casa.

Mas eu queria comprar vinhos. Sabia de cinco boas lojas em que poderia adquirí-los com confiança e a preços módicos. Sabia disso, como resultado das minhas tantas viagens a essa maravilhosa cidade.

Uma das boas coisas de Montevidéu é que você pode percorrer grande parte do comércio a pé. Isso é ótimo para um turista. Em três horas, eu comprei todas as garrafas que queria e ainda adquiri um "Recuerdo" que encaixa direitinho na prateleira da minha sala. Andei mais um pouco, com o monte de embrulhos, até pegar um táxi e passar no hotel. Deixei o material na recepção e voltei ao carro, pedindo que me deixasse na bela orla da cidade. Fiquei em frente à Sede do Mercosul e, dali, comecei uma longa jornada a pé vendo a Bacia del Plata e as belezas daquela região, com seus bem-cuidados monumentos e as belas mansões que a compõe.

Fiquei andando sem parar até anoitecer. Sempre devagar, sem pressa alguma, contemplando e me exercitando propriamente dito. Sim, vi muitas pessoas correndo, umas sozinhas, outras em casais ou mesmo em pequenos grupos. Vi, também, pessoas caminhando como eu, alguns turistas e outros moradores locais. Um par de namorados com cerca de quinze a dezessete anos me fez lembrar com tristeza a minha adolescência. Na minha época, era difícil arranjar uma menina correta e bonita para passear despreocupadamente à noite. Nos tempos dos meus pais, lá pela década de cinquenta — isso é, mil novecentos e cinquenta; deixemos claro já que estamos em novo milênio — havia a prática do footing que era andar numa direção e as garotas em direção contrária, sendo tanto os homens como as mulheres autênticas vitrines de demonstração de produtos a serem vendidos. Assim, elas iam bem arrumadas, penteadas e perfumadas, e os homens iam bem vestidos, penteados com uma pasta sebosa para cabelo e, porque não, bem perfumados. Até a tal pasta capilar, como Brylcreem, Gumex ou Juvênia, uma loção oleosa, era perfumada. Para se manter o cabelo alinhado, os homens ostentavam um pente no bolso de trás.

Essa forma de se vestir se manteve até à década de sessenta (do mesmo século) mas, na década de setenta, quando nasci, as coisas mudaram do vinho para a água. Contra a sociedade de consumo, os cortes de cabelo e até os penteados saíram de moda. No lugar de se fazer algo para uma sociedade mais ampla, como as praças ou as ruas, passaram a se corresponder socialmente em ambientes mais intimistas, como acampamentos e apartamentos onde se dormia em qualquer lugar plano que aceitasse um corpo. O amor se tornou livre e as drogas o acompanharam. Drogas já existiam, mas as coisas passaram a ser mais abertas. Não foi um tempo perdido: essa geração combateu e venceu a hipocrisia social, abriu os olhos ao amor à natureza e ensinou toda uma geração a valorizar as pessoas acima dos resultados em qualquer negócio que se faça. Pena que muita coisa dessa bela filosofia tenha sido abandonada ou mesmo desprezada, mas o que sobrou foi o suficiente para ajudar na evolução social do Homem.

No cômputo de tudo, a sociedade de consumo venceu. Hoje, rapazes e moças se preocupam mais em estar dentro de um Versace ou Pierre Cardin do que numa roupa feita à mão e vendida numa feira hippie. Porém, com isso, algo melhorou: os jovens voltaram a dar mais valor às suas belezas, às suas higienes e até mesmo às suas saúdes, praticando mais exercícios e até mesmo sendo mais exigentes no que consumem.

Eu não me deixei ser levado pela sociedade hippie ou qualquer coisa parecida. Vivi como um menino de ouro, me dedicando aos estudos e à leitura dos livros de qualidade. Bem... Li Borroughs e Keruac, que causaram a onda dos jovens livres, mas li também Kipling, Tolkien, C. S. Lewis, Monteiro Lobato e David Nasser, e esses livros me ensinaram a ser quem eu queria ser. Poderia ter sido biólogo. Poderia ter sido médico. Poderia ter sido psicólogo, filósofo e até astrólogo. Li obras que manifestavam a importância das ciências coligadas a essas ocupações. Mas escolhi, e por mim mesmo, ser o que quis ser. E, hoje, posso ser considerado alinhado com o que muitos jovens querem ser: bem arrumados, bem comportados e cultos. E, o melhor, com mais permissão para namorar lindamente como o casal que contemplava. Seus pais foram da geração mais aberta e assim eles desfrutam do passado no presente. Pois nenhuma garota quis namorar comigo: umas era por que eu era quadrado, careta e outros apelidos que nem me recordo mais. Outros, porque os pais exigiam que eu tivesse o comportamento de um velho de cinquenta anos, ou seja, o velho que sou hoje. Me recusava: eu era quem eu era, e não o que os outros queriam que eu fosse. Meus pais me ensinaram assim. Me mostraram as consequências dos caminhos que eu tomaria, mas eu tinha de ser eu e acabou-se.

Por isso, só vim mesmo a namorar depois de muito velho, com uma estagiária. Bom... Deixemos essas lembranças para depois e voltemos a contemplar o agora: dois jovens namorando! Passaram perto de mim e sorriram orgulhosos de suas conquistas mútuas.

Continuei a caminhada. Até me sentir cansado, continuei andando vendo pessoas. No céu, as nuvens de tempestade vindas da Argentina mostravam que o verão tinha acabado. O ar ficou

mais frio e resolvi encerrar meu passeio assim que avistei um táxi.

Estava seco de vontade de comer uma pizza e pedi para que ele me levasse a uma pizzaria minha conhecida de outros momentos. O garçom sabia até meu nome, mas eu não conseguia me recordar do nome dele de jeito algum. Ele era paulista do interior e torcia que me reconhecesse, pois ele dava um excelente atendimento.

Cheguei lá. A pizzaria ainda estava vazia, com apenas duas mesas ocupadas. Uma, por uma família com pai, mãe e três filhos, sendo o caçula com idade em volta dos dois anos, mostrando uma cara de satisfação de quem comia aquilo pela primeira vez. Em outra mesa, um casal que poderia ser simplesmente namorados ou casados de novo, pelas caras que um fazia ao outro. Cada um com uma taça de vinho e uma pizza pequena que degustavam bem devagar.

Sentei e fui logo reconhecido.

— O doutor de novo, para fazer a alegria do velho Sorocaba!

Isso! Sorocaba! Era esse o nome! De velho, ele não tinha nada; era um jovem senhor que trabalhava como garçom naquele estabelecimento e que, vim saber mais tarde pelo meu amigo José Antônio, era o dono. Quem o administrava era o filho, que era uruguaio e filho de uruguaia, e ele era o garçom.

— Cada um faz melhor o que sabe fazer! — me contara o adido. — Ele sabe servir as mesas, então, que o filho tome conta da casa e ele trabalhe como garçom!

Pedi uma pizza média metade só presunto, metade só muçarela. Comer pizzas meio a meio é um costume brasileiro pouco praticado no exterior, e ali, eu poderia pedir isso. Não sou muito chegado a pizza de presunto, mas, não sei explicar o porquê, o presunto uruguaio é diferente, simplesmente delicioso. Uma garrafa de vinho e eu poderia dizer que encerrei meu dia com triunfo!

Mas eu me enganara. O dia não se encerrara!

Cheguei ao hotel pouco antes das dez horas da noite. Horário perfeito para deitar e assistir um pouco de televisão até apagar no sono. Subi ao apartamento e abri a porta. O quarto estava levemente perfumado, e imaginei que alguma camareira estivera arrumando o aposento recentemente. Acendi as luzes e tomei um susto.

Deitado na minha cama, estava Consuelo. Totalmente nua, de bruços, com a cabeça voltada à porta, e cheia de sorrisos.

— Surpresa! — ela falou.

Fiquei pálido. Se ela já era bonita vestida, sem roupas mostrava-se dona de uma beleza plástica incomparável. Corpo de modelo fotográfico.

Para se mostrar ainda mais para mim, ela rolou na cama, mostrando seios perfeitos e pelos pubianos louros como os cabelos. As unhas das mãos e dos pés estavam pintadas discretamente de rosa e o perfume, creio que era almíscar, estava inebriante. Nem o vinho de hoje me deixara tão embriagado.

Sentei na cama, ao seu lado e ela me envolveu nos seus braços e confidenciou:

— Não é qualquer homem que mexe tanto comigo como você! O que você tem para me deixar assim?

Respirei fundo. Precisava me controlar.

— Você quer dizer... Com esse fogo todo?

— Sim... Há anos que não me deito com um homem e nunca dei a chance de me mostrar dessa forma... Creio que me apaixonei perdidamente por você!

Deitou seu torso no meu colo e, puxando minha cabeça por trás, tentou trazê-la para perto do seu rosto para celebrarmos um beijo. Deveria ser uma imagem muito bonita de se ver; mulheres nuas apaixonadas sempre são belas visões, ainda mais com o quarto aconchegante e a luz difusa. Naquele cenário, então, creio que valeria a pena uma boa fotografia. Por um breve momento, passou pela minha cabeça um quadro perturbador de Manet, chamado

de Almoço na Relva, em que a modelo aparece inteiramente nua diante os convençais bem vestidos.

Ao aproximar seu belo rosto do meu, não deixei de contemplar rapidamente sua heterocromia, com seu olho esquerdo verde e o direito azul. Por que isso me perturbava tanto?

Seus lábios estavam quase tocando nos meus quando a impedi:

— Consuelo, você me perdoaria?

Ela empalideceu e perguntou, temerosa:

— Eu não lhe agrado? Não sou seu tipo?

Foi a minha vez de sorrir para ela, enquanto se mostrava assustada.

— Não é nada disso! Eu tenho uma certa idade e, para essas coisas, tenho de estar preparado. Não consigo mais administrar surpresas. Você é muito bonita, desejável mesmo, mas perceba... Se eu tentar fazer amor com você hoje, serei um retumbante fracasso, o que você certamente não merece!

— Amanhã, talvez?

— Olha, eu não sei! Amanhã é outro dia! Não faço promessas que não poderei cumprir! Mas eu quero uma promessa sua. Quero almoçar amanhã aqui no hotel. Será muito importante para nós dois!

— Eu tenho um almoço amanhã com um jornalista amigo meu, mas creio que posso adiar para outro dia. Sem problemas!

— Posso já encomendar um prato especial. Gosta de massa?

Ela voltou a sorrir:

— Sim, gosto, mas um peixe grelhado não seria mais adequado para um almoço romântico?

Eu vim com um argumento mais para o estilo de José Antônio do que meu mesmo:

— Creio o que define o romantismo no almoço é o vinho e não o prato!

Ela riu. Continuei:

— Mas, você está certa! Um peixe grelhado com brócolis e uma boa entrada, será perfeito. Gosta de profiteroles de sobremesa?

— Vou fugir da minha dieta! Os profiteroles daqui são divinos!

— Então, vou arrumar tudo!

— E posso lhe pedir um favor?

— O que eu puder fazer para compensar a frustração de hoje!

— É que a discrição dos empregados desse hotel é apenas um engodo. Se eu passar a noite aqui no quarto, amanhã sairá numa coluna social: "Consuelo com novo affair". Mas, se eu sair agora, ou mesmo antes do amanhecer, as reportagens sairão no tom de "Consuelo chutada fora de quarto de hotel"! Está entendendo a minha situação?

— Sim, entendo!

— Posso dormir com você?

Pensei antes de dar a resposta. Queria, na verdade, achar um significado nisso tudo. Perguntei:

— Por acaso, você trouxe uma camisola ou um pijama?

Ela riu:

— Já estou de pijama!

Engoli em seco. Pensei mais um pouco e respondi:

— Pode dormir ao meu lado! Vou dividir a cama com um travesseiro e você pode se cobrir com a colcha. Bom, eu tenho um pijama e durmo com ele. Vou me vestir!

Peguei da mala, que quase nunca desfaço, uma camisa e uma calça de pijama e fui ao banheiro me vestir. Ela riu do meu pudor. E riu mais ainda quando saí vestindo uma seda confortável, com calça comprida e ainda meias grossas. Ela não se aguentava e rolava mesmo de tanto rir, não se incomodando em se expor mais ainda.

— Você pode se vestir mais confortavelmente, seu bobo!

— Sim, é assim mesmo que me visto!

Separei a cama em duas áreas com o travesseiro extra no meio. Deitei ao seu lado e declarei:

— Espero me comportar como um cavalheiro essa noite!

Ela devolveu:

— Pois espero justamente o contrário!

Apaguei as luzes e ela invadiu meu espaço e me beijou na boca e confidenciou:

— Sabe, eu realmente estou apaixonada por você, e, pelo seu comportamento, não querendo se aproveitar de mim, me fez acender que estou com o homem certo. Mas, por favor, seja sincero comigo. Serei sincera com você: sou bissexual e tive mais relacionamentos com outras mulheres do que com homens! Pronto, me revelei! E você? Por acaso é *gay*?

Respondi palavra por palavra, mostrando que também estava sendo sincero e que não estava respondendo a primeira coisa que vinha à cabeça:

— Não... Não sou! Mas estou passando por uma fase que me faz simplesmente não ter desejo algum, entende! Para isso, viajo... Fujo... Procuro ver as pessoas, as coisas, a paisagem, a natureza... Até um dia eu me recuperar!

— Trauma psicológico...

— Não sei! Mas vamos ficar assim: um momento ruim!

Ela me beijou de novo e foi para o seu lado.

Sinceramente, não consegui dormir. E creio que nem ela! Mas um não quis revelar isso ao outro!

Na manhã seguinte, ela se levantou mais cedo com muito cuidado e silêncio e foi ao banheiro. Saiu de lá já vestida e abriu a porta do quarto. Olhou para um lado e para o outro do corredor e escapou. Foi a minha vez de levantar e me preparar para o dia. Eu iria embora daquela maravilhosa cidade no dia seguinte.

Passei pela gerência e encomendei o almoço. Seria salmão grelhado com um vinho que o próprio gerente me recomendou, salada de batatas e brócolis. De entrada, viriam empanadas recheadas com camarões e os desejados profiteroles de sobremesa. Perfeito! Não é só de carne que vive o uruguaio.

Encontrei Consuelo tomando seu desjejum juntamente com Maria Souza. A primeira estava na elegância de sempre, enquanto a segunda, naquele dia, usava um terno de cortes femininos, mostrando-se mais requintada e dona de si do que no dia que a vi pela primeira vez. E foi ela que me perguntou:

— Já se refez da noitada?

Isso era lá pergunta a ser feita? Não sabendo responder, simplesmente tomei um gole de café importado no Brasil, muito melhor que o vendido por lá mesmo, e me mostrei como estava: morrendo de sono!

Ela sorriu. As duas, então, caíram na gargalhada. Tentei ser educado naquele momento, mas tive uma enorme vontade de me levantar e me retirar.

Meu café foi bem reforçado, daqueles que fariam qualquer nutricionista me crucificar. Mas foi uma fórmula que achei para vencer o sono. Fórmula essa que naquele dia não deu certo! Tomamos, os três, nosso café civilizadamente. Consuelo se levantou e falou:

— Hoje, irei embora para a minha cidade, querido. A Maria virá comigo. Você gostaria de nos acompanhar?

— Não! Meu roteiro já está marcado! Mas o almoço continua de pé!

— Sim... Sem dúvida!

— Ah, e você, Maria, está também convidada! Gosta de salmão grelhado?

— Não é meu prato favorito, mas, sim... Gosto!

Consuelo riu, se levantando:

— Ela só gosta de hambúrguer do McDonald's!

Quando ela se afastou, Maria estendeu o corpo na minha direção e falou baixinho:

— Ela está apaixonada pelo senhor! Nunca a vi tão apaixonada assim!

Fiquei sem o que dizer.

Como ainda estava cedo, encomendei o almoço e voltei para o quarto e tirei um cochilo até às dez horas. Ao acordar, agora com a cabeça funcionando melhor, descobri que Consuelo esquecera no quarto seu sutiã e uma caixa de preservativos masculinos. Fiquei em dúvida se deveria guardar isso como lembrança ou devolver. Melhor seria devolver, pois, se guardasse como lembrança, estaria dando margem a uma fofoca que nunca teria fim. Maledicências que adormeceriam, mas jamais morreriam.

Vesti-me bem e saí.

Estava começando a fazer mais frio. Nuvens cobriam o céu e prometiam chuva. Como resolvi dar uma última olhada na Baía do Prata, era notável ver a frente fria chegando da Argentina. Disse-me, uma vez, o José Antônio que o produto mais importado da Argentina era a frente fria. Como eu vivia no Brasil, dizia que isso do Uruguai. Porém, ante tal bela visão, concluí que ele estaria mais certo que eu!

Fui à praça minha conhecida e lá encontrei quem eu procurava. Estava conversando de longe com seu sobrinho, e pude escutar:

— Mas minha mãe é que não vale nada, tia! Ela lhe chama de vagabunda, mas foi ela que traiu meu pai! Eu preferia mil vezes morar com você!

— Não e não! E não fale assim da sua mãe! Ela não traiu seu pai e nem seu pai a traiu. Não houve isso! Simplesmente, eles viram que não dava para viver um com o outro! Mas eles lhe amam. Você é tão amado que sua mãe não quer que você se relacione com sua tia solteirona!

As lágrimas jorravam dos olhos do menino. Coitado! Separação litigiosa não é um ato sem vítimas e, quando essa é um adolescente, parece que fica à altura de um crime hediondo. Mas é a vida! A procura de um novo caminho pode ser menos dolorosa ainda do que a permanência no antigo.

Sentei-me no mesmo banco e vi o menino indo embora aos prantos. Vim a saber, mais tarde, que ele fugiria de casa para ficar com a tia. Mas isso foi muito depois. Agora, vi somente uma ocorrência triste. O rapaz precisava de melhores conselhos e sua amada tia era capaz de dá-los, mas não com a mãe abrindo uma guerra contra ela.

E a moça se sentou, então, ao meu lado. Estava vestida com um casaco, uma camiseta listrada como as demais, só que a cor era azul, e usava uma calça comprida e um par de tênis bem velho e surrado. Então, começou seu pranto.

Segurei no seu ombro e ela me abraçou e chorou copiosamente por um longo tempo.

Entrei com ela no hotel. Era meio dia. José Antônio já me esperava no saguão, sentado numa poltrona!

— Um costume que eu tenho é o de chegar sempre quinze minutos mais cedo. Como vamos todos? — ele falou, se levantando e beijando delicadamente a mão da moça. — Como tem passado? — perguntou.

— Bem... — respondeu, se sentindo meio perdida.

— Vamos à mesa. Uísque? — sugeri.

— Decerto!

— Eu não! — falou a moça. — Se tiver um coquetel de frutas...

— Peça uma Mimosa para ela que ela vai gostar! Aprenda, meu caro! O segredo de tratar bem as mulheres é deixa-las adivinharem o que você gosta de vestir e você adivinhar o que elas gostam de comer e beber!

— Freud deveria ter estudado com você! — falei com sinceridade. Sigmund Freud tinha declarado que não entendia

as mulheres e José Antônio parecia que já tinha o conhecimento universal do segredo mais bem guardado do planeta!

Sentamos todos e pedimos as bebidas. Ficamos conversando amenidades e vieram as bebidas. Confirmei com o garçom os pedidos que tinha feito: uma salada de entrada, uma pavesa como primeiro prato, salmão grelhado com purê de batata-baroa como segundo prato e os famosos profiteroles da casa, de sobremesa. José Antônio aprovou a escolha:

— Você deveria trabalhar comigo — opinou. — Faríamos uma dupla e tanto de negociadores!

Eis que chegou Maria. Ela ficou muda, pálida, sem ter o que dizer e simplesmente a fiz ficar calada enquanto se sentava. Pedi um vinho branco suave para ela.

E, pela porta, surgiu. Maria ficou mais pálida ainda. José Antônio bebeu toda a sua dose de uísque de um gole só. Minha acompanhante nada tinha reparado e eu, apesar de nervoso devido àquele momento delicado, me mantive com aparência serena, mostrando que estava no controle.

Consuelo cumprimentou a todos, especialmente José Antônio:

— Há quanto tempo que não o vejo!

Ele não respondera. Era do seu feitio responder com uma piada qualquer, uma observação cínica e jocosa. Mas seu único gesto foi chamar o garçom para renovar o conteúdo do copo.

Consuelo se dirigiu à cadeira para se sentar. José Antônio e eu somos da época que os homens se levantam enquanto as senhoras e senhoritas ficam em pé. Mas não pensamos nisso, naquela hora. E, quando Consuelo se sentou, foi a sua vez de ficar estática.

— Mas... O quê que é isso?

Eram duas mulheres idênticas, uma olhando para a outra. As duas estavam mudas.

— Foi o que imaginei! Percebi, sem nenhuma lógica, mas por instinto, que vocês não sabiam uma a existência da outra!

— Bom... — José Antônio finalmente se manifestou. — Se você resolver colocar a cabeça para funcionar mais um pouco, poderá perfeitamente transformar sua intuitiva percepção extra-sensorial na descrição da sequência lógica que o fez levar a essa conclusão inesperada!

Concordei. Já devia ter aprendido que discutir lógica com José Antônio é a mesma coisa que tentar mostrar a um matemático que dois mais dois podem ser cinco. Então, expliquei:

— Bom, eu posso dizer que duas falas me despertaram a desconfiança de que uma não conhecia a outra. Uma, foi que Consuelo me revelara não ter um sobrinho. Já essa moça — apontei para a gêmea do parque — tem uma cunhada e um irmão com um filho.

— A mesma verdade dita duas vezes, o que não impede serem pessoas diferentes!

Foi Maria que fez a mesma descoberta que eu tinha feito:

— Os olhos... Meu Deus... Nunca vi isso!

José Antônio observou e exclamou alto:

— Porca pipa! Heterocromia! Só que uma invertida em relação à outra!

— O que você quer dizer? — falou, finalmente, Consuelo, tremulamente.

— As duas têm um olho azul e outro verde! — falou Maria, ainda carregada de espanto. Só que você, Consuelo, tem o olho azul direito, enquanto que a outra moça... Perdão, qual é o seu nome?

— Guadalupe... Podem me chamar de Lupe! — respondeu, e só agora tinha me dado conta que nunca perguntara o seu nome!

— Prazer! O meu nome é Maria. O olho azul da Lupe é o esquerdo, enquanto o verde é o direito. O seu olho verde, Consuelo, é o esquerdo!

— Se ambas se encontrassem cara a cara, jurariam estar diante um espelho! — observou José Antônio. Vim a achar graça

disso no momento que me recordava desse momento. Mas, naquela hora tensa, sequer creio que as moças tivessem lhe prestado a atenção.

Finalmente, o garçom apareceu e quebrou um pouco as atenções que um tinha sobre o outro:

— Senhora Consuelo, alguma bebida?

Consuelo, desencantada, abriu um imenso sorriso:

— Sim, Champagne! Dom Pérignon e cinco taças! Eu quero celebrar!

E, virando-se para a sua irmã recentemente descoberta, perguntou de chofre, visivelmente emocionada, com os olhos vermelhos de lágrimas:

— E você, querida Lupe, gostaria de morar comigo?

Então, tudo terminou bem! Almoçamos e celebramos como pudemos. Eu iria embora na manhã seguinte, e, assim, depois daquele memorável almoço, nos despedimos.

Na manhã seguinte, estava fazendo o *check-out* do hotel quando Consuelo e Guadalupe surgiram. Eram só sorrisos!

— Descobrimos que somos mesmo gêmeas univitelinas! As sensações de uma eram passadas para a outra e, por isso, depois que Lupe se aproximou de você, tive a estranha compulsão de me aproximar, também! Pensei que estivesse apaixonada e ela passou a ter a mesma sensação!

— Como em "Os Irmãos Corsos"! — observei. — Um livro de Alexandre Dumas.

— Não conheço esse, mas, se você diz... Entretanto, de qualquer forma, somos muito gratas a você. Sua observação acabou com a infelicidade de Lupe e a minha solidão desesperadora... Essa solidão que me fez viver de futilidades e até me tornar famosa em todo o Uruguai: sou a rainha dos solitários que tentam preencher suas vidas com coisas fúteis!

Consuelo se aproximou e me deu um beijo nos meus lábios, dizendo:

— Adeus, querido, e muito obrigada por tudo!

Veio Guadalupe e também me beijou no mesmo lugar:

— Me sinto uma Cinderela, descobrindo uma nova vida que sempre me foi negada! Muito... muito obrigada mesmo!

Um mês depois, em casa, recebi um *e-mail* do José Antônio, que aqui transcrevo:

"Caríssimo,

"Raramente escrevo um *e-mail* para um amigo a respeito de amizade, trocas de experiências, qualidade de vinhos, comidas e principalmente mulheres! Hoje, na maioria das vezes, faço notas comerciais com marcações de reuniões, trocas de compromissos, pareceres e opiniões. Ou seja, assuntos tão frios como o computador em si.

"Bons foram os tempos em que a gente caprichava na letra, escolhia um papel de qualidade, um belo envelope e, em muitas vezes, a gente até poria o melhor selo. Aí, colocava tudo numa agência postal, os Correios no caso do Brasil, e começava um período de expectativa, quase uma agonia, de saber quando a missiva chegaria, se o missivista gostou do seu conteúdo, se ele responderia e quando a resposta viria. A expectativa incluía em tentar adivinhar que tipo de letra, qual seria a qualidade de papel e quantas folhas a carta teria.

"Vamos e venhamos: a vinda dos *e-mails* tornou a troca de correspondências muito mais fácil. E, com as novas mídias eletrônicas, trocar ideias está cada vez mais rápido. Talvez, seja pelo fato de eu ser ranzinza, mas passei a ter a impressão que, fora algumas raríssimas exceções, rapidez nas respostas é inversamente proporcional às inteligências dos autores!

"Nos dias de hoje, teríamos todas as condições de trocar correspondências verdadeiras, mas a modernidade fez com que

se tivesse pressa em apresentar ideias, e, a maioria delas, idiotas! Assim, escrever uma verdadeira correspondência, onde expomos com sutil poesia nossas emoções, nossa filosofia e nossas opiniões com direito a análises e conclusões encima de fundamentos também apresentados, corre o perigo que esses textos tão trabalhados sejam deletados ou abandonados, esquecidos e expurgados depois desses ficarem velhos e serem também eliminados ao se limpar a caixas de correio do computador.

"Mas, creio que, entre nós, ainda podemos trocar correspondências verdadeiras. E a minha intenção aqui é a de lhe agradecer e revelar o que viemos a descobrir sobre as irmãs Consuelo e Guadalupe, cuja verdade você revelou fortuita e brilhantemente.

"Agradecer porque, com a fama de Consuelo, esse caso repercutiu positivamente e a Embaixada do Brasil ficou muito bem avaliada nesse episódio.

"Eu tinha oferecido às irmãs o nosso serviço de Inteligência para pesquisar sobre suas origens e elas aceitaram. E descobrimos tudo: elas são brasileiras. Nasceram em Chuí e eram filhas de u'a mãe solteira que as deixou num orfanato. A mãe morreu há cerca de dois anos de uma doença que costuma acometer pessoas que fizeram besteiras demais!

"Foram ambas adotadas por famílias uruguaias de boa posse. Só Deus sabe como se atravessa a fronteira entre o Brasil e o Uruguai nessa cidade, inda mais que o lado uruguaio possui o mesmo nome: Chuy! De lá, passaram por outras cidades, até Guadalupe vir a Montevideo.

"Essa moça fora adotada por uma família que desejava ter uma filha. Eles tinham um filho único e não podiam mais gerar e, assim, adotaram a bela menina – há de se ver que meninas louras são adotadas com muito mais facilidade que as negras, apesar de não haver diferenças entre as belezas de uma e de outra. Maldito racismo!

"Viveram bem até vir um problema que é a causa da destruição da maioria das famílias: a herança! Pais criam filhos para serem

irmãos e eles permanecem irmãos até à hora da partilha. Nem sempre temos um Esaú perdoando um Jacó, mas foi assim no princípio! Guadalupe sempre soube que era adotada e, com a morte dos pais, achava que o irmão deveria assumir e se beneficiar com os negócios herdados. Ela sempre soube que não era muito inteligente e seu único interesse era sua paixão em dançar. Então, pediu somente o carro velho dele e um apartamento minúsculo, num sobrado, onde os pais moraram antes de enriquecerem com o sucesso da sua rede de restaurantes. Porém, com o divórcio litigioso do irmão adotivo, que o fez até abandonar o país, sua cunhada fez de tudo para afastá-la do seu sobrinho, temendo que ela, por ser ignorante, venha a influenciá-lo negativamente.

"Guadalupe não só aceitou, de primeira, em morar com a irmã como seu sobrinho acabou morando com as duas. Consuelo rogou a maior praga hebraica contra a egípcia mãe do menino. Em palavras atuais, comparando a Justiça com o Velho Testamento, ela contratou um pequeno batalhão de advogados contra a mãe para emancipar o rapaz e passar a sua pequena fortuna para ele.

"Já Consuelo teve sorte. Foi adotada por um casal de escritores, sendo que o pai era também pecuarista. Ficou famosa por suas colunas ácidas do jornal. Entretanto, ela é daquelas mulheres muito exigentes e isso causou sua solidão. Rica, culta, inteligente, bonita e atual, se tornou alvo de tudo quanto é homem interesseiro que apareceu. Muitos de nossa orgulhosa raça masculina buscam mulheres ricas como submissos e mulheres pobres como posseiros. Se a mulher rica cai na lábia, os papéis se invertem e ele acaba sendo posseiro, também! É a nossa natureza predadora que talvez faça parte do Pecado Original que, de tão entranhado entre os homens, sequer é citado nas Escrituras. E Consuelo sabia disso e, por isso, passou a financiar moças pobres como Maria para vencerem na vida sem terem de se submeter aos caprichos masculinos. Por isso, tem a fama de lésbica.

"Cá entre nós, aqui abro parênteses: eu prefiro mulheres boas de conversa e de cama. Acho que é por isso que continuo solteiro.

"O pai de Consuelo tem noventa anos e continua vivo. E adotou simbolicamente Guadalupe, que passou a lhe dedicar mais tempo que Consuelo.

"E eis que você, um viajante que se disse somente querer observar sem intervir nos acontecimentos, acabou provando o que diz a Física Quântica: é impossível observar sem intervir.

"Então é isso, meu amigo. Desejo-lhe saúde e paz e, antes de retornar a Montevideo, me avise para eu fazer reservas num restaurante novo, que acabou de ser inaugurado, e que dizem ser excelente.

"Eu não sei onde você está agora. Outra vantagem do e-mail: você acessa sua correspondência de onde estiver e nem preciso assinar ou datar.

"Do seu amigo,

"José Antônio.

Fechei o computador. Dei um sorriso de alegria.

CONTEMPLANDO O ETERNO

Certa vez, escutei um renomado psicólogo declarar, numa palestra para empregados da empresa onde já trabalhei, que viver consiste em aprender a gostar do seu trabalho, fazer amizade com seus colegas e usar os momentos de lazer para repor as energias para seu crescimento profissional. Um colega perguntou como seria o uso mais adequado das horas de lazer, e ele respondeu que viajar é muito bom. Mas atividades sociais e desportivas com seus amigos, isso é, colegas de trabalho, são as melhores formas de lazer e as que mais garantem uma vida profissional plena e feliz.

Outro colega confidenciou que seu esporte favorito era o montanhismo, coisa que nenhum dos demais, cujas aventuras maiores era jogar tênis em algum hotel da moda há mais de cem quilômetros do escritório, sonhava em praticar. O psicólogo declarou, na frente de todos, que seria bom que ele buscasse ajuda profissional, pois quem busca esportes radicais, na sua realidade incontestável, possui tendências ao suicídio.

Essa foi a causa do meu primeiro pedido de demissão. Não discordo que viajar é um refrigério para as nossas mentes. Falar o contrário seria, inclusive, um erro, pois, mais que a minha modesta opinião e a dele, toda a geração atual de terapeutas e agentes de turismo não falam outra coisa. Mas, dizer que a prática de

montanhismo é uma forma de suicídio, para mim, particularmente, foi uma tremenda asneira. Asneira essa que fez com que a reputação desse renomado psicólogo fosse falsa, mentirosa, uma propaganda enganosa. À noite, no quarto do hotel onde todos éramos massacrados com os conceitos desse mau profissional, percebi que eu estava no meio de uma seção de hipnose coletiva para somente pensar e ser feliz com os dogmas da minha empresa. Não nasci para isso. Nasci para ser livre!

Foi com esse colega que vim a escalar, pela primeira e única vez na vida, uma parede em um pico. Fui ao interior de Minas Gerais e experimentei uma sensação maravilhosa. Ele me ensinara todas as regras de segurança, sendo que a mais importante delas era a disciplina: eu tinha de obedecer a ele sem hesitar, além de ter de acreditar em tudo o que falava, pois ele era um mestre que não queria me convencer de nada, apenas mostrar que minha vida dependia de regras práticas de segurança, e seria minha escolha permanecer vivo ou não. Não era um simpósio, minha ligação com ele não seria eterna e o único que ganharia com isso seria eu mesmo.

Lá encima, no pico, vislumbrei a mais bela das paisagens! Os picos dos vários morros estavam abaixo de mim. As nuvens, também! Aves voavam abaixo! Tudo era minúsculo!

O verde do mato era a cor mais proeminente, mas dava para se ver a presença humana com um rolo de fumaça vindo de uma casa minúscula que me provocou a curiosidade sobre como seria a vida lá, pois era solitária, tão isolada do mundo que não dava para ver alguma trilha ou estrada que lhe desse acesso.

Sim, vi também algumas estradas que saíam de uma única rodovia pavimentada ao nosso alcance. Foi por onde viemos e, lá de cima, pude também ver o quanto sinuosa a estrada era, coisa que não percebemos quando estamos nela.

Eu queria ficar naquela contemplação, em silêncio absoluto, sem precisar de falar com tão bom colega, que ali estava se tornando meu amigo, até o sol quase se por. Não me importaria passar a noite ali, mesmo sabendo que isso seria inviável, pois não estávamos

preparados para passar a noite por lá e atividades noturnas de montanhismo são, além de muito perigosas, inaplicáveis para principiantes como eu.

Ele anunciara que iria descer, mas, antes, me revelou que, como eu, iria também se demitir do trabalho. Estava sofrendo perseguição do emprego, tanto por parte dos colegas como, principalmente, dos gerentes. Ele estava sendo considerado uma anomalia, alguém fora do eixo principal do pensamento do grupo. E que o meu passo de sair de lá foi extremamente importante.

Bom, ele saiu. Não viveu muito tempo depois disso, mas, ao contrário dos que apostavam num acidente ou num suicídio consumado, ele viera a falecer no famoso desastre de avião em São Paulo, em que uma aeronave de Porto Alegre ultrapassara os limites da pista e se chocara contra um edifício.

A empresa onde trabalhamos continua existindo. É a campeã de empregados divorciados, mas, numa pesquisa realizada, tornada a público numa revista de homens de negócios, é a que possui os empregados mais felizes e motivados do mercado, mesmo havendo a constatação do alto índice de ataques cardíacos e diabetes adquiridas entre eles. Na opinião do famoso psicólogo, essas doenças não têm absolutamente nada a ver com o trabalho deles, estando mais ligadas às suas dietas alimentares e falta de exercícios regulares. Bom, essa é a opinião dele. A minha, eu que não sou psicólogo nem nada, é de que a empresa não queria empregados, mas robôs. E o homem não foi feito para ser um robô!

Retornamos antes do pôr do sol e partimos em direção à nossa casa. Percorremos cerca de trezentos quilômetros, chegando no avançado da noite, onde nos despedimos com uma farra de pizza e chope num restaurante. Foi a última vez que nos vimos. Eu dormi naquela noite totalmente embriagado — deixara o carro e fui para casa de táxi.

Na manhã seguinte foi que vim a sentir as dores da empreitada física que fora a escalada. Depois dessa maravilhosa experiência, concluí que o melhor do montanhismo não é o risco de subir

paredes verticais com técnicas apuradas que, contudo, exigem muito esforço, coragem, disciplina e determinação, mas sim, é a recompensa de estar diante de um mundo maravilhoso através de uma visão privilegiada, em que tudo parece tão pequeno e nos sentirmos também diminutos como as coisas que vemos na paisagem. É respirar fundo e sentir um frio que nos aquece o coração porque o ar ali ainda é tão puro como os pensamentos que nos invadem. Aliás, se é que pensamos, pois, naqueles momentos que sequer ousei olhar para o relógio, percebi que se passou um tempo que não sei se foi longo ou curto, mas foi o suficiente para me dar imensa sensação de bem-estar. Acho que eu não havia pensado em absolutamente nada! E nunca imaginara ser isso possível!

Escalar uma montanha é uma vitória altamente recompensada. Nunca seria um suicídio, mas sim, uma renovação de vida. Renovação essa que seria um privilégio para poucas pessoas, pois se exige preparo e dedicação. Ser um robô, portanto, é muito mais fácil!

Como disse, nunca mais escalei montanhas, mas isso não quer dizer que me afastei delas. Já subi o Pico da Bandeira umas três vezes e, sempre que vou ao Rio de Janeiro, não me furto de ir ao Corcovado ou ao Pão de Açúcar. Gosto de visitar lugares montanhosos, mas, pela primeira vez, visitei uma montanha de verdade, numa viagem inesquecível.

Não subi os Andes, mas escolhi uma pousada com uma visão privilegiada daquelas montanhas de pico nevado. Contemplando aqueles monumentos eternos para nós, mas efêmeros nas suas histórias geológicas, consigo me transportar para seus picos e simplesmente me imaginar no corpo de um montanhista que, naquele momento, está sendo recompensado com a visão magnífica do mundo, se esquecendo do frio devastador, do cansaço imenso e do retorno igualmente exaustivo que ainda tem de enfrentar. Não sabendo como fazer isso e sem oportunidades de aprender devido ao estilo de vida que levo, o que me puniu me fazendo tornar um velho incapaz de grandes aventuras, me resta homenagear quem fez a escolha certa e que agora deve estar vendo tudo o que está ao meu

lado: morros, rios e quiçá a própria pousada, sem ver, entretanto, a mim, verdadeiramente insignificante que sou.

A pousada se chamava "La Vista Del Eterno". Era um hotel pouco conhecido, que um casal, um dia, me indicara como excelente para ficar. Lá não tinha Internet, não pegava celular e havia apenas um telefone para atender a todos. Nem televisão se pegava. Um aparelho de DVD rodava, no pequeno cinema, um filme legendado em castelhano num horário só, determinado — geralmente um filme novo, desses de super-heróis, para garantir de que toda a família pudesse assistir. Havia um salão de jogos com mesas de xadrez e damas, mesas de carteados e bilhar. Em um bar, havia um piano à disposição dos hóspedes e um aparelho de caraoquê que, para nosso deleite, ninguém utilizava.

O bom daquele hotel era a culinária e o serviço. Você poderia tomar café da manhã tanto no restaurante como no quarto ou num caramanchão externo com visão das montanhas. A comida era excelente. O povo chileno tem uma habilidade rara de trabalhar com peixes e não me cansei de comê-los grelhados. Trutas e salmões de verdade eram pratos do dia a dia daquele hotel, mas não poderia deixar de lado os presuntos importados da Espanha e as massas maravilhosas. Sem contar com os pães que eu comia pela manhã com queijos franceses e geleias inglesas, e, nas refeições, com maravilhosos patés.

Mas o melhor de tudo aquilo era o silêncio. Aquele silêncio que nos permitia contemplar adequadamente aquele eterno que tanto me encantava.

Acreditem. O dono daquele paraíso era um baiano de Feira de Santana que nunca tinha sido empresário na vida. Era garçom e, depois de passar um tempo trabalhando em Salvador, pegou o dinheiro juntado e descobriu esse lugar maravilhoso entregue às moscas. Procurou seu dono e propôs uma parceria. Ele entraria com o serviço e dividiria o dinheiro da reforma com o novo sócio. Trouxe sua família, antes miserável, para o lugar. Não gostaram, porque, para eles, aquilo era o inferno gelado,

mas era um emprego que, se no início não seria remunerado, prometia ser lucrativo. Recuperaram tudo e começaram fazendo propaganda boca-a-boca. Primeiramente, em Salvador, através de alguns amigos que trabalhavam com turismo e viagens. Depois, a coisa se espalhou. Não possuem sites na Internet, mas quem foi lá acabou divulgando de graça pelas redes sociais. Eles não quiseram mostrar a pousada para agências de turismo, que sempre cobram comissões pelas indicações, mas tal propaganda gratuita foi o suficiente para lhes garantir um público pequeno e fiel que sustentava o seu negócio.

Foi assim que um casal que conheci me indicou o local, e foi assim que cheguei. De cara, da varanda diante da recepção, vi o imponente Andes. Fiquei parado diante aquilo tudo.

— Boa tarde, senhor! — veio uma voz em português, com o sotaque bem carregado.

Sorri e respondi:

— Boa tarde... Está tão evidente assim o fato de eu ser brasileiro?

— Brasileiro e tinhoso, pois chegar aos Andes com um Fusca Sessenta e Seis é pra cabra-da-peste! Sou Dorival, o dono desse cantinho de Deus. E o senhor fez reserva?

— Sim, para uma pessoa!

— Ô xente! Como é que não vem prum lugar desse sem um carinho, um cobertor de orelha... Não tá precisado, não?

Típico baiano. Um povo que, quando gosta da gente, logo se torna íntimo! Morei poucos anos na Bahia e o segredo de se dar bem por lá é simplesmente aceitá-los do jeito que são, já que é da natureza deles aceitar a gente do jeito que a gente é!

Um empregado, parente dele possivelmente, pois era muito parecido, pegou minhas bagagens no carro, enquanto eu me dirigia ao balcão, onde Dorival, dando a volta, me atendeu. Verificou a minha reserva e meu sinal adiantado e me indicou o quarto.

Que lugar aconchegante! Depois de subir um lance de escada, dei com um quarto de madeira com uma imensa cama diante uma lareira que seria acesa à noite. Havia, também, aquecedores a vapor que deixavam até o banheiro, a peça mais clara do aposento, aquecido. Na parede, havia alguns quadros bem pintados, uma mesa para refeições e uma bancada com tomada elétrica para quem, como eu, usa o microcomputador sem Internet, para escrever meus textos. Certamente, um robô não se daria bem naquele lugar, desconectado com o mundo e, principalmente, com o gerente da sua empresa.

Descansei da viagem dormindo uma soneca maravilhosa após um banho rápido. Me sentia totalmente aconchegado, como se estivesse na casa dos meus finados pais. Não saberia nunca entender o que se passou comigo naquele momento, pois cheguei a pensar seriamente em morar lá para sempre. Fiz uma conta rápida e verifiquei que, com meu salário, uma vez que não dependo de escritório para trabalhar, até daria perfeitamente para morar lá de vez. Mas a realidade me assaltou no instante que acordei: sem Internet, como é que eu mandaria meus textos para o jornal?

Olhei para meu relógio de pulso. Era um Mido que tinha pertencido ao meu pai e que precisava adiantá-lo somente um minuto ao ano para o manter na hora precisamente certa. O único problema dele é que, sendo mecânico, era necessário, depois de um mês com trinta dias, avançar um dia a mais para pular o dia trinta e um. Era uma ação complicada e chata. No mês de fevereiro era pior: se precisava avançar três dias.

Era quase hora de jantar. Faltava pouco para as sete horas da noite e eu estava começando a ter fome. Mas ainda tinha algum tempo e desfiz as malas, lavei o rosto e penteei os cabelos. No momento em que abri a porta, me dei conta, no corredor externo, o quão escuro estava e o frio que fazia. Sim, o inverno estava se aproximando e, naquela região ao sul do Chile nessa época do ano, a noite vem mais depressa.

Voltei para pegar um casaco. Vim bem preparado para isso. Em seguida, saí de vez.

O salão do restaurante estava com uma temperatura morna, agradável. Um empregado se dispôs a fica com o meu casaco e o entreguei.

Lá, pude contemplar os demais hóspedes. Duas moças bem vestidas, uma usando um terno feminino e outra de minissaia, zombando do frio, não escondiam suas homossexualidades. Elas se beijaram, rápida e discretamente na boca, não tão discretas para que eu não percebesse.

Havia, também, um casal de meia idade, com uma filha, o genro, o neto e um filho adolescente com cara aborrecida, jogando no aparelho celular. Imaginei que seu aborrecimento era a vontade de desligar seu contato com o resto do mundo. O neto queria a atenção do tio, toda hora batendo sua mãozinha de criança de um ano no braço do tio, sem conseguir desviar sua atenção no jogo.

Tinha, ainda, um casal de idade bem avançada, calculei por volta de oitenta anos, tomando sopa, mais outro casal que certamente estaria em lua de mel pelo jeito carinhoso que se abraçavam. Outro casal de meia idade, parecendo que estava em segunda lua de mel, e mais uma mulher, provavelmente viúva ou desquitada, com duas filhas, sendo que a mais nova deveria ter treze ou catorze anos e a mais velha, coisa de dezenove anos e usava um horroroso batom escuro.

Procurei uma mesa e um garçom, solícito, logo me mostrou uma, perto do casal de idosos. O garçom era brasileiro, também. E falou:

— Fora aquelas duas moças — se referiu com educação às namoradas —, todos aqui são brasileiros. O senhor gostaria de uma cachacinha para aquecer o frio?

Preferi um orujo, cuja garrafa tinha visto disposta na prateleira do bar, enquanto contemplava o cardápio. Tinha duas opções de entrada, duas opções de primeiro prato, duas de segundo prato e mais duas de sobremesa. Todas me pareceram curiosas. Na entrada, havia salada fresca com empanadas de camarão e bobó de camarão

à chilena, só mesmo Deus saberia o que era isso. Os dois primeiros pratos eram carbonada ou espaguete gratinado com ostras. Os segundos pratos eram mais consistentes: filé à parmegiana e um curioso salmão à baiana, que consistia numa generosa, e deliciosa, posta de filé de salmão com purê de batatas e uma cobertura de moqueca de camarão. De sobremesa, havia uma curiosa paçoca chilena e um manjar de coco. Comi a salada, a sopa, o salmão e o manjar de coco. Achei tudo maravilhoso e fiquei encantado com a mistura da culinária chilena com a italiana e a baiana.

Tudo foi regado por um espumante espanhol rosé e, no final, ainda tomei um cálice de Cointreau depois do café.

Reclamar daquela refeição seria um crime. Além de tudo ser bem farto, realmente estava delicioso. Conversei com o garçom e ele me explicou que o chef era casado com uma soteropolitana descendente de italianos. Estava explicado o porquê da mistura, e creio ser essa um perigo para os restaurantes concorrentes.

Dali, me recolhi no quarto. Por curiosidade, passei perto do salão de jogos, onde vi os velhos, que se levantaram depois da sopa, jogando crapô e as duas chilenas jogando xadrez. Percebi que tenho de limpar meu cérebro dos preconceitos. Sempre achei que xadrez fosse um jogo essencialmente masculino; nunca tinha visto duas mulheres jogando uma partida desse jogo de forma tão compenetrada.

Fui ao quarto. Liguei o computador e continuei um texto longo que já durava alguns dias de preparo, até o sono me vencer. Fui para a cama, me penetrei sob o enorme cobertor, com a cabeça sobre um travesseiro macio e delicadamente perfumado, e dormi... Dormi como um bebê!

Raramente acordo tão tarde como naquele dia. Acho que o meu sono estava um pouco atrasado, e, nesse dia, extrapolei minha média de horas nos braços de Morfeu.

Mas dava tempo para tomar o café da manhã. Tomei um banho e me vesti, me arriscando com um agasalho leve. Ao abrir a porta, deparei com o frio da manhã, menos agressivo do que o da

noite. Havia no ar um aroma perfumado inebriante. O dia prometia ser muito bom. Fui ao salão tomar café da manhã.

Lá estavam o casal de meia idade com a família. Os dois filhos usavam chinelos nos pés, enquanto o resto calçava tênis. A mulher com as duas filhas também estavam lá. Vestiam, as três, robes por cima das camisolas e calçavam, também, chinelos. A caçula tirara os calçados e, com as pernas dobradas, pusera os pés encima da cadeira onde sentava.

Lamentei isso. Não sei se é pela minha idade ou por ter uma mentalidade atrasada demais, ou mesmo se eu era um conservador encima de uma coisa idiota, me impliquei com a falta de zelo ao se portar e se vestir em lugares públicos. As três mulheres, mãe e filhas, agiam como se estivessem em casa. E, para aumentar a minha implicância, a mais velha ainda mantinha o batom escuro e, também, tinha as unhas dos pés pintadas de negro. Pensei comigo se essa menina estivesse na idade de ir à caça, que tipo de homem que ela iria atrair assim... Rapazes modernos, respondi a mim mesmo. E reforcei, falando baixinho:

— Tenho de me adaptar aos tempos modernos!

O serviço era do tipo bufê inglês. Havia, à disposição, ovos mexidos, salsichas, três tipos de pães, vários tipos de geleias, queijos, frios e várias frutas. Escolhi um melão e um presunto serrano e fui à mesma mesa que me sentei para o jantar. Mal cheguei, a mulher e suas filhas se levantaram. A mãe estava ralhando com a filha mais velha e ela se mostrava estar pouco se importando com o que ela dizia.

Na outra mesa, a mãe também chamava a atenção do garoto, com sandálias imundas nos pés, que não desgrudava do celular. Ele estava com um boné na cabeça com uma figura que lembrava um daqueles jogos modernos para aquele aparelhinho que, às vezes, é usado até mesmo como telefone móvel. O garoto não tinha tocado na comida, ainda!

O garçom veio me perguntar se eu queria café ou chá. Pedi café puro e me diverti com o melão com presunto. Eis que surgiu o dono do hotel.

— Ô xente... Há muito tempo que não vejo alguém comer melão com presunto! Tem pratos que fazem um enorme sucesso e, depois, desaparecem...

Era verdade, e o ajudei a lembrar:

— *Chutney* de manga, espaguete ao *doppio burro*...

— Até galinha à cabidela desapareceu. Estamos nos tempos de *petit gateau* e *cheese cake*... Vamos ver até vai esse reinado! Mas o café está bom?

— Maravilhoso! — respondi com sinceridade. Estava maravilhoso mesmo.

— É um problema terrível no nosso país. Esse café é brasileiro, mas só vim a conhecê-lo aqui no Chile. Em todos os lugares civilizados que conheço, e, depois desse hotel, passei a viajar muito para aprender, eles guardam o melhor de si para a população e exportam o restante. No Brasil, é o contrário: oferece-se ao povo o que é pior e vende-se o melhor, não deixando o próprio povo desfrutar do que é bom da terra!

Tive de concordar. Pedi licença para me levantar e pegar marraquetas, ovos e salsichas. Quando retornei, o bom baiano tinha se afastado para acalmar a família, pois estavam se mostrando irritados com o garoto e o neto que, frustrado em não ter a atenção do tio, tinha começado a chorar. Eles estavam se levantando e o proprietário estava os ajudando a recolherem os paramentos do bebê.

Comecei a comer, com o café renovado na xícara por um belo bule prateado, e o baiano voltou. Me deparei estar sozinho no salão e o gerente, olhando para um lado e para o outro, sentou-se à minha mesa e perguntou rapidamente:

— Vosmecê é policial?

Ri da pergunta, e ele mesmo concluiu:

— Não é policial. Deve ser jornalista! Nenhum tira ri quando é descoberto. Na verdade, não conheço nenhum tira que

apreceia melão com jamón serrano! Então, é um observador dos bons!

— Por que diz isso? — estava me divertindo e não consegui deixar de sorrir com a pergunta.

— Eu sou observador também! E vi que o senhor conseguiu fazer um apanhado de todos aqui presentes sem levantar nenhuma suspeita! Ninguém aqui percebeu o que o senhor já viu, da malcriação do garoto à deselegância das meninas. Eu vi que o senhor girou desnecessariamente para a esquerda, quando a direita seria um caminho mais curto, e, assim, conseguiu vislumbrar todo o salão! Fantástico!

— Devo premiá-lo pela sua capacidade de observar as pessoas, senhor...

— Isidoro! O trabalho de um bom garçom exige observar o cliente. Veja só: se senta um freguês e pede uma cerveja, eu sei se ofereço primeiro uma daquelas baratas para depois ir subindo a qualidade ou se ofereço uma de qualidade e depois ir baixando para as mais baratas! Percebeu?

Confesso que adorei escutar a explicação e até mesmo quis prolongá-la:

— No meu caso, como você me trataria?

Ele se mostrou mais relaxado, se mostrando ser um mestre no assunto:

— De noite, ofereceria primeiro um cabernet sauvillon e até me arriscaria um Bordeaux! Se estiver acompanhado, tenho um espumante de Champagne ótimo! Mas, no almoço, sozinho, se comer um prato à base de carnes, eu ofereceria uma cerveja belga maravilhosa, mas, se for peixe, tenho um espanhol rosé perfeito!

— Sinto muito para mim mesmo, mas você acertou em absolutamente tudo!

— O senhor transparece o que é. E isso o torna confiável! O senhor seria incapaz de ser falso, pois não sabe!

— Creio que isso é um elogio!

— Não é nem elogio nem crítica! É um fato! E estou até feliz em encontrar um igual a mim! Preciso ampliar minha prática, para melhorar meus serviços, entende?

— Não sei se eu lhe ajudaria...

— Claro que ajudaria... Se eu errar, eu perceberei só pela forma do senhor olhar! E como já percebi sua discrição, o senhor vai me ajudar! E o bordeaux vai estar na sua mesa hoje à noite. Só espero que o senhor não tenha o desplante de jantar sozinho!

Ele se levantou e fiquei rindo dentro de mim. Gosto muito de escrever sobre os comportamentos das pessoas e, logicamente, aprendi a observá-las. Mas nunca pensei em ser um especialista à altura de um detetive! Não gosto de me referir levianamente sobre alguém, fazendo fofocas, embora, como já tinha observado, forma o texto mais procurado. Não me parece ser correto. Mas falar sobre o comportamento das pessoas escondendo suas identidades há de provocar, pelo menos em mim mesmo, uma melhoria contínua de como eu mesmo devo me portar! Dizer que o ser humano é o único que observa o comportamento dos outros é falso! Animais observam um ao outro, principalmente mamíferos e aves. O ser humano, talvez, seja o único que julga os demais e seus semelhantes! Já pensei seriamente se esse não seria o nosso Pecado Original.

No salão, além de mim, só havia um garçom atento que completou minha xícara de café mais duas vezes, "para mantê-lo quente", como disse.

Depois de terminado meu maravilhoso e solitário desjejum, subi ao meu quarto para escovar os dentes. Lá, escutei uma discussão em alta voz no quarto ao lado:

— Não quero sair do quarto! Quero dormir até tarde!

— Você precisa tomar sol! É pra saúde do bebê!

— Quero abortar o bebê!

— Não diga isso! Imagine se eu quisesse matar vocês duas só por causa do traste do seu pai que nos abandonou por uma moça mais nova do que você hoje! Mulheres têm de ter coragem ante às atitudes covardes dos homens!

— Mas eu não quero ir!

— Não perguntei!

Escovei meus dentes e saí, dessa vez, sem meu casaco. Quis sentir um pouco o frio chileno na pele.

Juntamente comigo, saíram a mãe abandonada e as duas filhas. A mais velha, emburrada, ficou pisando duro, sem querer falar com ninguém. Vestia-se toda de preto com chinelos gritantemente brancos contrastando com tudo: das unhas dos pés aos cabelos, incluindo a roupa, o batom e as unhas das mãos. A mãe estava com discreta elegância, sem mais a camisola sob o robe, agora com uma calça jeans, chinelos de couro e uma camiseta de algodão sob um colete feito de crochê. A caçula, também de cara amarrada, vestia uma regata, deixando o umbigo de fora, mas com um exageradamente grosso casaco de lã aberto na frente. Ainda, estava com um short minúsculo e uma sandália de borracha de cor bege que daria a impressão, de longe, estar descalça. Não era uma roupa adequada para a temperatura que fazia e nem, sejamos francos, para o local. Antes, sem o casaco, a usasse numa praia! Me recordo de uma colega que dizia, maldosamente, que periguetes não sentiam frio. Estava, portanto, diante de uma periguete, aborrecida, com a mãe. Essa, entretanto, fez um esforço para se mostrar simpática, na tentativa de superar a discussão que tivera com a filha mais velha. Percebera que eu tinha escutado e tentava remediar a situação:

— *Buenos dias, señor*!

— *Buenos dias*! Mas pode falar em português, que eu também sou brasileiro!

— Oh, é? O senhor está também passando as férias?

— Nunca estou de férias e nunca, também, estou a trabalho! Sou um jornalista!

— Ora, que interessante... Meu nome é Heloísa. Essa é a minha raspa de tacho, Perpétua...

Perpétua! Isso lá é nome para se dar a uma adolescente? Pela expressão que a menina fez, descobri o porquê dela se mostrar mal humorada.

— A que saiu, o senhor me desculpe seus modos, é a Ofélia! É a do meio. Tenho um rapaz, um filho mais velho, mas ele se casou e sumiu de nossas vidas!

— É sempre assim! — tentei ser simpático. — Quando criam asas, voam longe.

Ela riu. A menina esboçou também um sorriso, enquanto eu tentava imaginar que nome teria o filho dela, a partir do seu gosto.

O sotaque era do interior paulista, e até me arriscaria dizer que eram de Araraquara! Eu adoro ouvir os sotaques diferentes que o Brasil oferece ao seu povo!

— O senhor me dá licença?

— Sim, perfeitamente! Estou descendo, também!

Juntos, entramos para o corredor que nos conduzia para a escada interna que saía ante à recepção. Ela foi ao salão de jogos ter com Ofélia e eu me dirigi aos caramanchões do jardim. Encontrei uma mesa simpática e lá me sentei. O mesmo garçom que servira meu café já estava lá, ajudando no serviço externo. Nas mesas, estavam os dois casais. O recém-casado e os velhos, que se sentavam de maneira ver as montanhas de picos nevados. Me sentei mais perto deles.

Eles tinham tomado o café lá fora, como constatei mais tarde. Essa opção custa um pequeno extra que senti que valeria a pena pagar. Amanhã, faria isso. Acabei não fazendo, como veremos depois.

— O senhor gostaria de tomar um café ou, quem sabe, um suco de laranja? — perguntou o garçom, querendo aprender, como seu chefe, a adivinhar o que os clientes queriam.

— Teriam chá gelado?

— Sim... O senhor quer puro, com limão ou com folhas de menta!

— Não vê, Afonso? Com folhas de menta, lógico! — falou Isidoro, chegando de surpresa.

Ri. Era isso mesmo!

— Treinando seus rapazes?

— Esse é meu filho. Tenho de treiná-lo mais que os outros!

Isidoro chegou discretamente mais perto e falou:

— Veja os Andes! Estamos exatamente sobre eles, na parte mais baixa, ao leste. Mas já estamos a quase dois mil metros de altura, e tem vários mil metros a subirmos. Amanhã, teremos uma excursão para lá na região nevada. Ofereceremos um festival de fondue lá. Está interessado?

— Sim, quero ir!

— Bom, aí vem a pior parte! São quinhentos reais a viagem, a ser pago na fatura do hotel!

— Continuo interessado!

— Perfeito! E, hoje à noite, se o senhor é chegado a um arrasta-pé, o que já vi que não é, mas não custa falar, vai ter uma noite dançante. Vai ter valsa, bolero e foxtrote! Como antigamente! Ou o senhor fica no quarto, ou tira uma dama pra dançar, já que tem mais mulher que homem aqui hospedado!

Achei graça na observação. Isidoro já foi oferecer o serviço para os demais hóspedes, enquanto chegava meu chá gelado.

Fiquei, em seguida, com o olhar perdido no casal de velhos. Tão agarrados... Não soltavam as mãos. Seus olhos ficavam sempre olhando as montanhas e, poucas vezes, um ou outro quebravam o silêncio para falar alguma coisa baixinho e carregada de carinho. Creio que, da mesma maneira que eles não tiravam os olhos das montanhas, eu não tiraria os olhos deles. Acho que via neles a mesma coisa que eles viam nos Andes. Pelo menos, numa

comparação mais grotesca, todas as cabeças estavam cobertas de branco.

Até ver o menino do celular. Com a cara também fechada, procurava um lugar com sinal, sem êxito. E sua atenção foi desviada. Procurei ver o que era e vi que eram as duas lésbicas que queriam falar com ele. Estavam numa elegância de dar gosto. Perfeitas para o ambiente que o hotel oferecia.

Tentavam falar alguma coisa com o garoto, mas nem elas sabiam falar o português como ele nada entendia de castelhano. Me levantei para me aproximar deles e me dirigi a elas:

— Com licença! Posso ajudar em algo?

— Ah, sim, por favor! Ele está buscando sinal de celular e, aqui, certamente, não vai encontrar. Mas achamos um lugar perfeito a cerca de um quilômetro daqui. O sinal é até forte! Se ele seguir essa trilha de onde estávamos vindo, sem sair do hotel, subirá um pequeno morro, com cerca de dez metros de altura... Ele nem sai da trilha. Ali no topo, vai encontrar um bom sinal!

Traduzi ao menino que ficou empolgado e, se esquecendo de agradecer, saiu correndo pelo caminho amostrado.

— Acho que ele realmente se empolgou! — falei e elas riram.

— Estou tomando um chá gelado. As senhoras me acompanham?

— Senhoritas, não estamos casadas ainda!

— Então... Me acompanham? Sem compromisso, claro, a não ser o de conversar!

— Apreciamos uma conversa com um homem culto! O senhor é escritor?

— Isidoro já passou minha ficha!

Elas riram e me acompanharam à mesa. Pedi para renovar meu copo e mais dois. Um igual ao meu e o outro com uma fatia de pêssego.

— Me chamo Lupe e essa é Pia. Sou Engenheira de Telecomunicações e Pia é doutora em Física Quântica!

Outra Lupe em minha vida! Mas resolvi fazer uma troça:

— Conseguiu ser física quântica sem ir ao manicômio?

Pia riu:

— Sim, foi uma vitória!

— O senhor parece ser um entendido...

— Sim, na verdade, sou engenheiro, mas pratico também o jornalismo e a escrita de livros, e sou mais conhecido nesses ramos!

Me admirei. Raramente falo de mim. Mas as duas eram muito simpáticas e eu queria realmente conversar com elas.

— É uma pena que homens como o senhor sejam poucos. Infelizmente, a educação latino-americana é mais favorável à formação de homens físicos que intelectuais. Imagine, nós não éramos ligadas a garotas, antes! Tanto eu como ela tivemos namorados e eles eram contrários a nós nos diplomarmos. Pia é professora em Santiago e eu sou Engenheira-Chefe de uma multinacional alemã e vou galgar ao cargo de Diretora. Poucos homens têm nosso preparo intelectual, ou, pelo menos, almejam a isso! Os das nossas vidas eram uns frustrados que, como não tinham o nosso nível acadêmico, resolveram mostrar suas superioridades à força. Eu, no dia que recebi minha promoção atual, levei um tapa do meu namorado, como se ele quisesse mostrar quem mandava entre nós. E pra Pia, foi pior! Quando ela deu a primeira aula para uma sala de mestrandos em Física em São Paulo, o namorado dela mostrou aos alunos sua foto inteiramente nua, o que seria só uma coisa íntima.

Pia abaixara a cabeça e minha reação foi de revolta. Elas estavam me ganhando, fazendo que eu mostrasse reações que eu não gosto de exibir a quem esteja conhecendo no primeiro dia.

— E, nas escolas que vocês frequentavam, não havia ninguém... Nenhum homem interessante?

— Todos já comprometidos! Homens com nível acadêmico avançado são como os morangos mais bonitos expostos. São logo apanhados. E, nós mulheres, somos mais espertas que vocês. Pegamos quem queremos com facilidade, mas a dificuldade é essa... Quem queremos... Já os homens com boa formação acadêmica não se importam em pegar mulheres burras, ou, melhor dizendo, que se mostram burras. Na verdade, somos espertas suficientes para fazer os homens pensarem que eles nos dominam...

— Mas quando dominam mesmo, eles devem ser descartados...

Foi a vez de Pia falar:

— Há de se ver que melhor domínio tem aquele que encontra quem quer ser dominado. Não falo em domínio total, como uma escravidão, mas sim, daquele maravilhoso domínio sentimental, afetivo, que todos, homens e mulheres, desejam. Isso só dá certo se ambos quiserem ser dominados e encontrarem a pessoa certa que possa nos dominar. Um domínio diferente, como o do Flautista de Hamelin... Um encanto... Nem sei se domínio seria a palavra certa...

— Estamos confrontando domínio e entrega voluntária — falei. — Uma submissão voluntária...

— Sim... De ambas partes! — completou Lupe. — De qualquer forma, também concordamos que os homens, acadêmicos ou não, são pessoas de assuntos chatos, monótonos, aborrecidos... Em suma, maçantes! Os gays e as mulheres cultas são as mais interessantes para formarem uma boa companhia!

— Bem... — continuou Pia. — Um dia, nos encontramos num simpósio e, na nossa história em comum, acabamos nos juntando! Vamos nos casar na Inglaterra, em breve!

— E a culpa é nossa — concluí. — Os homens, na sua prepotência e ignorância, acabaram perdendo duas mulheres extraordinárias!

Elas riram. Pia perguntou:

— E o senhor, por acaso é *gay*?

— Não... Não sou...

— Desculpe a observação, mas o senhor é um escritor, solitário, com bons assuntos... Não está dentro do estereótipo de um homem como muitos imaginam, não é certo?

— As senhoritas estão sendo machistas, observando assim...

Elas riram de novo. Lupe inquiriu:

— Contamos nossa história. E qual é a sua?

Não gosto de contar a minha história. Não por algum motivo de discrição, mas ela seria chata demais e causaria tédio em quem escutasse. Um assunto realmente masculino. Preferi disfarçar:

— Como eu disse, sou jornalista, escritor e, como vocês, sou também engenheiro. Por gostar das letras, estou viajando para buscar inspiração para um novo livro.

— E o senhor se sustenta com livros?

— Isso é raro! — completou Pia.

— Não! Eu ganho meu salário, e isso é o que realmente me sustenta. Como posso trabalhar fora do escritório, aproveito e viajo atrás de inspiração. E estou de licença como Engenheiro, mas, quando voltar a trabalhar, terei o meu nível salarial de volta.

— Nós o inspiramos? — perguntou Lupe.

— Sim... A história de vocês realmente me trouxe uma luz para o que tenho a escrever em seguida... A resposta feminina à arrogância masculina! Mesmo sendo homem, e não sou *gay*, gostei da reação de vocês duas!

— Ainda bem que não nos conhecemos antes! Nós não estaríamos noivas!

Todos rimos. Espero que elas não tenham reparado eu ter ficado um pouco ruborizado.

Tomamos o chá sob o clima fresco e falas amenas. Quem se acha civilizado deveria se dar ao luxo de ter conversas soltas com

pessoas cultas de vez em quando, tomando chá ou café, ou, quem sabe, um bom vinho. Me senti relaxado como não tenho sentido há mais de ano. As moças eram muito simpáticas e tinham um vasto conhecimento cultural, embora com gostos que não estavam de acordo. Por exemplo, aprecio muito as pinturas clássicas e, das mais modernas, adoro Monet e Toulouse-Lautrec. Pilar já gosta de Miró enquanto Lupe prefere Picasso acima de qualquer outro pintor. O único no gosto comum de nós três era Salvador Dalí. Quanto às músicas, a diferença de nossos gostos era abissal. Eu prefiro a música erudita e um pouco de música popular e rock. Elas adoram música de rave, com aquelas atordoantes batidas infinitas e, para quem não dança, até monótonas. Vivem loucas para dançar e tomam drogas. A única droga que já tomei foi um uísque falsificado num bar no Rio Grande do Sul. Tão ruim que até esqueci o sabor do galeto que comi nas serras gaúchas. Tenho de voltar para lá, de novo, para provar, mas com uma boa cerveja...

Finalmente, elas se levantaram. Hoje era dia de baile e elas perguntaram se eu não lhes faria um par, alegando que uma das poucas coisas que um homem se presta era ser companhia para uma dança romântica. Não sei dançar bem, mas, machismos à parte, as diferenças biológicas entre homens e mulheres berra que recusar um convite para dançar por parte de uma bela moça é quase tão ruim, talvez até pior, que uma declaração de guerra.

Elas saíram rindo e, ao que me parece, satisfeitas. Já eu, estava realmente contente pela boa companhia. Deveria ir com elas para também me aprontar para o almoço, porém fiquei mais algum tempo pensando. A história delas me pareceu boa. Talvez corriqueira demais: quantas mulheres se juntaram a outras por causa de maus tratos masculinos? Creio que muitas, mas, sinceramente, não leio muitos relatos, romances ou biografias tratando desse respeito.

Desse pensamento, passei para outros e outros. Não queria sair dali. Até me distrair, ao escutar um tumulto. O garoto que tinha ido atrás do sinal do celular tinha se machucado e soltara um grito de dor. O grito veio de longe, mas deu para escutar. Havia, ali perto, um empregado que estava se dedicando a cuidar do casal de velhos

que sentavam juntos, um ao lado do outro, colados, olhando para as montanhas. Ele pediu licença e saiu correndo para socorrer o menino.

Colei meus olhos no casal. Senti que, com a ausência do empregado, eles poderiam precisar de alguma ajuda, e a única pessoa ali era eu.

E não deu em outra. A velha senhora quis se levantar e seu par quis ajudar. Porém, era evidente que ele era mais velho que ela. Corri e me apresentei.

— Bom dia, os senhores são chilenos ou brasileiros? — perguntei em castelhano.

A velha deu um sorriso e respondeu:

— Nem um nem outro! Somos cachoeirenses!

Pelo que eu saiba, cachoeirense é quem nasce em Cachoeiro de Itapemirim, a maior cidade do sul do estado do Espírito Santo. Uma cidade que sabe ser quente no verão e fria no inverno. Arrisquei:

— São do Espírito Santo!

— Não! — falou o velho com pose. — Cachoeiro faz limite com o Espírito Santo por todos os lados. Somos cachoeirenses e ponto final!

Dei um sorriso. Já tinha lido que o grande cronista Rubem Braga, natural de lá, dissera numa feita que só existiam duas cidades no mundo que valiam a pena viver: Cachoeiro de Itapemirim e Paris. E olha que ele foi o autor de "Ai de Ti, Copacabana"! Mas não é que seus patrícios comentavam sobre que raio de coisa boa Rubem Braga tinha visto em Paris?

— Bom... Posso ajudar em alguma coisa?

— É... Já passamos da data de garantia e as peças não funcionam mais!

Não deixei de rir. Ajudei a senhora a se levantar, usando a maior delicadeza possível! Me deixei ficar impressionado o quão leve ela era. Fiquei com medo de quebrar qualquer osso daquela

anciã, pois me parecia estar mexendo com algo mais frágil que porcelana.

Segurei também os braços do velho senhor e depois os conduzi ao restaurante. Pelo que percebi, eles poderiam até almoçar lá, ao ar livre, mesmo! Mas concordei com os dois quando disseram que precisavam se mexer um pouco para o almoço, senão eles ficariam sempre parados, o que lhes seria um tanto aborrecido.

Lentamente, chegamos ao restaurante. No caminho, conversamos muito. Eles, de um casal quieto, sempre num namoro silencioso e eterno, se mostraram bem conversadores. Ele tinha ficado rico com o negócio de mármore e ela também, vinda de uma família que se enriquecera no café. Hoje, eles não tinham mais empresas. Entregaram tudo e estavam vivendo das rendas dos quinhões de sociedade aos quais eles faziam jus. Como não tinham a quem dividir, gastavam em viagens. Mas aquele hotel acabou se tornando a residência que eles mais frequentavam. Não tinham mais casa: só aquele hotel, num apartamento que já era cativo só para eles.

Acomodei-os à mesa com a ajuda de um garçom. Queria subir antes de almoçar, mas eles tinham insistido que me sentasse com eles, e acabei cedendo. Fazer o quê?

Sentei frente a eles e quis saber da história de suas vidas. E eles não se fizeram de rogado. O nome do velho era João Carlos Frechiani e o dela, Maria Lúcia Tintori Frechiani. Eram casados há quase oitenta anos! Me impressionei com isso: eles tinham mais tempo de casados que a maioria da população brasileira tinha de vida! Já viajaram pelo mundo todo: conheciam toda a Europa, e, aí, não se diria Paris ou Londres, mas sim, Inverness, na Escócia, Mägede, na Estônia e até Zvolen, na Eslováquia. Na América do Norte, passaram temporadas em Kissimmee, perto da Disney World, em Swan River, no Canadá, e em Barrow, no norte do Alasca, que, pelo mapa, verifiquei que o final do planeta deveria ser por ali por perto!

Já foram a Ushuaia, no sul da Argentina, Perth, na Austrália e em Hobart, na Tasmânia. Sem contar com África, China e Índia, em cidades cujos nomes não consegui, sinceramente, decorar, mas que marcaram a vida do casal com alegria.

O almoço veio. Para o ancião, foi servido um prato de trutas grelhadas, sem molho de manteiga, com batatas e cenouras cozidas, acompanhado por uma taça de um vinho branco que eu desconhecia. Já, para ela, veio uma salada de uma mistura de folhas verdes com molho de queijo gorgonzola e lascas de filé de salmão defumado. Bom, sou mais jovem e pedi mesmo um bife de chorizo com batatas assadas. Ela bebeu somente água mineral e eu fiquei com uma garrafa de vinho tinto. Não tinha nada a fazer à tarde e pretendi dormir, podendo, então, beber à vontade.

Verificando as outras mesas, reparei rapidamente que a mãe da menina que queria abortar estava lá, com as duas filhas, num silêncio sepulcral. A mais velha se recusava a pôr a boca na comida, enquanto a mais nova, Perpétua, reclamava de que não iria comer nada do que ali era oferecido, querendo apenas uma porção de batatas fritas. As duas lésbicas tinham terminado o almoço — aparentemente, Pia comeu a mesma coisa que a velha senhora, enquanto Lupe ficara com um ravióli ao molho branco. Ambas tomaram uma taça de vinho italiano também branco.

Os recém casados dividiam uma salada César e um frango à cubana e a família do menino que fora atrás de sinal de celular já estavam comendo: os patriarcas, o filho mais velho com a nora e o neto, mas sem o jovem adolescente. Ao que parecia, eles estavam preocupados, mas não podiam deixar de comer.

Finalmente, o menino veio. Estava descalço, carregando uma das sandálias às mãos. Vinha apoiado pelo empregado do hotel, mancando e com um dos pés visivelmente inchado. Foi levado à mesa da sua família e todos se mostraram aliviados. O bebê quis chamar a atenção do tio, mas ele não deu a mínima importância. Limitou-se a falar:

— Caí e torci o tornozelo!

O pai falou pausadamente, sem se alterar, mas, devido ao silêncio que se instaurara no restaurante, todos conseguiram escutar:

— Já lhe disse que, se for andar lá fora, trate de se calçar. Aonde está o outro chinelo?

— Arrebentou! Ficou preso numa raiz e foi assim que caí!

— Perfeito! A excursão amanhã será bem sofrida pra você!

— P(*)! Eu não preciso ir!

— Depois, a gente fala sobre o seu linguajar!

Voltei a minha atenção ao casal de velhos. Ele falou:

— Jovens! Não importa a época. São todos iguais. Nossos filhos são bem mais velhos que o pai do menino e, quando eles eram novos, tratavam a gente da mesma maneira!

Eu sorri e respondi no intuito de escutar um pouco mais da vida deles:

— Meus pais eram mais rigorosos!

— Não... Não eram seus pais! A vida antes era um amontoado de regras sociais que faziam que todos se sentissem bem com conversas agradáveis, posturas corretas e na forma de se vestir. Na nossa época, tínhamos de estar convenientemente vestidos às mesas, principalmente em restaurantes bem arrumados, chiques, como esse! Veja, todos deveriam estar vestidos à altura do restaurante. Não com excesso de formalismo, mas com um mínimo de apresentação. Aquelas moças, por exemplo, tomam café da manhã de camisolas, com algo que elas devem chamar de robe por cima. A menina põe os dois pés para cima. O rapazinho, ali... Todo imundo! Não... Não os condeno nem julgo. É a maneira de ser hoje, em que a sociedade não exige posturas!

Foi a vez de D.ª Maria Lúcia falar:

— Hoje, falando da nossa forma de falar, de se apresentar e de se referir aos pais, quem escuta há de pensar que nos referimos a uma vida chata, uma moda que não tem mais lugar na vida de hoje. Não

discordamos disso, mas há de se ver que, naquela época, esse tipo de comportamento induzia a todos a se educarem constantemente, respeitando o próximo. Assim, havia mais noção de ética, de respeito e, embora muitos hão de discutir, havia mais cultura, conhecimento e se dava valor mais às comunidades, às pátrias e, principalmente aos meninos e meninas, ao futuro!

Sorri e provoquei mais ainda:

— Mas creio que, naquela época, o futuro das mulheres era casar e ser dona de casa!

— Houve esse modismo, sim!

— Apoiado pelos homens! — completou seu João Carlos. — Como hoje existe um neoliberalismo que virou regra por ter apoio de quem tem dinheiro, os homens apoiaram a diminuição das mulheres, a redução dos seus verdadeiros valores, por ser melhor para eles!

— Sim, e algumas mulheres até acreditaram nisso! O máximo que se esperava de uma mulher era que ela fosse professora! Delas, só se esperava, pelo menos, a mais nobre das profissões!

— É! — concordei, escutando tudo com imenso prazer. — Antigamente, não havia médicas, advogadas e engenheiras! Em medicina, o máximo que elas podiam almejar era serem enfermeiras!

— Sim, foi o que conseguimos derrubar! Veja que lindo! As mulheres venceram a mais linda das batalhas! O jovem ganhou uma batalha, também: ele passou a ser ouvido! Ele ganhou o direito de escolha!

O velho completou:

— Tudo evoluiu! Mas, dessa evolução, sair um comportamento sem postura e sem ética? A consequência dessa evolução foi um retrocesso! Parece que se buscou uma coisa errada para equilibrar o avanço correto que foi conquistado!

— E teria postura algo a ver com ética? — questionei.

— Postura é quase ética. Pense bem! Postura é como você se comporta diante uma sociedade. Ética é como você é diante da sociedade. Se as coisas não andam juntas, algo está errado!

Foi a vez da senhora completar:

— Postura sem ética mostra desequilíbrio pessoal ou, pior, hipocrisia! Uma coisa ou outra!

Essas palavras ecoaram na minha cabeça por um bom tempo!

Terminado o almoço, fui ao meu quarto, que já tinha sido arrumado pelas eficientes camareiras, e me deixei dormir. Estava com meu sono atrasado há dias, pelas viagens que tenho me empreendido. E, diante aquele enorme conforto, dormir foi uma bênção. O gosto da torta de chocolate e do café equatoriano na boca me ajudaram a sonhar acordado até sonhar de verdade, entregue a um delicioso mundo de paz de espírito.

Fui acordado por uma batida tímida na porta. Olhei para o relógio: eram pouco mais de quatro horas da tarde! Como dormi! Apaguei de fato.

Imaginei que fosse alguém do hotel querendo alguma coisa! Verifiquei que tinha dormido com sapatos e tudo. Realmente estava cansado e, agora, me sentia animado! Um outro homem.

— Espere um pouco! — falei.

Arrumei meus cabelos com as mãos mesmo e fui à porta, abrindo-a vagarosamente.

Não era ninguém do hotel. Era a minha vizinha de quarto, a filha mais velha, a que estava grávida.

— Posso entrar? — ela pediu.

— Poder, bem que pode. Não sei se deve! Eu estou sozinho e, pelo que vejo, você também!

— Por favor, eu preciso!

— Sua mãe sabe que você está aqui?

— Eu só quero que ela vá à m(*)!

Suspirei. Não sei o que é pior no comportamento: criança que pensa que é adolescente ou adulto que pensa que é adolescente. Adolescentes são criaturas agradáveis por serem previsíveis e, com bons ou maus argumentos, se sentem dispostos a discutir civilizadamente seus pontos de vista, por mais polêmicos e sem sentido que muitas vezes aparentam, entretanto, demonstrando que têm alguma razão. O mesmo não se pode dizer de quem não é ou de quem já foi.

— Bom... Creio que você pode entrar.

Ela entrou. Sem cerimônia alguma, encostou a porta, tirou os chinelos e deitou na minha cama. Deduziu:

— Você estava dormindo?

— Sim! Estava necessitado!

Sentei numa poltrona diante da cama, onde eu lia antes de dormir, à noite. Ela ficou me encarando.

Um silêncio constrangedor se firmou entre nós. Tive de quebrá-lo:

— O que eu posso fazer por você?

— Nada! Só vim aqui me divertir um pouco!

Fiz-me de desentendido.

— Eu não sou uma pessoa engraçada.

Ela acabou rindo. E perguntou:

— Você é v(*)?

— Não, não sou... — não me ofendi, mas também não gostei da forma como ela fez a pergunta.

— Mas você está sozinho! Por que não se diverte comigo?

— Não sei... Me diga, qual é a sua idade?

— Ah, vá pra p(*) que o p(*)!

— Está bem, mas qual é a sua idade?

— Dezenove, p(*)! Por que?

— Você é muito nova para mim, não percebe?

— Gosto de coroas! Eu não sou uma menina fresquinha pra você? Não gosta? Ou você não gosta de mulheres? Você é v(*) por acaso? — insistiu.

Não respondi de imediato. Certas pessoas dão quaisquer respostas pensando que estão com razões imbatíveis e se julgam vencedores de debates. Convencem a si mesmos imaginando que convencem também a gente! É difícil dar a cegos dessa natureza a luz de qualquer razão.

Finalmente, falei:

— Não... Eu não sou homossexual, como já falei e se é isso que você está se referindo. Eu sou apenas uma pessoa que aprendeu a controlar os impulsos. Evito xingar palavrões e ter sexo de uma forma que venha a me arrepender mais tarde. Na verdade, preferia até saber o porquê de você querer um relacionamento íntimo logo comigo!

— Ah... Deu na cabeça, sei lá!

— O que foi que deu na sua cabeça?

— Ah, vontade de transar, querer mandar minha mãe à m(*), qualquer coisa assim!

— Por que quer me usar contra a sua mãe?

— Porque ela é muito chata... Inconveniente!

Eu estava usando uma técnica usada no jornalismo investigativo: o método dos cinco porquês. Uma das respostas deveria ser a causa dorsal do problema. Prossegui:

— Ela é chata? Interessante... Não achava que ela fosse chata. Por que ela é assim?

Ah, sim, no jornalismo investigativo, hipocrisia faz parte do jogo.

— Ah, ela está furiosa comigo porque transei com o namorado dela... Com o noivo dela... Ele ia ser meu padrasto e caíra no gosto da Perpétua, no da mamãe e no meu também... Só que me interessei nele de outra maneira e ele gostou de mim também. Quando começamos a transar, eu já era grande. Tinha mais de dezesseis anos...

Quis interromper: dezesseis anos? Grande o suficiente para seduzir ou, mais provavelmente, se deixar seduzir pelo futuro padrasto? Fiquei chocado, mas não demonstrei. Ela prosseguiu:

— ...E a gente curtiu muito por bastante tempo! Mamãe pensava que ali teria um futuro pai para uma filha amorosa, mas, na verdade, fizemos de tudo o que você pode imaginar em matéria de sexo!

— E você se engravidou dele?

— Foi bobeira minha, e mamãe me fez contar... Quando descobriu, desmarcou o casamento e colocou o safado pra fora! Ela é tão incoerente... Não quer que eu aborte!

Por um momento, perguntei a mim mesmo por que essas histórias vêm sempre para mim. O que é que eu tenho para atrair esse tipo de situação? Observar é uma coisa boa. Escutar histórias é ótimo, dão as delícias da minha profissão! Mas isso era diferente! Tratava-se de alguém jogando seus problemas para mim, como se eu fosse um psicólogo ou querendo dividir a carga do sentimento de culpa! Isso é coisa para profissionais adequados!

— Pois, menina, vou lhe dizer uma coisa, e uma vez só... Portanto, não insista o contrário. Eu não quero transar com você. Não vim ao hotel com vontade de transar, e sim, dormir e arejar minha cabeça. Eu peço, por favor, que saia do meu quarto e só volte aqui com sua mãe!

— E você é algum professor, por acaso?

— Sim! — respondi laconicamente, me levantando e abrindo a porta. Em seguida, completei:

— Preciso incrementar minha renda!

Ela fez um ar de deboche. E falou, para me provocar:

— Sim, você é um v(*) enrustido. Por isso, você fica de bem com aquelas duas sapatonas!

E se levantou, calçando os chinelos. Caminhou rebolando um pouco e, ao ficar diante de mim, me atacou com um beijo na boca. Fiquei sem ação e, quando ela saiu, falou com um sorriso malicioso:

— Hum... Pode ser enrustido, mas acho que você ainda tem cura... Espere e verá o que farei com você!

E, para meu alívio, foi embora.

Fechei a porta atrás dela. Creio que até bati com força, de tanta raiva que estava. Raiva da situação, raiva de mim mesmo por não saber como enfrentar esse tipo de situação, raiva do deboche da menina e tudo o mais! Pulei para a cama para tentar me acalmar antes de me aprontar para o baile à noite. Fechei os olhos e fiquei só meditando: "Calma... calma...".

A porta bateu de novo. Era hoje!

Voltei a pensar "Calma... calma..." antes de atendê-la. Deu certo. Quando bateram de novo, eu já estava outro homem. Isso funciona!

Abri. Era a mãe da garota:

— Boa tarde...

— Boa tarde!

— Minha filha esteve aqui, não foi?

Engoli em seco e respondi:

— Sim, esteve!

— Posso entrar para conversar em particular com o senhor?

Nesse instante, imaginei todas as pragas, maldições, ameaças e agressões verbais do mundo sendo despejados sobre a

minha pessoa. Mas me mostrei sereno, talvez, um pouco cínico e debochado, como fico normalmente quando finjo um sentimento diferente do que está dentro de mim.

— Por favor, esteja à vontade!

Dessa vez, fui em quem encostou a porta assim que ela entrou. Ela voltou a usar o robe sobre a camisola e calçava horrorosos chinelos de dedo. Confesso que se uma garota quiser me seduzir, esse não seria o calçado mais adequado.

Ela fez exatamente como a filha. Sentou-se na cama e me perguntou:

— Sem rodeios, o senhor transou com ela?

— Não senhora!

— Não senhora seria uma mentira ou o senhor realmente não transou com minha filha?

— Não! Eu não quis! Ela não faz meu tipo, é uma garota nova e, com respeito, bem atrevida!

Ela vasculhou a cama com os olhos, procurando alguma prova que me incriminasse e sequer viu alguma desarrumação reveladora no leito, ou mesmo uma mancha suspeita.

— O senhor, pelo que parece, não transou mesmo. O senhor é *gay*?

— Por que teria de ser homossexual para não transar com sua filha?

— E comigo, o senhor transaria?

Bom... Parecia que as coisas estavam ficando claras para mim. A menina, ao que parece, teve a quem puxar. Mas, quando falei que não tinha vindo ao hotel para outra coisa, senão descansar, estava falando sério:

— A senhora está me provocando? Não é só as mulheres que ficam alguns dias sem disposição. Nós, homens, também! No meu caso, eu não tenho medo do que pensam sobre a minha

masculinidade e não vim aqui para ter amor ou sexo com ninguém, só vim para descansar... dormir sozinho! O que a senhora realmente está querendo?

Começou a chorar. Sem me mover, pois a contemplava como uma pessoa prevenida contempla uma cascavel, esperei até ela se recompor.

Com um suspiro, falou:

— Minha filha é minha maior inimiga!

Me mantive calado.

— Ela nunca me perdoou por não ter tido um pai! Sabe, sou de uma geração em que o amor era livre! Fui numa daquelas festas de que ninguém era de ninguém... Rolava muita droga e eu até hoje gosto de me arriscar a uma cheiradinha... Mais discretamente, porque tinha filhas. Naquela noite, eu não sei com quantos rapazes e moças eu transei! Acordei nua, no meio de um monte de rapazes e moças da minha idade, nus como eu! Estava com dor de cabeça, pois tinha cheirado tanta cocaína que nem sabia dizer com quem eu me diverti! Só sei que foi ali que me engravidei e não tenho a mínima ideia de quem!

Continuei calado, firmando-a com os olhos. Não a condenava, pois essa não é a minha forma de ver as pessoas, mas ela, ao que parece, sentia que eu a julgava e tentava se defender. Porém, quanto mais se defendia, mais fundo seu poço ficava:

— Sabe, eu era uma moça muito independente. Ganhava bem como modelo de revistas pornográficas e como acompanhante de luxo de turistas ricos. Fiz meu dinheiro! Mas foi nessa festa que me engravidei da Ofélia. Tive de passar a ser mais discreta, principalmente porque não queria ver minha filha menor de idade envolvida nesse mundo!

— Mas a verdade veio à tona...

— Sim! No colégio, a chamavam de filha da p(*), e eu dizia para não dar importância a isso! Até que eu fui escorraçada da casa

da mãe de uma colega porque os pais dela confundiram a minha profissão de modelo com a de uma p(*) mesmo! E lhe mostraram o que eu sempre quis evitar: uma revista mostrando meu desempenho artístico com dois homens!

Eu permaneci calado, não como um gesto de sabedoria bem aplicada, mas por ignorância mesmo! Eu simplesmente não sabia o que dizer. Sim, ela não era somente um modelo pornográfico, mas era acompanhante de turistas ricos que, certamente, não queriam somente ficar na exibição de sua beleza! Ela prosseguiu:

— Então, minha filha veio e disse que agora sabia da verdade: que ela era uma filha da p(*) mesmo! O que o senhor faria na minha posição?

— Creio não saber. Há da senhora convir de que eu jamais ficaria na sua posição...

— O senhor deveria ser sábio o bastante em saber que não se deve dizer que "dessa água não beberei"!

— É, mas creio que, nesse caso, não beberei mesmo! Veja, a maior parte das vezes em que os homens cometem atitudes impensadas e irresponsáveis com uma mulher é porque eles com certeza jamais passarão pelo que as mulheres vão passar. Mas a senhora já não era tão ingênua e, pelo que a senhora me contou, saberia das consequências do que estava fazendo e tudo que fez foi deliberadamente. Ninguém a forçou a nada. Fez o que fez porque quis. Sabedora disso, ao contemplar o resultado da sua aventura, a senhora teria arranjado tempo para imaginar o que falar com sua filha. A senhora não sentiu alguma felicidade naquele momento de prazer para que sua filha tivesse referência?

Ela enxugou as lágrimas e falou entre rindo e chorando:

— O senhor não entende a vida de uma modelo!

— Sim, realmente não entendo. E sabe, nem quero entender! Vi muita coisa nessa vida e passei longe daquilo que julgava ser uma armadilha que não me levasse a lugar algum. Muitas vezes a gente pensa que está se encaminhando para um lugar e descobre

simplesmente que está andando em círculos ou numa espiral que vai se apertando cada vez mais, em vez de estar expandindo para fora. Quando se percebe isso, é a hora de cair fora!

— Eu já caí fora disso! Hoje, sou uma agenciadora!

— De modelos?

— Sim, é o que entendo!

Percebi. Não quis continuar. Ela agora levava as meninas para o mesmo labirinto que ela escapara ou julga ter escapado. Fiquei em silêncio. Ambos ficamos em silêncio. Até ela decidir:

— Já percebi que estou perdendo o meu tempo com o senhor! Com licença! — e saiu do quarto aborrecida.

Respirei aliviado.

De noite, desci para o baile. Sigo uma recomendação do meu pai que dizia que, quando viajasse, levasse sempre uma muda de terno na mala. O baile exigia elegância na apresentação pessoal e procedi conforme a regra. Estava barbeado e perfumado, pronto para me sociabilizar sem a menor intenção de participar de uma aventura romântica. Estava desejoso somente de ouvir as histórias das pessoas e trocar algumas opiniões que, certamente, serão valiosas para a minha vontade crescente de aumentar meu aprendizado pessoal.

Encontrei o salão enfeitado com muitos balões de gás e uma esfera espelhada refletindo alguns projetores de luzes coloridas que alternavam as cores num padrão que só com muita atenção se repararia que era monótono e repetitivo. Entretanto, esse conjunto, mesmo sendo clichê, funcionava bem.

A minha mesa foi a das minhas amigas namoradas. Elas me receberam bem, se mostrando muito contentes com a minha presença. Essas manifestações sempre nos fazem sentir bem!

— Você é um sortudo! Vai dançar com nós duas! — falou Lupe.

Pia, de forma divertida, completou:

— Mas não pense que eu ou Lupe iremos nos trocar por você!

Eu ri e comentei:

— Sempre há alguém, e, pelo que me parece, principalmente mulheres, que pensam que só porque aparece um homem sozinho num ambiente como esse, ele está caçando, se não for *gay*!

— Mas essa é a realidade! — falou Pia. — Os homens não prestam!

— Eu também?

— Nós ainda não sabemos quais as suas reais intenções! — respondeu Lupe.

— Vou revelar minhas intenções! — falei enfaticamente. — Vim aqui para descansar. Preciso descansar meu corpo e minha cabeça. Não quero me aborrecer e fazer nada que atenda as exigências de ninguém! Somente as minhas!

— É definitivo! O senhor é gay! — e as duas riram.

Uma orquestra tocava boleros e algumas peças de jazz de Glenn Miller, numa altura que se permitia conversar civilizadamente. Veio o vinho que me prometeram e esse não decepcionou. Solicitei uma entrada de *bruscheta* e não demorou para sermos servidos. Até que Pia se animou:

— Ah, estão tocando La Barca. Vamos dançar?

Acho maravilhosa a emancipação feminina. Antigamente, nem tão antigamente assim, somente os homens é que convidavam as damas para dançar. E o risco de ser rejeitado, com todas as frustrações decorrentes, era grande. Hoje, as mulheres podem convidar à vontade e desconheço algum homem capaz de rejeitar um convite feminino.

Me levantei e ofereci a mão para Pia e começamos a dançar. Sou o pior dançarino do mundo e Pia não fica muito atrás. Mas a principal regra da dança não é exibir seu desempenho. É você se divertir, e nos divertimos muito!

Perpétua, a filha mais nova da incômoda Heloísa, dançava animada e comportadamente com o menino que havia se perdido. Esse, dançava mancando, mas se mostrava bem melhor do que eu. Apesar disso, os dois se mostravam constrangidos, parecendo que a gerência do hotel havia insistido muito para que eles dançassem pelo menos uma vez. E foi isso mesmo. Terminada a execução de La Barca, tocaram In the Mood, e eu e Pia continuamos, enquanto o jovem casal se retirara cada um para a sua mesa. Eu tinha acertado: logo, logo, veio o garçom deixando, para cada um, um escultural sundae que eles degustaram com mais satisfação do que dançaram.

Quando começaram a executar Branca, a valsa brasileira de Zequinha de Abreu, troquei para dançar com Lupe. Essa, sim, dançava maravilhosamente... Tão bem que até pensei que eu tivesse aprendido a valsar. Ela, aproveitando a melodia romântica, encostou-se no meu peito e perguntei:

— Por que você e a Pia não dançam?

— Ainda existe preconceito... É horrível ser aceita socialmente com um monte de olhares focados em você. Dançamos em casa, muito até. Tentamos ir para boates *gays*, mas esses ambientes são péssimos! O que mais encontramos lá são rapazes histéricos e mulheres falando alto para todos escutarem suas vozes grossas!

— Pelo que pesquisei, alguns desses lugares são, ao contrário, bem discretos!

— Existem sim, também soubemos. Mas não são tão conhecidos! Quando passam a ser badalados, a turma dos indiscretos invade e estraga a reputação dos homoafetivos como nosotros!

Continuamos dançando. A música mudou para o animado Mambo Número 5 que me deu uma surra. Não sei balançar tanto o corpo como Pérez Prado exigia.

Terminei suado e Lupe riu! E comentou jocosamente para meu alívio:

— O senhor não é *gay*. Uma coisa que os *gays* sabem fazer muito bem é dançar!

— Que bom que masculinidade esteja confirmada! — respondi e ela deu uma gostosa gargalhada.

A orquestra deu um descanso de vinte minutos que foram aproveitados para os pedidos. Já tínhamos comido as entradas e eu solicitei entre os primeiros pratos disponíveis um creme de aspargos. As meninas pediram abacate ao vinagrete. Como segundo prato, solicitei um supremo de frango com creme de espinafre, o mesmo pedido de Pia. Lupe pediu um peixe grelhado com amêndoas. E voltamos a conversar. O vinho acabara e pedi outra garrafa, na intenção de pôr na minha conta, e isso desagradou a Lupe:

— Por que vocês, machistas, fazem questão de pagar a conta? Pelo que conversamos, nós duas somos melhores assalariadas que você!

— Perdoem-me! — supliquei. — Sou das antigas. Aceito a mudança de muitos comportamentos no mundo, mas, como você falou, sou ainda machista, e creio que pagar o vinho a tão honradas damas é o último resquício da nossa raça ainda aceitável nesse novo universo...

As duas fizeram as caras mais românticas desse mundo. E completei:

— E se deixar engabelar pelos homens, mesmo não acreditando, é o último dos resquícios machistas entre as mulheres!

A expressão delas mudou para divertida, e riram tão alto que chamaram a atenção de todo o salão.

A orquestra retornara, tocando Siboney. Dei um sorriso e pedi licença, falando:

— Perdoem-me, mas nós, machistas, temos missões a serem cumpridas!

As duas ficaram me observando quando me levantei e caminhei em passos lentos até outras três damas abandonadas: a família de Heloísa.

— Não creio que as senhoras estejam se divertindo sem dançarem. Bem, as senhoras aceitariam meu humilde pedido para conceder a honra dessa dança?

A princípio, Heloísa e Ofélia queriam, se pudessem, me assassinar no salão. Mas minha oferta, mesmo sem jeito, não foi recusada, e Heloísa aceitou. Falei com a jovem Perpétua:

— E você, não vai querer dançar mais com seu par?

Pela primeira vez escutou a sua voz. Era rouca e suave ao mesmo tempo:

— O Diego não está a fim...

Fingi-me ofendido:

— Como podem deixar uma dama tão bela assim, desacompanhada? Vem comigo para darmos um jeito!

Ela se mostrou relutante, a princípio, mas deu uma última colherada na calda de morango do sorvete, limpou a boca com o guardanapo, e veio comigo. Fomos até à mesa onde estava a família do garoto que, por sua vez, já tinha terminado seu sundae. Me apresentei e falei:

— Senhores, é inadmissível que essa pequena dama fique sem dançar. Mas ninguém vai querer que ela dance com um caco velho como eu, os senhores não concordam?

Os pais de Diego se mostraram divertidos com a minha fala. A mãe dele até comentou:

— Mas o senhor não nos parece um caco velho. Já dançou com duas moças...

— Sim, mas para quem está na flor da idade, vamos e venhamos, esse rapaz se mostra muito mais aceitável, não é? Meu jovem, vai fugir à luta?

Ele não se mostrara nem um pouco simpático. Continuei:

— Claro que não vou lhe pagar outro sorvete, senão você será a gozação do colégio. Quando todos vêm bronzeados de uma

viagem, você vem gordo! E fugir dessa bela menina... Ora, vamos, que perigo tem?

Ele, também relutante, acabou aceitando. Quando se ergueu, roubei rapidamente uma margarida do vaso de flores que enfeitava a mesa e dei ao jovem, falando:

— Cavalheiros convidam damas oferecendo flores. Dê para ela!

Os dois, de cara fechada, acabaram rindo. Ele lhe ofertou a flor e a puxou para dançar. Agradeci à família e, num joguete cômico, me desculpei:

— Peço perdão aos senhores pela mentira!

O pai se mostrou preocupado:

— Mentira?

— Sim, disse a eles que perigo isso teria? É, na verdade, o jogo mais perigoso de todos!

Eles sorriram. E começamos todos dançando. A música mudara para Danúbio Azul, na pior execução que já escutara. Heloísa, então, vendo a filha dançar com o menino, falou:

— Creio ter julgado mal o senhor. O senhor é maravilhoso!

— Não, não sou! — respondi de pronto. — Apenas vi que a festa poderia ficar um pouco mais divertida!

A irmã e o cunhado de Diego também dançavam, deixando o bebê a cargo dos avós. E os dois jovens parecem ter gostado da dança. Quando mudou para um chá-chá-chá, eles se mostraram mais animados ainda. Heloísa dançava meio esquisito, com as duas mãos abraçadas ao meu pescoço e rebolava muito os quadris. Ela queria me provocar de alguma forma, e, ao que parece, a dança foi feita para isso mesmo. Mas eu não respondi.

Mais um intervalo, agora para o jantar que estava sendo servido nas mesas. Um aparelho de som ficou tocando umas músicas que me fizeram lembrar o tempo de espera do início

de uma seção nos cinemas antigos. Sentei com as minhas acompanhantes.

— Você é mesmo um pé de valsa! — comentou Pia.

— Por favor, digam a verdade! — implorei.

— A verdade é que você dança mal! Pior que a Pia! — encerrou Lupe, para a minha concordância.

O jantar estava maravilhoso e a sobremesa consistiu em bananas flambadas ao conhaque, servidas em chamas, acompanhadas com sorvete de pistache. Para cada um dos adultos presentes, foi servido uma taça de Lacryma Christi. Para as crianças e para Ofélia, grávida, Isidoro teve a delicadeza de oferecer bananas sem conhaque.

Antes de terminarmos a sobremesa, a orquestra retornou, tocando Tea for Two. Mas, ainda, esperei o café. Era a hora dos pais de Diego dançarem, deixando o neto no colo dos pais. Eu me ergui e convidei a inconveniente Ofélia. Ela, pelo que tudo indicava, estava a mais infeliz das criaturas, mas, com minha oferta, um sorriso que me pareceu mais de conformismo que de alegria se desenhou no rosto foi o sinal de que ela tinha aceitado meu convite.

Se eu já danço mal, imagine com uma mulher grávida. Senti que alguém riu pelas costas, mas fingi-me de que não era comigo.

— Então, topou transar com a mamãe hoje à noite? — me perguntou sem a menor cerimônia.

Quis dar um tapa no rosto dela, mas simplesmente falei:

— Tenho pena de você! Realmente pena! Não sei ainda muito da sua vida, mas garanto que nem todo homem é um canalha como vocês querem que seja, nem todos nós puxamos as mulheres para dançar com intuito de nos aproveitarmos delas. Sou velho o suficiente para ainda ser romântico e acreditar nisso, e, sabe o que mais? Há ainda muitas mulheres românticas nesse mundo! Nós jamais estaremos desprovidos de uma agradável companhia

feminina que seja culta, inteligente, sensível e que saiba conversar sobre assuntos agradáveis, sem ter de nos rebaixarmos ao que parece ser óbvio que é o relacionamento sexual inconsequente. Como eu disse, parece óbvio, mas, como você mesmo pode atestar, inconsequente, não é!

Ela parou de dançar, se mostrando furiosa. Continuei.

— Conversas cultas não são inconsequentes e nos ajudam a construir um relacionamento mais duradouro. São os alicerces da sociedade!

Ela se retirou para sua mesa, pegou suas coisas e saiu do recinto. Perpétua e Diego dançavam mais soltos, e o rapaz nem mancando estava! Eu me dirigi à mesa onde Heloísa estava sentada, impassível.

— Peço-lhe mil perdões se, por acaso, ofendi a vocês!

Ela abaixou a cabeça e respondeu:

— Eu é que lhe peço desculpas. Parece que, para nós, cavalheirismo é somente um conto de ficção! O que ela lhe falou? Foi sobre passar a noite juntos?

O silêncio foi a minha resposta. E foi convincente.

— Ela quis atingir a mim, e não ao senhor! A mim, resta agradecer tudo que o senhor nos fez essa noite, apesar do que havia lhe falado. Creio que devo pensar seriamente em mudar de vida... Veja a Perpétua... Ela está simplesmente se divertindo de forma tão humana e tão, como posso dizer... saudável... Não sei se essa seria a palavra correta! Eu tinha me convencido uma vez de que isso não existia, mas existe, sim! Basta a gente continuar a nos relacionarmos com a mesma timidez e recato das crianças!

— Creio que a senhora esteja coberta de razão!

Ela ficou admirando Perpétua com os olhos marejados e retornei para a minha mesa. Lupe perguntou:

— Menina mimada?

— Realmente, não sei o que explicar. Acho que, desde quando a internet invadiu as nossas casas, a censura deixou de existir. O problema é que é mais fácil se fazer propaganda daquilo que se julga ser o melhor da vida do que mostrar suas consequências!

— Assim ela se engravidou?

— Pior que a gravidez... É achar que esse mundo é novo e que os velhos conceitos acumulados pelos milênios de existência não funcionam!

Elas, que estariam classificadas entre as que quebraram esses conceitos, ficaram em silêncio. Eu estava com raiva contida, não por Ofélia ou por Lupe e Pia. Estava com raiva da forma como os jovens ingênuos são levados a acreditar que são espertos. Esperei, e ainda espero, que as meninas não tenham interpretado que estivesse com algum sentimento negativo em relação a elas ou a alguma pessoa específica.

Fiquei calado. Perguntaram se eu queria mais alguma coisa, e eu preferi terminar o vinho. Pia falou com doçura:

— Vamos nos recolher! Amanhã, pretendemos ir na excursão ao pico. Você vai?

— Vou, sim! Mas, como estou um pouco mais descansado, ficarei por mais alguns instantes.

Elas se ergueram e cada uma me deu um beijo no rosto. E subiram discretamente ao seu quarto.

Em seguida, Heloísa, chamando Perpétua, também se retirou. A família de Diego foi logo atrás. O casal recém-casado continuou dançado uma música mais moderna, horrivelmente mal interpretada, e eu fui bebericando o vinho, até escutar uma voz trêmula, mas firme:

— Podemos sentar com o senhor?

Era o casal Frechiani. Estavam tão sorridentes que seria impossível para mim recusar!

— Será para mim um imenso prazer!

— Que bom! — falou seu João Carlos. — Sabe, somos capixabas, isso é, preferimos jogar conversa fora a dormir cedo!

— Expressão engraçada essa... — observei. — Jogar conversa fora... Eu não acho que conversa seja algo para se jogar fora! — e me ergui para que dona Maria Lúcia pudesse sentar. Ajudei também o seu João Carlos, pois a idade dele era bem avançada.

— O senhor dança muito bem! — foi a vez do velho observar.

Dei uma risada discreta:

— O senhor acha? Eu não concordaria... Eu realmente danço tão bem como um cozinheiro de quartel cozinha, ou seja, pessimamente, mas, na falta de opções, as moças não tiveram outra escolha!

— Se o senhor dançasse mal, as moças não dançariam! — falou a anciã. — As mulheres mudaram muito suas cabeças, mas se há uma coisa que continua em comum entre nós velhas e as jovens é que temos tanto bom gosto que, se houvesse o último cajuzinho do mundo e se esse fosse mal preparado, preferiríamos deixá-lo de lado!

— Ora! — exclamei. — Isso é lisonjeiro para mim!

— Dançar bem — continuou ele — não é só saber bailar o corpo, mas sim, conduzir a dama! Vamos deixar um pouco o feminismo de lado e encarar os fatos: independentes ou não, resolvidas ou não, líderes ou não, as mulheres adoram ser bem conduzidas quando dançam! Mesmo as duas lésbicas que estavam antes sentadas aqui, cultas como são, adoraram serem conduzidas pelo senhor. A gente via pelos rostos!

— Os senhores estavam me vigiando? — perguntei divertidamente.

— Ora, como o senhor, adoramos também a observar o mundo! É a maior diversão dos velhos!

— Mas, o que a senhora está dizendo, é um salvo-conduto para os machistas desse planeta se aproveitarem das mulheres!

Foi a vez do seu João Carlos falar, depois de algum tempo com o rosto estático num sorriso só:

— Conduzir, meu jovem, não é empurrar!

Gostei do que havia escutado. Há realmente uma enorme verdade sobre isso.

— Muito interessante! Tenho um livreto em que anoto as frases interessantes que escuto, e sua frase vai entrar nele!

Outro sorriso:

— Na verdade, estou parodiando um general inglês: Baden-Powell. Já ouviu falar?

— Bom, eu já fui escoteiro, e garanto que nessa época aprendi a ter ética!

— Isso mesmo! — ele concluiu satisfeito.

Mas eu queria aproveitar a chance de conhecê-los mais. Havia neles uma curiosidade que me corroía, quase mórbida! Aquela expressão encarando as montanhas diziam algo forte que, para mim, valeria a pena conhecer. Primeiro, perguntei:

— Os senhores vão à montanha, amanhã?

— Oh, não! Já fomos lá. É bonito lá encima, mas estamos um tanto velhos para essas estrepolias! É um passeio que vale a pena fazer e o senhor não deve perder!

— Mas os senhores gostam de montanhas, pelo que já observei na minha rotina!

— Não tanto as montanhas! — voltou a falar José Carlos. — Gostamos mesmo de contemplar o eterno!

Naquele momento, minha mente voou para o espaço. O que eles queriam dizer com isso? Para quem quer descobrir uma coisa de forma educada e sutil, ir direto ao assunto é uma péssima tática, que só deve ser usada em inquéritos. Eu não os estava inquirindo, só bisbilhotando.

Sim, para nós, humanos, de vida efêmera ante o conhecimento que adquirimos, as montanhas, o mar, as estrelas, os rios e os lagos representam o eterno imutável, que ali estão para lembrar que pisamos num chão que não é só nosso, e sim, também das nossas gerações futuras e, para isso, tínhamos de respeitar e perpetuar! Era isso que eles pensavam?

Porém, o conceito de eterno é relativo. Para uma mosca, cuja vida não dura mais que um dia, um prato de sopa é eterno. O mesmo para nós, que vivemos porcamente até um pouco mais um século, qualquer coisa que dure um milhar de anos, ou dois, é eterno para nós: tradições, religiões, hierarquias, formas de governo, bases morais e até organizações podem ser eternas para nós. E aquilo que dura milhões de anos? O homem nem tinha criado alguma coisa parecida como uma civilização quando aquelas montanhas já eram velhas! Não havia aldeias, clãs ou agricultura, muito menos a escrita. Na verdade nem mesmo os seres humanos existiam, quando a América se separou da África e, do outro lado, os Andes começaram a ser erguidos num processo de milhões de anos de duração.

Me recordo de um colega geólogo, que falava que milhões de anos não são um tempo longo na vida de um planeta. E completou soltando uma piada: "Assim, vai demorar um bom tempo até eu pagar sua dívida!". Como sou engenheiro, respondi: "Tudo bem, cobrarei os juros!". Assim, ele me pagou logo os cinquenta centavos que me pedira para completar a compra do cigarro.

Voltando ao presente, tentei provocá-los mais um pouco:

— Sabem, eu pensava que os senhores iriam virar o rosto da minha pessoa por dançar com duas moças homoafetivas... Na época dos senhores, os conceitos morais eram outros! Como posso dizer, esses conceitos não são eternos...

Dona Maria Lúcia explicou, didaticamente:

— Conceitos, meu jovem, são as coisas mais efêmeras que existem! Mudam, e estão mudando cada vez mais rapidamente. Estão mudando tanto nesses últimos dias que creio que em pouco tempo

ninguém vai saber o que significam! Veja bem, houve, na década de trinta, apesar da propagação da moral e dos bons costumes, uma certa aceitação nas preferências sexuais. Homossexuais, que hoje são chamados de homoafetivos, sejam rapazes ou moças, sempre existiram! Não quero julgar ninguém, mas guardo em mim o direito de ter meus conceitos. E, saiba, ao contrário que se pensa, apesar da exposição do comportamento ser mais discreta, todo mundo sabia quem era quem e não havia tanta discriminação! Minha tia se casou com um rapaz que, na verdade, era "amigo íntimo" de outro homem. Nada escandaloso, tudo muito comportado, e se acreditou que o casamento iria acertá-lo. Acertar não acertou, mas eles viveram em um mundo sem preconceitos. Quando chegou a década de cinquenta, as coisas ficaram mais complicadas; as pessoas passaram a seguir o "preto ou branco". O comportamento dos homens passou a ser mais agressivo. A moda dizia que os homens tinham que fumar, beber, usar camisas de gola e apostar em corridas de carros, enquanto as mulheres tinham que ser recatadas, submissas e acharem que os homens eram o suprassumo da espécie animal chamada homo sapiens! Os jovens homoafetivos eram agredidos enquanto não se falava muito desse relacionamento entre as mulheres. Elas sequer existiam e havia até religiosos que pregavam não só a submissão total delas como diziam que elas não possuíam alma, de modo que não iriam ao céu depois de mortas! Assim, o universo feminino só era valorizado pelas revistas de moda.

— Você não era nada submissa... — entregou o marido.

— Eu era uma professora! Uma categoria de mulher diferente dos demais conceitos. Os homens tinham medo delas porque eram mais inteligentes. Na verdade, muitas mulheres eram mais inteligentes que seus pares, mas a regra era elas se mostrarem burras! Quanto mais burras, mais garantido era o namoro. Como para se ser uma professora, se exigia preparo... muito mais preparo que se exige hoje, então poucos homens se dispunham a namorar com uma professora. Uma professora burra não subia na profissão e uma preparada não casava. Essa regra era geral!

O marido fez-lhe uma troça:

— Mas você era mais burra que eu...

— Sem dúvida... Tanto que casei com você e você casou comigo! Você foi inteligente e eu, burra de dar dó!

Não pude deixar de dar uma gargalhada! A orquestra parou de tocar... Somente nós ficamos no salão.

— Brincadeira... — falou seu João Carlos. — Ela era linda e era muito disputada!

— Sim... — ela corou. — E fui feliz em escolher esse maridão que tenho até hoje!

E continuou:

— Eis que chegou a década de setenta! A pílula não só liberou as mulheres, mas todo mundo. Homoafetividade, sexo grupal e até relações prematuras passaram a ser socialmente incentivados, pois era a nova moda! — ela se mostrava irritada enquanto ele fechava os olhos. — Eis que vieram meios de comunicação mais dinâmicos e rápidos, com um combate fechado contra tudo quanto é tipo de censura, principalmente nas grandes mídias, e começaram os conceitos a se misturarem. Não havia só uma moda! Veja, ao surgir a AIDS — engasgou —, vieram, ao mesmo tempo, o preconceito ainda maior contra os homossexuais como, paradoxalmente, a moda da homoafetividade, tão bem aceita que hoje nem se estranha mais o casamento entre homens e entre mulheres! E, pelo andar das coisas, viveremos assim! Há pouco tempo, se incentivava o sexo precoce! Agora, se combate a pedofilia, que, apesar de tudo, está crescendo! Olha, temo que isso se torne como a proibição das drogas! Antes, o combate era acirrado, mas hoje já se luta pela liberação. A prática sexual com menores, pelo amor de Deus, como as coisas estão acontecendo, vai acabar seguindo o mesmo caminho! — terminou com mostras de que estava revoltada.

— Eu torço para que esse dia não aconteça! — opinei sem mostrar que reparei nas alterações involuntariamente mostradas.

— Todos torcemos, mas temos de vislumbrar essas possibilidades, quer elas nos agradem ou não. Se bem que há uma

certa hipocrisia entre os dois lados: os contrários e os favoráveis! Como as mulheres agora não se submetem aos homens como antes, muito safado vai atrás de crianças novas, mais suscetíveis. Por outro lado, um jovem não pode namorar com alguém mais velho sem que o segundo seja praticamente apedrejado pela sociedade nos dias de hoje! Minha mãe começou a namorar com meu pai quando ela tinha quinze anos! Ele era vereador em São José do Calçado, uma cidadezinha no sul do Espírito Santo, quando se conheceram. Ele era vinte anos mais velho. Pediu permissão para o namoro e pouco antes dos dezoito anos dela, eles se casaram. Dizem que foi um casamento lindo! Ela faleceu jovem e ele, de desgosto, morreu um ano depois! Fomos criados pela nossa tia, irmã de papai, uma professora adoravelmente rabugenta! Ela vivia de cara fechada, mas não tinha quem não gostasse dela. Era justa, ajudava todas as pessoas e, afinal, nos criou!

Não sabia se concordava com tudo que Dona Maria Lúcia falava. Nem mesmo sei se esse diagnóstico da História da Sociedade estava correto. Ela era de uma cidade pequena e toda comunidade reduzida possui suas manias comportamentais, uma diferente da outra. Porém, tudo o que ela disse provocou meu cérebro. Ela era bem preparada, sem dúvida, e não era preconceituosa, coisa infelizmente comum entre muitas pessoas de idade avançada, até mesmo porque, como ela mesmo tinha dito, os conceitos são mutáveis. Mas eu queria entender um pouco mais desse mundo, quando chegou o Isidoro com uma garrafa de amaretto, anunciando:

— Por conta da casa, em homenagem ao nosso dançarino! Fale a verdade, você não gostaria de trabalhar no meu hotel?

— Tive a sorte de não pisar no pé de ninguém! Se eu fizer isso, você será processado!

Ele serviu três cálices de licor com a bebida e, antes de se retirar, perguntou:

— Estamos fechando a casa, mas os senhores podem ficar aqui, tranquilos. Há alguma coisa que posso providenciar para os senhores antes de me recolher?

Eu nunca vi tamanha delicadeza para informar que era hora de dormir. Seu João Carlos perguntou:

— Eu queria um espresso e uma cestinha de chocolates!

— Arrumarei agora! — e se retirou. Voltei ao assunto:

— Com tanta mudança de conceitos, o que era moda passa a ser condenável e vice-versa, como sobreviveremos?

— Como o senhor encara isso, nós queríamos saber? — perguntou a velha professora. — Nós falamos muito, mas gostamos bem de escutar.

Ela era boa! Poderia ser jornalista. Respondi o que eu achava:

— A sociedade é como o coco!

Confesso que me diverti internamente ao ver as expressões do casal. Continuei:

— Antigamente, minha mãe comprava umas latas de gordura de coco para usar nas frituras. Dizia ela que era mais saudável que o óleo de soja ou de girassol. Eis que, de repente, o coco passou a ser o vilão das dietas. E, com ele, o ovo e a carne de porco. Meu médico me mandou também parar de consumir manteiga e comer margarina. Agora, o coco voltou à moda, o ovo passou a ser o herói, começando, antes, pela clara, somente, agora a gema, também, e até a carne de porco voltou a ser boa. Hoje, como a senhora falou, até o bacon está na moda. Mas os conceitos estão tão misturados que não sei mais o que comer! Vejo muita gente que segue dieta comendo sanduíches e até pizzas de bacon, mas pregando hábitos ditos saudáveis. Um dia, em Miami, encontrei num restaurante, um cardápio cheio de fotografias e separados por capítulos. Onde estavam as saladas, tinha um título que, traduzido, seria: "Faça uma Opção Saudável"! Pedi uma salada especial da casa, saudável, mas carregada de croûtons e com uma espécie de farofa de bacon espalhada sobre as folhas!

Eles riram gostosamente. E insisti na minha dúvida:

— Mas como poderemos sobreviver nesse imenso caos social de mudanças de paradigmas, como se estivéssemos atravessando

um pântano sem saber onde pisar porque os buracos mudam de lugar?

Seu João respondeu:

— Você entendeu tudo muito bem! O caso não é mais evitar os buracos! É saber como sair deles ou não deixar que os buracos o façam encalhar!

— Mas como? — estava ficando um pouco ansioso.

O café e os chocolates chegaram. Ele pegou um bombom, que vim mais tarde a saber que era do seu estado, e o abriu lentamente, falando:

— Com caráter, meu jovem! Com caráter e sabedoria!

Foi com essas palavras que fui dormir. Apesar de ter dormido a tarde quase inteira, estava ainda com sono. Dizem que os velhos são pessoas de pensamentos retrógrados. Não achei isso deles, mas é verdade que muitos idosos têm realmente pensamentos atrasados e suas ideias não acompanharam a evolução dos tempos. Porém, assim como existem reacionários às novidades, existem novidades nocivas, escondidas atrás de modas ousadas que a juventude quer experimentar seja por ser moda, seja para desagradar o meio social onde vive! Por causa tanto dos pensamentos atrasados como das novidades cáusticas, até mesmo pessoas idosas com um pensamento atual, mas com experiência para ver de longe onde estão os erros, esses que raramente sendo invenções modernas, mas sim, antigas com roupagem e nomes modificados, são consideradas ultrapassadas. Isso não se limita somente ao comportamento social, mas extrapola na Administração Moderna e na Política.

No dia seguinte, acordei cedo e muito bem-disposto. Iria conhecer a neve eterna de um pico, eu que só vi uma coisa parecida quando tomei uma raspadinha com tequila, suco de limão e licor Strega em Miami. Fui bem calçado e com um agasalho grosso nos braços. O Isidoro já estava acordado e informou que, para quem vai pegar o ônibus, o café da manhã estava servido lá fora.

Maravilhoso serviço! Um bufê completo estava lá à nossa disposição. Peguei ovos mexidos e, lembrando ontem, resolvi comer bacon também! Café e torradas e um suco de laranja completaram minha refeição. Sentei sozinho a uma mesa vazia, mas logo tive companhia. As namoradas Pia e Lupe mal chegaram e vieram me fazer companhia.

— Podem duas damas vulneráveis sentarem-se perto do distinto e indomável cavalheiro?

Eu ri da troça delas e respondi à altura:

— Vocês se referem a vocês mesmas?

Pia, brincalhona, perto da risonha Lupe, olhou para todos os lados e completou:

— Não vejo mais ninguém!

— Pois o distinto cavalheiro está mais para pedir a proteção dessas duas formosas damas do que o contrário... Mas, sim, por favor, sentem-se!

Elas se sentaram. Lupe trazia uma tigela com um monte de cereais parecidos com rosquinhas coloridas encharcadas no leite, enquanto Pia preferiu algo mais do meu gosto: uma porção de salada de frutas.

Comemos rápido, com pouca conversa, pois o ônibus já tinha chegado. Nosso único assunto foi se cada um tinha dormido bem, o que foi unânime: todos dormimos maravilhosamente.

Entramos no ônibus e recebemos as instruções usuais de afivelarmos os cintos nas cadeiras. No fundo do ônibus tinha um banheiro e uma geladeira com água para quem quisesse, e partimos!

O ônibus não estava tão cheio. Aliás, os únicos que ficaram para trás foram Ofélia, Dona Maria Lúcia e o seu José Carlos. O resto estava tudo indo na excursão. Como cicerone, um chileno que falava português muito bem nos mostrava as belezas daquele país.

Tive a rara oportunidade de sentar à janela e assim pude contemplar bem o relevo tão estranho para nós brasileiros.

Paisagens deslumbrantes, vistas de pontos com alturas de tirar o fôlego, lagos azuis e cachoeiras provenientes do derretimento de um tipo de neve que beira a neve eterna das montanhas, até ver toda a paisagem local ficar branca e brilhante. Repentinamente, todas as vistas desapareceram, pois estávamos atravessando uma nuvem. O cicerone nos explicou que o ônibus teria de reduzir sua velocidade. Para quem não tivesse a experiência de dirigir naquela estrada, era recomendável que não se aventurasse. Nosso motorista, entretanto, possuía mais de vinte anos de experiência ali e estava seguindo todas as normas de segurança.

A estrada, mesmo alta e passando por penhascos elevados, não me pareceu mais perigosa que a maioria das estradas brasileiras à noite. Tinha vários "olhos-de-gato" mostrando seu delineamento.

Finalmente, saímos da nuvem, sob expressões gerais de admiração ante às belezas que se mostraram, e continuamos a viagem. Veio um frio repentino e todos começamos a colocar os casacos.

Foram duas horas de viagem e chegamos. No local, havia um simpático chalé de madeira com outro bufê na frente. Para os passageiros, estavam servidos chocolate quente, biscoitos amanteigados e uma espécie de sopa de amendoim que experimentei e achei deliciosa.

Dentro do chalé, havia, à venda, lembranças e casacos, gorros, cachecóis e meias com os nomes do hotel bordados. Isidoro era um gênio! Mas o melhor da visita era um mirante de madeira que dava em um precipício profundo, ou seja, na beirada da montanha.

Havia alguns binóculos potentes que funcionavam por vinte minutos com uma ficha. Comprei duas fichas valendo tudo o equivalente a dois dólares, e tentei vislumbrar algo além do mar de nuvens que se estendia para o horizonte. O cicerone me explicou:

— Daqui se vê o mar. Pode contemplar alguns morros perto de Concepción. De noite, dá para ver suas luzes!

— Estamos tão altos assim?

— Estamos mais altos que o Pico da Neblina, o mais alto do Brasil! — falou com um orgulho que achei divertido. — Estamos a três mil e oitocentos e doze metros!

Nenhum lugar do Brasil tem essa altitude! Quem não se encanta com tal informação!

— Aqui funciona à noite?

— Grupos especiais encomendam com antecipação uma noite aqui. Trazemos cozinheiros e um conjunto de música local, além de vinho... Muito vinho!

Deixei a longa contemplação da paisagem e preferi olhar para meus companheiros de viagem, enquanto ia pegar outra caneca de chocolate quente.

A família de Diego fez um boneco de neve para o bebê e estava tentando o impossível: tirar uma foto dele sozinho com a obra, sem que ele a destruísse. Diego não estava com eles. Heloísa estava sozinha, sentada num banco e me achei na obrigação de sentar perto dela.

— Permita-me!

Ela mostrou um sorriso tímido e falou, quase gaguejando, numa insistência que me incomodou:

— O senhor tem sido formidável conosco!

Certas horas, é melhor ficar calado, e foi o que fiz. Ela, ante meu silêncio, continuou:

— Estou muito envergonhada da opinião que tive a seu respeito...

Sorri. A mulher tinha caráter para revelar isso.

— Ontem, minha filha Ofélia e eu tivemos uma longa conversa! Eu tinha voltado ao restaurante para pegar uma tiara que a Perpétua tinha esquecido, e vi a delicadeza com que o senhor tratava os velhos. Vi a forma sem preconceito que o senhor conversava com as duas lésbicas e hoje até me encorajei para me aproximar delas

antes de irmos ao bufê. A forma como o senhor fez minha filha Perpétua dançar ontem fez com que ela voltasse a sorrir. O senhor foi em uma noite um pai que minhas filhas não tiveram!

Como as pessoas feridas, quando encontram qualquer condição favorável, exageram nos agradecimentos! Me limitei a perguntar:

— Por que a Ofélia não veio?

— Ela não queria vir, a princípio. Quase mudou de ideia, mas preferiu ficar para ler um livro na biblioteca do hotel!

— Que livro? — bateu-me a curiosidade.

— Deixe-me lembrar... Parece que era Crônicas de... de...

— Crônicas de Nárnia? — arrisquei.

— Isso mesmo! O senhor conhece?

— Oh, sim! Espero que ela goste! É muito edificante!

Ela sorriu e avisou:

— Vou pegar mais um chá! O senhor quer alguma coisa?

Observei minha caneca de chocolate ainda cheia e agradeci. Ela se levantou e não foi ao bufê logo, e sim, ao chalé, provavelmente ao banheiro.

Eu continuei no meu exercício mental predileto, em busca de uma boa inspiração. Os recém-casados tiravam fotos para cima e para baixo e, depois, o cicerone apareceu para tirar seus retratos. E Diego estava com Perpétua, guerreando com bolas de neve. Enquanto isso, Pia e Lupe tomavam chá, encostadas uma à outra, em outro banco.

Heloísa apareceu com um prato cheio de biscoitos e sanduíches.

— Acho que o senhor vai gostar disso!

Apreciei, sim. O almoço seria em uma hora e aquele frio todo me dava fome. Enquanto ela ficava no chá e eu no chocolate, dividimos os biscoitos e os sanduíches. Ela me perguntou:

— Provou daquela sopa?

— Sim!

— Gostou?

— Sim, gostei!

— Ah, eu não! Tinha gosto de amendoim. Detesto amendoim!

Eu ri abertamente. Ela se abriu para mim:

— Escute, a minha proposta de dormir com o senhor, se o senhor aceitar, continua de pé! Sei que o senhor é respeitador, mas sendo solteiro e heterossexual, creio que algumas necessidades podem ser angustiantes ao senhor!

— Senhora, estou passando por um momento de celibato total. Não me leve a mal, pois a senhora é uma mulher linda e desejável, de forma que quero que não se ofenda, mas não! Não quero! Se vocês mulheres têm o direito indiscutível de dizer não, nós, homens, também temos!

Ela me deu um beijo e completou:

— Se mudar de ideia...

Veio o almoço que foi realizado dentro do refeitório do chalé. Uma mesa só, enorme, com bancos toscos ao redor, onde vários pratos estavam colocados sobre pequenas toalhas de mesa individuais.

De entrada, foi servido um capeletti. Pia reclamou baixinho:

— Caramba, a gente não para de comer nessa terra?

— Eu estou me sentindo enorme! — falou a recém-casada. Pela primeira vez escutei sua voz.

Como bebidas que nos serviram enquanto tomávamos a sopa, vinho ou suco de framboesa. Eu e o pai de Diego ficamos no vinho, mas o resto cobriu de elogios o suco.

Como primeiro prato, veio um delicioso Pastel de Choclo recheado com linguiças moídas, ou sei lá como chamam por lá, que

combinou perfeitamente bem com o Casillero del Diablo que nos foi servido. O elogio ao prato foi geral. Finalmente, como segundo prato, nos apresentaram um salmão grelhado com molho de azeite e ervas que me fez ter vontade de pedir um visto de permanência nesse país!

Mas ainda tinha sobremesa: sorvete de creme com calda de framboesa. Essa fruta, pelo que soube, é bem consumida no país e seria de se estranhar que o hotel não a tivesse servido ainda nos cafés da manhã. Segundo soube por Isidoro, mais tarde, como o hotel era frequentado mais por brasileiros vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, sem o costume de experimentar algo fora do café-com-pão, o suco não era consumido e eles acabavam jogando fora. Mas na excursão, com uma apresentação de pratos típicos, ele não podia deixar de apresentar algumas das iguarias de uma cozinha internacionalmente respeitada.

Vieram o licor e o café. O pai de Diego foi lá fora e começou a fumar um charuto. As mulheres se entrosaram bem e começaram uma conversa com assuntos tão diversos, trocados a cada frase dita após palavras-chaves serem escutadas, que sinceramente não suportei o ambiente e saí com o jovem recém-casado.

Ele me seguiu e se sentou no mesmo banco que eu, puxando logo conversa:

— O senhor é escritor...

— Sim...

— Creio que eu jamais seria um escritor... Nunca consegui terminar um livro!

— E sua esposa não o incentiva?

— Ela... — o rapaz riu. — Ela nunca conseguiu começar um livro! Eu sou técnico em enfermagem e ela é recepcionista. Trabalhamos para o mesmo médico e ele nos deu esse presente para a lua-de-mel!

— É bom conhecer gente assim! — comentei.

— Oh, sim, é muito bom. Eu queria saber se um escritor ganha bem!

— Alguns ganham, mas não é o meu caso! Ganho melhor vendendo matérias para o jornal e dando palestras.

— O que é preciso se fazer para se ser escritor?

— Bom... — Primeiramente, tem que gostar de ler. Leia bem e bastante! Que livro você já tentou ler e não conseguiu?

Ele me passou uma lista verbal de livros de autoajuda e alguns livretos infanto-juvenis muito citados, na moda e com cinquenta páginas escritas em letras garrafais. Se ele nem conseguiu ler esse livro, imagino como seria com uma obra mais robusta.

— E revistas em quadrinhos, você lê?

Ele riu: — Não, senhor. Não leio essas besteiras, não!

Eu não soube o que dizer. Preferi ficar calado.

A jovem esposa do meu acompanhante me salvou da incômoda situação de ficar com alguém sem absolutamente nada sobre o que conversar. Pessoas simples, mas conhecidas do mundo, adquirem cultura encima de suas próprias vivências. Pessoas que adquirem uma profissão passam a ser cultas encima dos próprios estudos. O que dizer de uma pessoa que estudou, tem uma profissão, mas parou nela? Conhecimento é uma coisa que se leva para reuniões e cultura é fundamental para conversas. Cultura fútil leva a conversas fúteis. Cultura nerd nos conduz a esse tipo de cultura aparentemente fútil, mas que revela a evolução comportamental das pessoas nesses últimos tempos loucos. Novela não é cultura nerd. Afinal, alguém consegue se lembrar qual foi a novela que assistiu há cinco anos?

Uma característica dos nerds é que eles leem muito, seja livros, seja revistas, seja blogs.

E tem os cultos profundos, sejam esses eruditos, formados em faculdades com títulos de mestres e doutores, sejam pretos velhos que conhecem cada canto de cada passarinho, ou mesmo as velhas sinhás sabedoras de cada mazela que alguém sofre só em

olhar, escutar a tosse e o espirro ou o jeito que uma criança está chorando.

Ele não era nada disso e talvez nunca chegasse a ser. Era somente alguém fisicamente presente. Será, certamente, um bom pai e um marido carinhoso se não se deixar cair nas armadilhas da vida que infelizmente pegam mais provavelmente pessoas do seu tipo.

Sua esposa sorridente o chamara para ver uma coisa. Ela não soube ou não quis dizer o que era, mas o levou para o meu alívio. Não que ele estivesse me incomodando... Nada disso! Simplesmente, perto de gente assim, eu temo em constrangê-lo. Só isso!

Heloísa, vinda do colóquio, chegou e veio logo se sentar ao meu lado. Se é para ter alguém com pouca cultura ao seu lado, pessoalmente prefiro as companhias femininas, pois elas sabem sempre ser mais agradáveis. Mas não era seu caso, evidentemente. Ela chegou para mim, já falando:

— Pobre rapaz, casou-se com uma p(*) que lhe corneou até no dia do casamento! Ficamos só nós, mulheres, lá dentro, e a mãe do Diego perguntou a ela como foi o casamento, e ela soltou o verbo!

Sinceramente, eu precisava saber dessa história? Se ela me contasse, pessoalmente, eu ficaria escutando até com certo prazer, mas escutar de alguém que mostra certo prazer de falar mal dos outros, acho bem desagradável!

A tarde ia chegando e mostrando mais paisagens. As nuvens se dissiparam e gastei mais dois dólares para contemplar com o binóculo. Pude ver o nosso hotel, um pequeno e desprezível ponto, quando visto a olho nu.

O frio aumentou com o vento e nosso guia chamou todos de volta ao ônibus. Sentei exatamente no mesmo lugar de antes, assim como quase todo mundo. Minha cadeira ficava lá atrás e os dois bancos da frente, antes livres, foram, dessa vez, ocupados pelas crianças Diego e Perpétua. Trocaram ideias animadamente sobre filmes e música, numa conversa até gostosa de se escutar. Uma

coisa em comum é que eles não eram muito fãs da música moderna brasileira, mas gostavam dos conjuntos que seus pais escutavam: Titãs, Legião Urbana, Skank e outros. Falando-se em cultura, esses dois tinham uma cultura nerd que poderia levá-los ao erudito. As músicas modernas que eles gostavam eram as de Lady Gaga e suas contemporâneas.

Eu escutava sem deixar de contemplar as paisagens, agora, sem uma nuvem para ocultar e me sentindo mais aquecido dentro de ônibus. Sou daqueles que gostam de viajar de avião pela janela, olhando para baixo tudo o que conseguir ver. Não gosto de perder a oportunidade de contemplar o belo e o eterno.

Depois de algum tempo parado, vendo o sol começando a se pôr atrás de alguns montes, me deparei que havia muito silêncio na frente. Olhei e vi o jovem casal trocando beijos carinhosos.

Juventude!

Chegamos finalmente ao hotel. O próprio Isidoro nos esperava à porta, com os braços abertos. Ofélia estava atrás dele!

Depois das perguntas de praxe se todos gostaram daquela pequena e maravilhosa aventura, entramos. O jantar estava já à nossa disposição e preferi ir logo ao refeitório, onde encontrei o simpático casal Frechiani entretido numa conversa que me pareceu ser romântica e nostálgica.

Sentei à uma mesa afastada, após me servir de salada do bufê. Hoje, não seria a la carte até mesmo para as pessoas comerem rápido e descansarem. Isidoro realmente pensa em tudo.

Comi a salada devagar e, depois, me levantei para me servir de um pedaço pequeno de lasanha de frango com creme branco. Tinha pedido ao garçom uma garrafa de branco seco e ia começar a me degustar da refeição, quando os recém-casados pediram licença para se sentarem à minha mesa, me fazendo companhia. Não me incomodei, esperando que dessa vez eles emitissem uma opinião que me fizesse mudar de ideia a respeito dos dois.

— Sabe, Dengosa, ele é um escritor! — falou o rapaz.

— Nossa, e como o senhor escreve?

— Bom... Vou colocando as letras até formarem as palavras e continuo assim, até terminar! — respondi, contendo minha irritação. Resolvi usar a tática de falar o mínimo possível da minha vida para eles e tentar extrair o que haveria de interessante da vida deles, apenas os escutando!

— Nossa! — exclamou a moça, se mostrando impressionada. — O que o senhor escreve? Novelas?

Novela é um estilo literário leve, curto e excelente para se passar o tempo. Mas tive a certeza de que ela se referia a um estilo de programa de televisão carregado, extenso e excelente para roubar o tempo de nossa vida. Sorridente, fiz sinal que não com a cabeça.

— Escrevo para livros e jornais! — respondi quase laconicamente.

O marido se levantou para fazer seu prato e ela continuou sentada:

— Sabe, eu não tenho paciência para ler essas coisas... Meu marido, sim, é um intelectual. Mas não costuma terminar seus livros. Ele termina quando começa a ficar chato.

— Sei...

— Eu gosto mesmo é de cantar e dançar. Vou me inscrever num programa de televisão para o pessoal me ver cantando!

Não quis saber o que ela cantava, mas ela insistiu:

— Sabe o que eu canto? — e descreveu uma lista de cantigas que eu nunca escutei e nem quero escutar nessa vida, a partir de títulos de naturezas agressivas, machistas e com referências chulas às vidas das pessoas mais simples, como estão se exprimindo culturalmente agora. Cartola, Adoniran Barbosa e Jararaca e Ratinho deixaram de ser referências a serem copiadas.

Chegou o marido com um prato com arroz, feijão, lasanha, filé de frango empanado, filé de carne de porco, salada e sopa de milho. Uma obra prima de equilíbrio físico.

— Ah, ele chegou! Dá licença que vou apanhar o meu!

E se levantou rapidamente. O homem parecia que tinha mergulhado a cabeça no prato e, usando o garfo como se fosse uma pá de coveiro, devorava seu conteúdo. Eu não tinha percebido antes a forma como ele se alimentava, o que dá para revelar muito o comportamento e a cultura de uma pessoa. Eu me encantei ante esse espetáculo.

Ela chegou trazendo um prato igual, somente com porções mais reduzidas, proporcionalmente ao tamanho dos dois. E comeu como ele.

Ficaram calados, comendo até o final. Depois, ele se levantou para comer mais e ela se mostrou orgulhosa disso. Sim, existem pessoas que correspondem o apetite de um homem ao seu desempenho sexual. Um psicólogo me afirmou que isso era um fato, mas eu simplesmente não acredito.

Fui dormir exausto da pequena aventura. Levei as boas sensações para os meus sonhos. E, no dia seguinte, acordei recuperado. Amanhã, eu começaria minha viagem de volta para minha terra.

Estava um dia bonito. Soube que havia chovido, enquanto visitávamos a montanha, porém, o dia estava claro, quente, sem ser sufocante, e com um ar cheirando deliciosamente o melhor perfume que a natureza podia oferecer.

Tomei meu café da manhã sozinho: frutas, café e uma torta que consumi acompanhada de queijo. E fui dar uma caminhada.

Andei pouco, pois deparei com os velhos Frechianis sentados juntos num banco, contemplando a montanha.

Quando me aproximei deles, reparei nos seus olhos vermelhos e molhados. Fiquei preocupado, mas não quis me intrometer na vida deles e continuei meu caminho.

Cerca de duas horas depois, eis que encontrei o casal diante de um táxi. O motorista colocava sua bagagem no porta-malas.

— Já estão indo? — perguntei com um pouco de tristeza.

— Já! Já vamos, mas voltaremos no ano que vem. Tem um cruzeiro para a Europa nos esperando!

— Ah, isso é importante. É meu plano para o ano que vem!

Foi a vez de Dona Maria Lúcia falar:

— Mas o senhor não vai sozinho, não é? Cruzeiro sem um acompanhante não tem graça alguma!

— Levo livros! — foi minha resposta.

— Certamente vai levar! — falou o marido. — Mas navegar com livros, até numa boa biblioteca a gente consegue! Livros não são tudo na vida!

Eles tinham argumentos para tudo. Confesso que viajar de navio era um dos meus planos, mas sem uma boa companhia, a tarefa começou a me parecer impraticável.

E eles se foram. Isidoro pessoalmente se despediu deles, junto comigo. Fizeram-me prometer visitá-los em Cachoeiro de Itapemirim.

— Meus melhores fregueses! Todos os anos vêm aqui. A reserva deles já está confirmada!

— Eu vi que eles estavam muito tristes, hoje cedo!

Isidoro deixou de sorriso e me olhou no fundo dos olhos. E declarou:

— Estou vendo que você gostou muito deles e eles também gostaram de você!

— É... Creio que sim!

— Tenha certeza! Venha comigo!

Me conduziu até seu escritório. Uma saleta pequena com uma escrivaninha, um computador, um armário cheio de livros

de receitas e contabilidade e uma cafeteira, de onde ele tirou duas canecas de café, me servindo uma. E me confidenciou, depois de nos instalarmos em confortáveis cadeiras:

"Os Frechianis são maravilhosos! Pessoas de caráter, vidas corretas, profissionais respeitados e gente querida onde eles vivem e passam. Para se ter uma ideia, eu dou descontos nas diárias, especialmente para eles, para garantir seus retornos. Eles, entretanto, têm um problema sério: seus filhos!

"Veja bem que estou contando isso para você por causa da amizade que você cultivou com eles. Essa história lhes fere muito e, muitas vezes, querendo agradar, sem conhecer a história deles, indesejavelmente podemos feri-los. E eles não merecem isso.

"Eles tiveram um casal de filhos. Uma moça, a Carla, e um rapaz, Otávio. Como a família era rica, eles queriam que os filhos se educassem nas melhores escolas do mundo, mas, como nem os meninos queriam ficar longe dos amigos, nem os pais queriam ficar longe dos meninos, eles estudaram mesmo em Cachoeiro de Itapemirim, e, nisso, não houve arrependimentos. Costumamos, nós, brasileiros, achar que tudo que é bom está lá fora, e, muitas vezes, temos o melhor aqui mesmo, debaixo de nossos narizes!

"Mas todos sabemos que a sociedade hoje não valoriza os melhores alunos. Ela só dá valor aos que têm algo físico melhor que o dos conhecidos. Entre as pessoas ricas, as roupas, a moto, o carro são ícones adorados, verdadeiramente idolatrados entre os jovens. Entre os pobres, vão também peças de roupas e, no lugar do carro, uma arma de fogo encanta... E, como eles não podem adquirir, são tentados para ir às violências. E, infelizmente, muitos vão!

"Acontece que a ambição não tem limite. Sempre há algo melhor, e, para quem possui caráter fraco, as frustrações viram uma doença horrível, que infelizmente muita gente não percebe. E, assim, sem que se dê conta, a mesma ambição frustrante geradora de violência que dá no pobre, dá no rico, também! Essa doença é bem democrática: não se importa com o bolso de quem é atacado!

"Os pais, certamente, ricos ou pobres, querem ver seus filhos longe desse esquema maligno. Pais pobres lutam contra os soldados das favelas, amados pelas meninas, desde novos com títulos de responsabilidade ofertados pelos amados chefões e portadores do direito de vida ou morte sobre quem eles quiserem. Existe algo mais atraente que isso? Qual menino não sonha ser um capitão do tráfico? Qual garota não quer ser a preferida de um chefão? Já os pais ricos se preocupam com a independência que os jovens arvoram ter. Papai e mamãe não mandam neles, eles estão pouco se interessando se devem chegar em casa na hora estipulada ou mesmo avisam, com seus celulares caros, aonde estão, levam amigos e até namoradas para comer e dormir em casa sem aviso prévio e se encantam com os jovens que como eles são detentores do poder até mesmo de morte. Tudo isso gera o encanto sobre o mundo das drogas, e, depois, fora as posições sociais, os meninos ricos não têm diferença alguma com os pobres: os gostos culturais passam a ser os mesmos, os hábitos e os gostos são os mesmos e a universalização das classes acaba acontecendo, mas não da maneira que os filósofos utópicos, se é que sejam coerentes, imaginavam. Não seria pela harmonia, compreensão mútua ou sentimentos perfeitos de fraternidade, mas sim, pelo vício, pelo crime e pela ânsia por bens materiais. Um mundo horrível que tende a ser globalizado mais rapidamente que o mundo cristão".

Fiquei chocado ao escutar isso. Nunca tinha pensado antes nesse assunto sob tal ótica e não pude, e até hoje não posso, dizer se concordo ou não. Tenho que me aprofundar mais sobre isso, mas confesso que tenho medo... muito medo!

Isidoro continuava:

"E foi nesse mundo que os filhos dos Frechianis caíram! Quando se chega à adolescência, os jovens decidem se seguirão os passos dos pais ou não. A enorme maioria, simplesmente para mostrar aos progenitores que, aos quinze anos, possuem mais experiência de vida que eles aos quarenta, dizem que não seguirão e vão atrás dos seus gurus, que sejam quaisquer pessoas que demonstrem que os pais estão errados, são mentirosos e não

desejam outra coisa senão dominar seus filhos. Essa escolha pode ser permanente ou ser repensada, e o exercício de formação do caráter é fazer com que eles repensem nessa decisão. Se for cedo, os filhos acabarão seguindo os passos dos pais e se espera que seja num caminho melhor. Quando a decisão vem tarde, então o caminho tomado será diferente e pior, seja pelo crime, seja escolhendo a estrada dos medíocres, ou seja, se tornando aquele ser humano que ninguém sente falta nesse planeta, como um mero ocupante do espaço desse mundo.

"Quando o rapaz chegou aos vinte anos de idade, ele, sob influência de um narcotraficante carioca que estava se estabelecendo no sul do estado, acabou se tornando um gerente de tráfego nos círculos sociais mais abastados. Comprou um iate onde organizava festinhas regadas a drogas e tudo o mais. Uma garota menor de idade tinha morrido de overdose e eles a atiraram aos tubarões e alegaram acidente. Alguns agentes da Polícia não caíram nessa, mas não conseguiram incriminá-lo. Porém, quando o cerco ao tráfico aumentou, o rapaz teve de ser eliminado por ser uma possível testemunha. A amizade, a parceria e as relações sociais foram simplesmente deixadas de lado. Ele foi eliminado com um tiro, simplesmente. Morreu como um miserável, alguém que nasceu e viveu no seio do crime, apesar de todas as lutas que seus pais travaram para ele viver na família. Para piorar, o desgraçado do filho deles, essa é a única expressão que posso descrevê-lo, ao sentir que estava condenado à morte, deixou uma mensagem revelando ter se acordado sobre o mundo em que havia se metido e declarou que a culpa cabia exclusivamente aos pais que deixaram que ele se deixasse ser conduzido pelas más amizades!

"Os velhos Frechianis não se deixaram abalar pela mensagem, mas certamente ficaram chocados pela morte do filho. O caminho que ele tinha tomado costuma levar a maioria das pessoas à morte prematura e nenhum pai realmente espera ou deseja isso!

"Mas, ao que parece, o caso da menina foi pior! Ela, aos quinze anos, também se envolveu em drogas, na categoria de usuária. Aos dezesseis anos, foi hospitalizada e recebeu tratamento de

desintoxicação. Ela teve sorte de não ter se tornado uma testemunha do tráfego, mas isso não mudou em nada seu destino. Ao sair do hospital, o médico apresentou à família o pior dos diagnósticos consequentes: ela tinha adquirido AIDS.

"Isso abalou a família em todos os sentidos. O irmão, ainda vivo, mesmo com o dinheiro que adquirira no crime, recusara ajudá-la, dizendo que o problema era exclusivo dela. A fortuna dos Frechianis foi abalada, mas isso não os levou à bancarrota. A menina entrou num tratamento sério contra a doença e, pelo que eles contaram, chegou a virar num cadáver vivo, tão magra que ficou, cheia de pústulas no corpo, com o corpo deformado. Mas ela se recuperou bem e até se aventou em ter uma vida social futura. Foram cinco anos de luta, até que, numa noite perto do seu aniversário, ela dormiu e não acordou mais. Morreu na cama, vítima de uma tuberculose oportunista que viera tão avassaladora como inesperada. O que parecia ter sido uma tosse inocente, a matara. Uma das frases que ela tinha dito quando soube da doença, bem no princípio, foi em prantos: 'Mãe, o que eu fiz para merecer isso?'. Dona Maria Lúcia sabia da resposta, mas não teve coragem de dizê-la. Afinal de contas, para que serviria? Não seria uma covardia falar com ela que se tivesse ouvido os pais, isso não teria ocorrido?

"O caso é que em todo o mundo, mas bem fortemente no nosso país, a sociedade está valorizando o comportamento independente dos jovens. Não é certo que os jovens venham a ser conduzidos pelos pais pelo cabresto, mas eles devem vislumbrar que existem valores que são eternos. A família carrega esses valores. Há casos, bem o sei, de famílias que desconhecem esses valores e assim são uma família de mentira, em que cada papel, no lugar de ser seguido, é simplesmente interpretado nos momentos mais convenientes.

"São esses valores eternos, como respeito, reconhecimento da experiência dos mais velhos, aceitação do inconformismo dos jovens, amor, dedicação à estrutura da família, tolerância, carinho e o estabelecimento de atitudes sagradas como hora do jantar, hora de contar histórias, almoço do dia dos pais, das mães ou qualquer

coisa dessas, os pilares que eternizam a união familiar. E não precisa de tudo isso para sustentar a estrutura da família.

"Os Frechianis bem que lutaram para manter os rituais ou os momentos sagrados de sua família, como ocorria com os demais Frechianis seus parentes. Mas não conseguiram. Não se sentem culpados, mas não deixam de lamentar. O eterno sagrado deles não nasceu ou morreu prematuramente.

"Por isso é que, desde o primeiro dia que eles chegaram aqui, eles se apaixonaram pelo local. Ao contemplarem as montanhas eternas dos Andes, eles passaram a contemplar o eterno que não puderam ter.

FINAL DE JORNADA

Depois de uma longa jornada de quase três meses, passando pelo interior de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, indo para o Uruguai, cruzando rapidamente a Argentina, terminando no Chile e retornando pelo Paraguai e de novo passando pelo interior do Paraná até pegar a Via Dutra, onde deixei uma boa porção de capital nos pedágios, descansando no Rio de Janeiro e prosseguindo, cheguei à minha terra natal.

Poderia até dizer que fiquei cansado, mas foi uma viagem leve, com muitas paradas. Com as minhas observações enviadas ao meu editor, mais uma boa reserva monetária, pude me reter e descansar tranquilamente, sem compromissos, desde os lugares mais abandonados desse planeta até os mais requintados. Deixei um diário, mas aproveitei somente três passagens: a da Vila da Curva, a qual pretendo nomear um livro, a de Montevidéu, onde acabei interferindo para solucionar um problema, e no Chile, onde sem querer interferir na vida de alguém, simplesmente praticando uma observação silenciosa a fim de entender a deliciosa miscelânea comportamental dos humanos, acabei alterando o comportamento de uma família.

Mas, enfim em casa. Cheguei, entrei no meu amplo apartamento e liguei para o meu antigo empregador do escritório de Engenharia que, se ele me quisesse de volta, eu já estava disponível. Promessa era dívida. Ele, um bom amigo de infância, ficou até bem

alegre e pediu para que eu passasse lá na próxima segunda-feira que tinha um projeto que ele queria que eu assumisse. É bom ter amigos e é bom ser um bom empregado. Ficar três meses de folga, um tempo sabático do tipo das antigas licenças-prêmio, e ser bem recebido é uma chance que não é para qualquer um.

Na verdade, nem preciso trabalhar tanto. Apesar de ser pouco o que eu ganho com minhas publicações em jornais e meus livros, sou bem econômico e vivo modestamente. Mas trabalhar por um período na empreiteira de um amigo não deixa de dar um certo prazer e dá para juntar um bom capital adicional para as minhas extravagâncias.

Poderia ser feliz vivendo assim? Claro que sim... Mas não sou. No exato momento em que escrevo minhas últimas memórias, as lágrimas me vêm aos olhos. E o que tenho de relatar é uma lembrança trágica!

Depois de recuperar as minhas forças em casa, na manhã seguinte, bem cedo, fui ao cemitério... Lá estavam minha esposa e nossa filha única!

Para quem gosta de mexer tanto com a memória como eu e também de relatar os acontecimentos, lembrar e descrever a morte trágica das duas é algo que me é tão doloroso que simplesmente não tenho a mínima coragem ou força de fazê-lo aqui. Até tentei dar esse relato a um terapeuta, mas não consegui. As lágrimas me sufocaram.

E, diante do túmulo delas, eis que me encontro novamente sufocado em lágrimas. Que saudades! Como sinto falta delas! Como me deliciava com as duas em casa... o bom humor de Marília e a meiguice da Cíntia...

Deixei no túmulo delas um buquê de rosas cor-de-rosa, as preferidas de Marília, e outro delicado de margaridas, que Cíntia tanto gostava de brincar de bem-me-quer...

Eu poderia, um ano após a tragédia, já estar com outra mulher ou, pelo menos, ter atendido às necessidades humanas de

ter relações sexuais consentidas... Aliás, como pode ser conferido nos meus relatos, mais que consentidas: oferecidas! Porém, em toda mulher que eu via e todo o perfume que eu sentia, eu construía Marília em meus pensamentos. Toda criança que eu vislumbrava vinha em forma de reencarnação de Cíntia. Mais de uma vez, vi mãe e filha vindo na minha direção e eu tomava sustos, imaginando que, por um milagre, elas tivessem escapado do desastre do avião em que estavam.

Não adquiri medo de voar com isso, mas sentia uma necessidade imensa de ganhar o mundo, e foi o que fiz... Mas a realidade deve estar de volta, e, na verdade, queria estar ali, junto a elas, num abraço perene, prolongamento daqueles momentos em que, deitado na cama, cada uma deitava em um braço meu e ficávamos longamente falando dos assuntos mais bestas do mundo, só para escutar a risada gostosa da minha filhota... Risada essa que não existe mais!

Eis que, no meio das lembranças mais tristes do mundo, que me assaltavam me destruindo qualquer tipo de ânimo de viver que possuía, ouvi uma voz conhecida atrás de mim:

— Eu deveria ter apostado que eu ganharia!

Olhei para trás e tive uma grande surpresa: José Antônio. Veio de Montevidéu para cá!

Pousou um braço em meus ombros e falou do seu jeito de que sabe de tudo nesse mundo, porém de uma maneira carinhosa, paternal:

— Quando soube que você rejeitara Consuelo, logo imaginei que havia atrás de você uma tragédia... Aí, me recordei que você tinha se casado e, um ano depois, nascera uma menina! E aí estão!

— Você se preocupou comigo!

— Preciso de alguém que tenha ânimo de filosofar cinicamente sobre esse mundo comigo, e você é meu parceiro ideal!

— Muito obrigado... Mas estou bem! — respondi. — Daqui a pouco estarei inteiro para falarmos sobre o mundo!

— Não... Não estará bem! Ninguém se recupera disso de graça! Existe até uma estatística que relaciona os lutos não consumados com incidência de doenças sérias, principalmente o câncer! Você tem de voltar a viver! E, se não é por você, tente fazer um bem a quem lhe ama perdidamente para, quem sabe, não hoje mas, mais tarde, você se beneficiar com isso!

Não resisti e provoquei, sem pensar bem sobre o que ele tinha me falado:

— Não me diga... Você está apaixonado por mim...

José Carlos mostrou uma falsa expressão de assustado e ralhou:

— Deixa de ser imbecil... Tenho três ex-esposas para cuidar e você ainda pensa que estou atrás de outro tipo dessa aventura? Não... Ela está chegando. Demorou porque resolveu colocar um sapato de salto baixo para esse terreno arenoso.

Era Consuelo. Ao me ver, se aproximou e me deu um abraço terno. E falou em português carregado de sotaque:

— Chegamos e ainda não tomamos café da manhã... Vamos... venha com a gente...

E eu fui!

(27) 3376-0363

facebook.com/EditoraMilfontes

@editoramilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes. Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.

Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!

Este livro foi composto utilizando-se a família tipográfica Cormorant Garamond.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

Editora Milfontes

2021